

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Economia Política

**Diálogo entre os conceitos de Desenvolvimento Sustentável e Felicidade Interna Bruta
para o esboço de um novo conceito: a Felicidade Sustentável.**

Ana Filipa Verol de Araújo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Social e Solidária

Orientador:

Prof. Doutor Rogério Roque Amaro, Professor Associado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2018

Resumo

O presente trabalho pretende explorar a felicidade como motor e objetivo primordial do desenvolvimento. Num primeiro momento pretende-se estudar o conceito de desenvolvimento, suas críticas e inovações, focando os conceitos de desenvolvimento alternativo e conceitos alternativos ao desenvolvimento, nomeadamente o conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS) e de Felicidade Interna Bruta (FIB). Após reflexão sobre ambos os conceitos, será discutida a mais valia da sua complementaridade, ou seja, ao invés de olhá-los numa perspetiva copulativa? Assim, ao integrar os dois, integramos as suas melhores características e propomos o esboço de um novo conceito, o de Felicidade Sustentável (FS). Este, à semelhança dos seus fecundadores propõe diretivas para a definição e construção de medidas que orientem o desenvolvimento no sentido da redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar enquanto experiência individual - do indivíduo - e coletiva - da comunidade/ sociedade.

Palavras-chave:

Desenvolvimento

Desenvolvimento Sustentável

Felicidade

Felicidade Interna Bruta

JEL Classification System:

Q01 - *Sustainable Development*

Q56 - *Environment and Development*

Abstract

This paper proposes to explore the role of happiness in development. In the first instance, the concept of 'development' will be analyzed, alongside the purposes of 'alternative development' and 'other alternatives to development' per se such as 'Sustainable Development' and "Gross National Happiness". Following some reflection on these two concepts, the paper will then focus on their complementary benefits, in lieu of accepting them as being on individual planes. This way, the best characteristics of each one of the concepts can be integrated into a new proposed concept: 'Sustainable Happiness'. Similarly to its predecessors this new notion involves a series of guidelines for the creation and definition of measures that can be used through development to reduce misery and increase happiness and well-being as both a personal and a collective experience.

Keywords:

Development
Sustainable Development
Happiness
Gross National Happiness

JEL Classification System:

Q01 - *Sustainable Development*
Q56 - *Environment and Development*

Índice

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Índice de Figuras | xi |
| Índice de Quadros | xi |
| Glossário de Siglas | xi |
| PARTE I - INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Pertinência Pessoal | 3 |
| 1.2. Pertinência Científica | 4 |
| 1.3. Pertinência Social e Política | 4 |
| 1.4. Objetivos | 6 |
| 1.5. Questões de Partida | 6 |
| 1.6. Opções Metodológicas | 7 |
| 1.7. Apresentação do trabalho por capítulos | 7 |
| 1.8. Dificuldades encontradas e Limitações da análise | 8 |
| PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 9 |
| Capítulo I Desenvolvimento | 9 |
| 1.1. Contexto Histórico | 9 |
| 1.2. Modelo de Desenvolvimento Europeu | 9 |
| 1.3. Influências no Modelo de Desenvolvimento Europeu | 10 |
| 1.4. Desenvolvimento e Crescimento Económico | 10 |
| 1.5. Progressos e Privações resultantes do Modelo de Desenvolvimento Ocidental | 11 |
| 1.6. Conceitos de Desenvolvimento Alternativo - 1º Mudança | 11 |
| 1.7. Conceitos Alternativos ao Desenvolvimento - 2ª Mudança | 14 |
| 1.8. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) | 16 |
| Capítulo II Desenvolvimento Sustentável | 19 |
| 2.1. Breve Evolução Histórica do Conceito | 19 |
| 2.2. Críticas ao conceito de Desenvolvimento Sustentável | 20 |
| 2.3. Proposta de Reformulação do conceito de Desenvolvimento Sustentável baseado na Experiência da Macaronésia | 21 |
| 2.4. O Ciclo do Crescimento Económico como primeira dimensão do Desenvolvimento Sustentável | 22 |
| 2.4.1. Consequências Positivas e Negativas do Crescimento Económico | 24 |
| 2.4.1.1. Consequências Positivas | 24 |
| 2.4.1.2. Consequências Negativas | 25 |
| 2.4.1.2.1. Pobreza Extrema | 25 |
| 2.4.2.2.2. Fraca Segurança alimentar | 27 |
| 2.4.2.2.3. Condições Precárias de Saúde | 27 |
| 2.4.2.2.4. Impacto Ambiental e Perda de Biodiversidade | 27 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.4.2.2.5. Super Povoação das Metrópoles | 27 |
| 2.5. Antropoceno, A Nova Era | 28 |
| 2.6. Outros Indicadores para a Sustentabilidade no Desenvolvimento | 30 |
| 2.6.1. IDH - Índice de Desenvolvimento Humano | 30 |
| 2.6.2. Coeficiente de Gini | 31 |
| 2.6.3. IPH - Índice de Pobreza Humana | 31 |
| 2.6.4. IPM - Índice de Pobreza Multidimensional | 31 |
| 2.6.5. Indicadores de Sustentabilidade | 31 |
| 2.6.6. IFIB - Índice de Felicidade Interna Bruta | 32 |
| 2.6.7. Bem-Estar Subjetivo | 32 |
| Capítulo III Felicidade como impulsionadora e objetivo primordial do desenvolvimento | 35 |
| 3.1. Abordagens à felicidade | 35 |
| 3.1.1. Filosofia | 35 |
| 3.1.2. Teologia | 36 |
| 3.1.3. Política | 36 |
| 3.1.4. Economia | 37 |
| 3.1.5. Psicologia | 38 |
| 3.1.6. Ciência | 39 |
| 3.2. Mas afinal o que é a felicidade? | 40 |
| 3.3. O que nos faz sentir mais ou menos felizes? | 40 |
| 3.3.1. Rendimento | 41 |
| 3.3.2. Trabalho | 42 |
| 3.3.3. Capital Social | 43 |
| 3.3.4. Valores e Religião | 44 |
| 3.3.5. Saúde Mental | 44 |
| 3.3.6. Saude Física | 45 |
| 3.3.7. Família | 45 |
| 3.3.8. Educação | 46 |
| 3.3.9. Género | 46 |
| 3.3.10. Idade | 46 |
| 3.4. Medição e Avaliação da Felicidade | 47 |
| 3.5. Como se encontram a felicidade e o bem-estar distribuídos pelo mundo | 49 |
| Capítulo IV Felicidade Interna Bruta - Estudo de Caso | 53 |
| 4.1. Breve contextualização geográfica, política e sócio económica | 53 |
| 4.2. O conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) | 54 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 4.3. A Génese do Índice | 57 |
| 4.4. O Índice | 59 |
| 4.4.1. Características de construção do Índice | 59 |
| 4.4.2. Domínios e Indicadores | 60 |
| 4.4.3. Ponderação dos indicadores e domínios e resultado final | 66 |
| 4.5. Resultados do Índice de 2015 | 69 |
| 4.6. Evolução do Índice ao longo do tempo (2010-2015) | 71 |
| 4.7. Implicações para as Políticas Públicas | 72 |
| 4.8. As Críticas ao Conceito e Índice | 72 |
| PARTE III - ALGUMAS NOTAS FINAIS | 75 |
| 3.1. Diálogo entre o conceito de Desenvolvimento Sustentável e Felicidade Interna Bruta para o esboço de um novo conceito - a Felicidade Sustentável | 75 |
| 3.2. Adequação do Quadro Teórico | 78 |
| 3.3. Sugestões de propostas para redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar globais | 79 |
| 3.3.1. Doença Mental e Física | 80 |
| 3.3.2. Educação | 81 |
| 3.3.3. Alterações Climáticas e Perda de Biodiversidade | 83 |
| 3.3.4. Desigualdade de Distribuição de Riqueza | 84 |
| 3.4. Sugestões de outras teses ou trabalhos para futuras investigações | 86 |
| Referências bibliográficas | 87 |
| Anexos | 89 |

Índice de Figuras

| | |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 2.1. As 3 dimensões do conceito de Desenvolvimento Sustentável. | 20 |
| Figura 2.2. Evolução do crescimento económico nos últimos milénios. | 23 |
| Figura 2.3. Distribuição do PIB per capita no mundo. | 26 |
| Figura 2.4. Limites Planetários. | 29 |
| Figura 3.1. Distribuição da felicidade no mundo no início do século XXI. | 50 |
| Figura 4.1. 9 domínios da Felicidade Interna Bruta (FIB). | 56 |

Índice de Quadros

| | |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1.1. Síntese dos conceitos de desenvolvimento alternativo. | 13 |
| Quadro 1.2. Síntese dos conceitos alternativos ao desenvolvimento. | 16 |
| Quadro 3.1. Características externas e internas da felicidade. | 41 |
| Quadro 4.1. Principais dados sobre o Butão. | 54 |
| Quadro 4.2. Resultados do Índice de Felicidade Interna Bruta, 2015. | 69 |
| Quadro 4.3. Comparação dos resultados dos índices de 2010-2015. | 71 |

Glossário de Siglas

ACS - Agente Comunitário da Saúde

APD - Ajuda Pública ao Desenvolvimento

BM - Banco Mundial

CBS - Centre for Bhutan Studies

DS - Desenvolvimento Sustentável

ESS - European Social Survey

EVS - European Values Survey

FS - Felicidade Sustentável

FYP - Five Year Plan

GNH - Gross National Happiness

GWP - Gallup World Poll

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

FIB - Felicidade Interna Bruta

IFIB - Índice de Felicidade Interna Bruta

IPH - Índice de Pobreza Humana

IPM - Índice de Pobreza Multidimensional

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milénio

ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONGD - Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

ONU - Organização das Nações Unidas

PDM - Países Menos Desenvolvidos

PIB - Produto Interno Bruto

PMB - Produto Mundial Bruto

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UE - União Europeia

WHR - World Happiness Report

WVS - World Values Survey

PARTE I - INTRODUÇÃO

Numa primeira parte do trabalho é discutido o conceito de desenvolvimento com base nos cânones ocidentais, intrinsecamente associado aos progressos da era industrial, que dominou no pós-II Guerra Mundial, na década de 50, nos países desenvolvidos (tanto capitalistas como socialistas) e serviu como modelo de referência aos países em desenvolvimento. Apesar de ter resultado em progressos verificados na melhoria do bem-estar material, da escolarização, das condições e acesso à saúde, e em avanços tecnológicos, observando à escala global constata-se que estes progressos não foram mundialmente generalizados (destacando-se os países africanos, sul americanos, e asiáticos) (Amaro, 2014). Para além desta privação, de acordo com alguns relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU), é possível destacar outros aspetos que se sentiram em todo o mundo, nas várias dimensões que constituem a vida - social, cultural, política, ambiental, económica, de valores, etc. - concluindo-se assim que os modelos do desenvolvimento impostos não resultaram.

Deste modo, nas décadas de 60/70, gera-se uma necessidade de novas soluções e modelos de desenvolvimento alternativo, tanto ao Norte como a Sul, que têm uma base democrática e interdisciplinar, unindo diversos atores sociais, que de forma criativa, considerando o respeito pela Natureza, o contexto local e a realização de capacidades endógenas e tradicionais, rompem com as estratégias e modelos de desenvolvimento obsoletos. Os principais conceitos apresentados são: o desenvolvimento sustentável (que incorpora a fileira ambiental); o desenvolvimento local ou comunitário e desenvolvimento participativo (fileira *people centred*); o desenvolvimento humano (que resultou no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, primeira vez que uma organização internacional, a ONU, propõe um complemento ao Produto Interno Bruto - PIB) e desenvolvimento social (ambos pertencentes à fileira dos direitos humanos e mínimos de dignidade social, resultantes do trabalho da ONU, da Organização Internacional do Trabalho - OIT e do Banco Mundial - BM). Para a pertinência do presente trabalho importa salientar o conceito de Desenvolvimento Sustentável, que apesar de a sustentabilidade ambiental já vir a ser discutida desde a década de 70, o conceito de Desenvolvimento Sustentável é abordado pela primeira vez em 1987, no Relatório de Brundtland.

No entanto, também os conceitos de desenvolvimento alternativo sofreram alguma pressão e acabaram por ser integrados pelo desenvolvimento economicista, pelo que na década de 90 os movimentos feministas, movimentos de povos indígenas, dos sem terra, da ecologia, de economia social e solidária, entre outros (Ferreira e Raposo, 2018:7), bem como autores como Wolfgang Sachs, Gilbert Rist, Majid Rahnema, Arturo Escobar, Ivan Illich, Gustavo Esteva, e Boaventura de Sousa Santos, contribuem para a construção de conceitos alternativos ao desenvolvimento. A nova era devia agora dar oportunidade aos países do sul que através dos seus conhecimentos tradicionais e das suas relações com a natureza são capazes de conceber conceitos alternativos ao desenvolvimento. O principal conceito apresentado nesta fase é o conceito de "*Buen Vivir*", tradução espanhola para "*Sumak Kawsay*" (do Povo Quechua, no Equador), mas que tem outras denominações consoante os povos indígenas que o convocam. Este conceito ancestral coloca o Homem em plena harmonia com a *Pachamama* (Mãe Terra/Natureza) e com a comunidade. Surgiram outros conceitos nesta fase, mas o que interessa referir para a relevância do presente trabalho é o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) que nasce no Butão, no início da década de 70, considerando a felicidade e o bem-estar dos

cidadãos como motor para o desenvolvimento do país, uma vez que este é o objetivo primordial do indivíduo.

Neste âmbito, são abordados autores como Roque Amaro, Gilbert Rist, Gustavo Esteva, Wolfgang Sachs, Barbara Ferreira e Rita Raposo, José María Tortosa, Jeffrey Sachs, E.F. Schumacher; documentos formais como a Constituição do Equador e outros informais como a Carta do Índio de Seattle ao Presidente Franklin Pierce em 1855; bem como o trabalho de instituições e organizações internacionais como a ONU, o BM, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Posteriormente são aprofundados os dois conceitos pertinentes ao presente estudo, o conceito de Desenvolvimento Sustentável e o de Felicidade:

- O conceito de Desenvolvimento Sustentável apresenta ampla validação científica, pois é um conceito fortemente enraizado. No entanto, não é estável nem completo, pelo que tem sofrido inúmeras críticas. De modo a alertar para os perigos da nova era em que vivemos, moldada pelo Homem nas suas inúmeras atividades e comportamentos durante os séculos passados, foram elaborados os Limites Planetários onde podemos constatar em que ponto nos encontramos nas alterações dos sistemas físicos e biológicos, incluindo o clima, o ciclo do carbono, o ciclo da água, o ciclo do nitrogénio e a biodiversidade, pondo em risco o padrão climático do qual a humanidade e os outros seres vivos dependem. Assim, existe a necessidade de corrigir os erros, proteger o existente e recuperar o que for possível. É neste sentido que surgem outros indicadores para além do PIB que contemplam outras dimensões da vida, e não apenas a riqueza de uma nação.
- A Felicidade é o objetivo primordial do indivíduo, pelo que deve ser o principal indicador do desenvolvimento. Neste sentido, são elaborados inquéritos que colocam diretamente às pessoas questões acerca do seu bem-estar subjectivo em dois tipos de avaliação, uma que aborda a satisfação geral com a vida e outra as emoções positivas e negativas. Partindo destes inquéritos são obtidos resultados que constituem uma base de dados, à qual governos e instituições nacionais e globais vão buscar informação para construção de políticas públicas que visam a redução da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade. Este processo encontra-se ainda a dar os primeiros passos, pelo que apresenta algumas falhas. No entanto, importa salientar o Índice de Felicidade Interna Bruta (IFIB) que nasceu de um conceito anterior (década de 70) e revolucionário, e cujo objetivo é investigar minuciosamente as várias dimensões da vida, que afetam a felicidade e o bem-estar do indivíduo e da sociedade. Tanto o conceito como o índice são apresentados como estudo de caso:
 - O conceito de FIB, apesar de ter tido a sua génese na mesma década do conceito de DS (década de 70), desenvolveu-se num país fechado ao mundo e com recursos bastante reduzidos, pelo que o impacto que teve fora do Butão só foi sentido mais tarde, o que contribuiu para o desenvolvimento lento do conceito e índice. Uma vez que é dever do governo proporcionar o maior bem aos cidadãos, em 1972, o então Rei declarou que a felicidade e bem-estar dos cidadãos seria a partir daquele momento o motor de

desenvolvimento do país, pelo que criou as condições necessárias para a implementação desse novo indicador que mede e avalia vários domínios da vida dos cidadãos. Deste modo, é possível perceber quais as dimensões com maior e menor carência para a felicidade e bem-estar, e posterior implementação de políticas com o objetivo de melhorar esses níveis.

Num momento final, os conceitos de Desenvolvimento Sustentável e FIB são colocados em diálogo de modo a fortalecer as suas dimensões e tecer considerações importantes para a construção do esboço de um novo conceito, o conceito de Felicidade Sustentável, cujos pilares nascem das forças dos conceitos que o fecundaram. O novo conceito tem como objetivo explorar a felicidade como motor e objetivo primordial do desenvolvimento e portanto, propor diretivas para a definição e construção de medidas que orientem o desenvolvimento no sentido da redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar enquanto experiência individual - do indivíduo - e coletiva - da comunidade/ sociedade.

No âmbito do tema da felicidade são abordados autores como Howard Cutler, 14º Dalai Lama, Mattieu Ricard (na área da teologia e filosofia), Tania Singer, Richard Davidson (na área da neurociência), Martin Seligman, Mihály Csikszentmihalyi (na área da Psicologia Positiva), Bruno Frey, Richard Layard, John Helliwell, Richard Easterlin (na área da Economia da Felicidade), Ven. P. A. Payutto, Clair Brown (na área das Economias Budistas), Dasho Karma Ura, Tshoki Zangmo, Sabina Alkire, Sua Majestade Jigme Khesar Namgyel Wangchuck (no âmbito do conceito de FIB do Butão). Também são abordados alguns documentos considerados relevantes como o Relatório Mundial de Felicidade (WHR) de 2015, a Constituição do Butão, o Relatório do Inquérito de FIB 2015; tal como o trabalho de algumas instituições e organizações centrais no desenvolvimento deste tema como é o caso do Centro de Estudos do Butão (CBS), bem como as já mencionadas: ONU, BM, OCDE.

1.1. Pertinência Pessoal

No decurso da minha vida fui cruzando pessoas, países, culturas, tradições, situações e contextos muito diferentes que contribuíram para a construção da minha noção de desenvolvimento. O desenvolvimento baseado apenas na produção de bens e serviços, ou seja, na riqueza material deixava-me desassossegada e, consoante os mundos que cruzava fui percebendo que o objetivo primordial do indivíduo e da sociedade não era o máximo rendimento, mas a maior felicidade e bem-estar. Deste modo, o presente trabalho tem um papel muito importante no meu percurso pessoal, pois através dele foi-me possível encontrar pistas para um Desenvolvimento Sustentável cujo foco é o indivíduo e a sociedade na sua dimensão holística. Com este trabalho pude viajar ao longo da evolução do conceito de desenvolvimento até aos dias de hoje e entender como a felicidade e o bem-estar estão a ganhar importância nas agendas nacionais e internacionais, contribuindo para a mudança de paradigma na definição de estratégias que ambicionam o fim da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar gerais. Este é o objetivo e responsabilidade de todos os cidadãos de todos os países e nações. No entanto, é nítido que os países ricos têm uma fatia maior de responsabilidade, pois foram os maiores poluentes na era industrial, cujos efeitos se fazem sentir em todo o mundo hoje, e também porque são os maiores detentores da riqueza e tecnologia, o que significa que têm

possibilidade de ajudar no desenvolvimento responsável dos países pobres através do programa de Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD).

Atualmente, considerando os conceitos abordados ao longo do presente trabalho, bem como as experiências partilhadas, sinto que começo a descobrir um caminho, no qual o Homem tem a necessidade intrínseca de ser feliz no seu dia-a-dia ao estar com os outros, no trabalho, na vida em comunidade, consigo mesmo, na vida política, e em harmonia com a natureza que o envolve e lhe fornece todos os recursos.

1.2. Pertinência Científica

A pertinência científica do presente trabalho justifica-se pelo facto de apresentar conceitos ainda novos, pouco explorados e revolucionários como é o caso do conceito de felicidade e, mais especificamente, de Felicidade Interna Bruta (FIB). Estes começam a ocupar lugar pertinente nas agendas internacionais e como tal, ganham terreno na área científica, na medida em que diversos autores e áreas distintas da ciência, desde a economia (Bruno Frey, Richard Layard, John Helliwell, Richard Easterlin, Ven. P. A. Payutto, Clair Brown), à psicologia (Martin Seligman, Mihály Csikszentmihalyi), filosofia (Howard Cutler, 14º Dalai Lama, Mattieu Ricard), política (ex-Secretário Geral da ONU Ban Ki-Moon, dirigentes políticos como David Cameron, Nicolas Sarkozy), neurociências (Tania Singer, Richard Davidson), entre outras, se debruçam sobre o tema e procuram partilhar conhecimento e descobertas na procura ativa de respostas que suportem e influenciem as decisões estratégicas globais tanto de governos nacionais, como de instituições e organizações mundiais (ONU, BM, OCDE). O processo apesar de embrionário apresenta os primeiros passos como consistentes e relevantes para o progresso.

Outro facto que também justifica a pertinência científica do trabalho é a interligação entre o conceito de Desenvolvimento Sustentável e FIB, criando pontes entre as dimensões que se sobrepõem e acrescentando as que se considerem essenciais ao suporte do desenvolvimento holístico. A proposta de integração de ambos os conceitos num esboço de um novo conceito, o de Felicidade Sustentável, apesar de ser apenas um esboço, tem como objetivo primordial propor diretivas globais para orientar o desenvolvimento no sentido da redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar enquanto experiência individual - o indivíduo - e coletiva - a sociedade, considerando as características e condições do contexto local mas integrando a nível global, numa rede de cooperação entre governos, instituições e organizações nacionais e internacionais.

1.3. Pertinência Social e Política

A conjuntura atual - fortemente marcada por desigualdades sociais, alterações climáticas com efeitos devastadores para as zonas mais vulneráveis, e com apenas 1/4 da população mundial a responder à questão sobre a satisfação geral com a vida no nível 5 da escala (o ponto médio) -, é prova de que as estratégias convencionalmente assentes no PIB, como indicador para medição do crescimento e desenvolvimento dos países, não é suficiente. Outros fatores são desconsiderados por este indicador como é o caso da saúde, educação, cultura, tradição, ambiente, felicidade e bem-estar, entre outras

dimensões da vida. É nesta sequência que urge reflectirmos e encontrarmos soluções criativas e inovadoras que garantam a redução da miséria e o aumento da felicidade e do bem-estar gerais (objetivo primordial do indivíduo).

Neste sentido, organizações internacionais como a ONU e o BM desenvolveram outros índices como complemento ao PIB, dos quais interessa salientar os seguintes: Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, (criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), na década de 90) que propõe medir o desenvolvimento humano segundo 3 dimensões básicas do bem-estar: PIB *per capita*, sucesso escolar e esperança média de vida à nascença; Índice de Pobreza Humana, IPH, (criado pela ONU igualmente na década de 90) para medição da taxa de pobreza num determinado país, através da avaliação de 3 componentes: população que não atinge os 40 anos de idade, população analfabeta e ausência de acesso aos recursos públicos e privados como saúde, água potável e nutrição; Índice de Pobreza Multidimensional, IPM, (criado da necessidade de colmatar lacunas do IPH) que avalia em múltiplas variáveis agregados familiares em vez de indivíduos e permite perceber a intensidade da sua pobreza; Indicadores de Sustentabilidade (aprovados pela ONU, na década de 90) com o objetivo de avaliar o desempenho das nações no Desenvolvimento Sustentável, de modo a desenvolver estratégias e políticas que conduzam ao desenvolvimento sustentável de todas as áreas geográficas; Índice de Felicidade Interna Bruta, IFIB, (desenvolvido pelo Butão, na década de 70) avaliando várias áreas da vida dos cidadãos, de modo a perceber quais as que têm maior carência e que afetam negativamente a felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade, de modo gerar resultados que permitam a implementação de políticas com o objetivo de corrigir essas carências e melhorar o nível de felicidade e bem-estar geral; e Bem-Estar Subjectivo (início do século XXI) que utiliza 2 tipos de medição: avaliação da felicidade afetiva, que se refere às emoções diárias, e que se subdivide em emoções positivas e emoções negativas, e avaliação da satisfação geral com a vida; e cujo objectivo é criar uma base completa para que governos e instituições tenham acesso aos dados necessários para elaboração de políticas que visem a redução da miséria e o aumento de felicidade e bem-estar global.

Dos índices mencionados saliento o IFIB, revolucionário à época, pois pela primeira vez eram avaliadas todas as dimensões da vida humana, com o objetivo de posteriormente trabalhar os resultados e aplicá-los em políticas públicas que visam o aumento de felicidade e bem-estar. Devido ao seu carácter inovador, este índice será desenvolvido como estudo de caso mais adiante e colocado em comunhão com o conceito de Desenvolvimento Sustentável de modo que, ambos, consigam chegar mais além.

Todos os países e regiões do mundo têm áreas a trabalhar, dependendo do contexto em que se encontram, pelo que supor que felicidade e riqueza estão diretamente relacionadas é um erro. Muitos outros factores contribuem para a nossa felicidade e bem-estar para além do rendimento. Este tem um papel muito importante nos países mais pobres, mas conforme a riqueza geral aumenta, a sua importância diminui, tal como podemos constatar nos países ricos, onde existem outros factores que têm um grande impacto na felicidade e bem-estar dos indivíduos e sociedades, como sentimento de pertença à comunidade, confiança na comunidade, boa governança, saúde física e mental,

segurança social e económica, trabalho digno, relações familiares e com amigos, liberdade, estabilidade política e participação política.

Assim, a pertinência social e política são justificadas de modo muito próximo, pois o papel do Estado e dos governos é promover a maior felicidade e bem-estar dos cidadãos, enquanto indivíduos e sociedade.

1.4. Objetivos

Os objetivos do presente trabalho podem ser divididos em 5 etapas distintas. Numa primeira etapa, pretendo entender o conceito de desenvolvimento e sua evolução até à atualidade, momento em que nos encontramos a unir esforços para dar cumprimento aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030. Numa segunda etapa, interessa-me aprofundar o conceito de Desenvolvimento Sustentável, entender as 3 dimensões que o compõem e o impacto das estratégias e medidas propostas. Posteriormente, pretendo estudar a felicidade como objetivo primordial do indivíduo e portanto das estratégias globais definidas para o desenvolvimento. Para tal, devem ser consideradas todas as dimensões da vida, tal como proposto pelo Butão num índice inovador e revolucionário. O estudo aprofundado do Índice de Felicidade Interna Bruta (IFIB) constitui o objetivo seguinte do presente trabalho. O porquê da sua origem, a evolução do conceito e posterior construção do índice, a recolha de dados e seu tratamento de modo a constituir a base para a construção de políticas públicas que visam o aumento da felicidade e do bem-estar dos cidadãos que ainda não são felizes. Por fim, o último objetivo do trabalho é estabelecer o diálogo entre os dois conceitos destacados - o de Desenvolvimento Sustentável e o de FIB - de modo a identificar forças que contribuam para a reestruturação de políticas públicas e propor o esboço de um novo conceito, a Felicidade Sustentável, cujo objetivo seja o fim da miséria e o aumento da felicidade e do bem-estar gerais.

1.5. Questões de Partida

Uma vez que o presente trabalho pretende colocar em diálogo o conceito de Desenvolvimento Sustentável e o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), com vista ao esboço de um novo conceito, as questões de partida que coloco são as seguintes:

- 1. Os conceitos de Desenvolvimento Sustentável e de Felicidade Interna Bruta são capazes de dialogar no sentido da construção de um novo conceito mais completo?;*
- 2. Que forças encerra o novo conceito e como pode contribuir para a reestruturação das políticas públicas nacionais e globais que guiam o desenvolvimento?*

Com as questões colocadas pretende-se perceber quais os pontos em que ambos os conceitos tocam, quais os que se complementam e quais os que são mais fortes ou mais fracos, de um ou de outro conceito, e de que modo se transformam quando agarram as forças do outro. Desta fecundação nasce um novo conceito, (para já em forma de esboço) já não é o Desenvolvimento Sustentável nem

a FIB, mas sim um outro que encerra em si as forças de ambos e que trabalha as suas fraquezas, no sentido de as transformar positivamente.

Por sua vez, o novo conceito, denominado de Felicidade Sustentável (FS), desenhará as suas diretivas para a definição de estratégias e posterior construção de políticas para a redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar gerais, que devem ser implementadas a nível local, de acordo com as características e condições locais, mas fiel aos pilares que suportam a rede global, actuando do mesmo modo que atualmente os governos e organizações atuam relativamente aos ODS. O processo de intervenção através de uma abordagem de acupuntura, permitirá a construção de uma rede que crescerá numa teia global, partindo do micro/local para o macro/regional, e tendo como objetivo a felicidade e o bem-estar das pessoas, e a preservação do ambiente e das culturas.

1.6. Opções Metodológicas

Enquanto investigadora inquieta-me a questão do desenvolvimento e da felicidade, de como ambos os conceitos podem trabalhar juntos para algo maior. Assim, iniciei o presente trabalho com 2 questões de partida (anteriormente mencionadas), cujo objetivo é encontrar respostas para uma melhor compreensão da problemática. Partindo das questões colocadas tenho a possibilidade de explorar várias metodologias para encontrar o caminho e a resposta ao que procuro. No entanto, considerando a minha situação (em termos de disponibilidade pessoal e profissional) como a falta de experiência relativa aos métodos utilizados em ciências sociais (sou mestrada em arquitectura) e pouca disponibilidade de tempo para adquirir esses conhecimentos, a opção que mais se me adequa é a pesquisa bibliográfica e análise documental (Quivy, 2005). Deste modo, defino o modelo de tese a desenvolver como teórico. Num primeiro momento são identificados alguns autores chave de acordo com sugestão do orientador de tese, o Professor Dr. Roque Amaro, e posteriormente são selecionados e explorados pequenos artigos e excertos de textos integrais, com o intuito de construir a problemática e o quadro teórico. Na fase seguinte é desenvolvida a leitura que deve ser sujeita a reflexão, bem como a resumo e, sempre que possível, devem ser organizadas discussões com colegas e orientador. O trabalho vai ganhando corpo com a construção de um modelo de análise que apresenta e relaciona os conceitos mais relevantes para resposta às questões de partida. Por fim, na conclusão, devem ser respondidas as questões colocadas como resultado do processo desenvolvido e, apresentados novos conhecimento teóricos na forma de novos contributos para a problemática.

1.7. Apresentação do trabalho por capítulos

O trabalho encontra-se organizado em 3 partes. Na primeira é feita a Introdução aos conceitos a estudar ao longo da segunda parte, bem como a intenção de construção de um esboço de novo conceito, e seu impacto no desenvolvimento (a ter lugar na terceira parte). Neste momento são justificadas as pertinências pessoais, científicas, sociais e políticas do trabalho, bem como os seus objetivos, questões de partida, opções metodológicas e limitações.

Na segunda parte é elaborado o enquadramento teórico que é constituído por 4 capítulos. O primeiro aborda o conceito de desenvolvimento e sua evolução até à atualidade, momento em que nos

encontramos a unir esforços para dar cumprimento aos ODS até 2030. O capítulo seguinte aprofunda o conceito de Desenvolvimento Sustentável, e apresenta as 3 dimensões que o compõem e o impacto das estratégias e medidas propostas. Posteriormente, o terceiro capítulo aborda a felicidade como objetivo primordial do indivíduo e portanto das estratégias globais definidas para o desenvolvimento. Para tal, devem ser consideradas todas as dimensões da vida, tal como proposto pelo Butão num índice inovador e revolucionário. O estudo aprofundado do Índice de Felicidade Interna Bruta (IFIB) constitui o objetivo do capítulo seguinte. O porquê da sua origem, a evolução do conceito e posterior construção do índice, a recolha de dados e seu tratamento de modo a constituir a base para a construção de políticas públicas que visam o aumento da felicidade e do bem-estar dos cidadãos que ainda não são felizes.

Por fim, na terceira parte do trabalho são estabelecidas algumas notas finais através do diálogo entre os dois conceitos destacados - o de Desenvolvimento Sustentável e o de FIB - de modo a identificar forças que contribuam para a reestruturação de políticas públicas e propostas para o esboço de um novo conceito, o de Felicidade Sustentável, cujo objetivo deve ser o fim da miséria e o aumento da felicidade e do bem-estar gerais.

1.8. Dificuldades encontradas e Limitações da análise

A maior dificuldade encontrada para o desenvolvimento do trabalho foi a escassez de informação criteriosa sobre o tema da felicidade e mais especificamente do conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB). Os textos e documentos lidos sobre o conceito de FIB foram essencialmente, mas não só, recebidos diretamente do Centro de estudos do Butão (CBS). Outro aspeto prende-se com a dificuldade de medição da felicidade/bem-estar subjetivo, uma vez que é algo subjetivo e bastante complexo. No entanto, através da pesquisa bibliográfica e análise documental foi possível focar os aspetos mais relevantes.

O ceticismo de algumas áreas científicas em relação a este conceito, e o facto da medição da felicidade/bem-estar subjectivo ser ainda um processo embrionário, dificultou igualmente pela inexistência de indicadores globais. No entanto, os inquéritos ocidentais existentes têm já uma área de abrangência extensa que permite aferir os factores essenciais, tal como o Índice de felicidade Interna Bruta (IFIB) perante a avaliação das múltiplas dimensões que constituem a felicidade dos cidadãos.

Deste modo, o trabalho de cariz teórico serve num primeiro momento como base para pistas futuras. A ideia inicial era de aplicação do IFIB ao contexto ocidental, no entanto, de acordo com o orientador de tese, entendeu-se que o estudo do conceito por si, seria conteúdo suficiente para corpo de tese, pelo que seria mais proveitoso entender primeiro o conceito e, noutra oportunidade, aplicá-lo.

PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I | Desenvolvimento

1.1. Contexto Histórico

Na década de 1950, pós II Grande Guerra Mundial, afirma-se o conceito de desenvolvimento, num contexto global que encerra em si vários acontecimentos: a Europa luta pela reconstrução da guerra retomando caminhos para o progresso, segundo o Plano Marshall; as ex-colónias europeias visam iniciar caminhos para o progresso como nações independentes; e os Estados Unidos da América (EUA) e a União Soviética bi-polarizam o mundo segundo os seus interesses estratégicos. Nos países capitalistas o estado afirma-se enquanto intervencionista na economia e na sociedade, visando o bem-estar e progresso, no seguimento da linha keynesiana e *welfare state*, enquanto os países socialistas seguem a linha do marxismo-leninismo, baseando-se na propriedade coletiva. No entanto, o grande desafio para os dois blocos de países, capitalistas e socialistas, é a “Paz e Desenvolvimento” (Amaro, 2018).

Outro acontecimento que se destaca e assinala este período é o discurso de Truman (ponto quatro), em 1949, quando afirma perante a população mundial a supremacia dos países industriais (e em especial a supremacia dos EUA) apresentando o progresso destes, como solução aos problemas dos restantes, os quais são pela primeira vez denominados de áreas subdesenvolvidas (*underdeveloped areas*) (Rist, 2008:70,71). Esta declaração tem um tremendo impacto nos países a sul, reduzindo as suas inúmeras identidades e diversidade enquanto tuaregues, quechua, zapotecos, entre outros, a uma só: a de subdesenvolvidos (Sachs, Wolfgang, 2010:xxi-xxiii). Pode, assim, considerar-se que o desenvolvimento é um processo a ocorrer, enquanto que o subdesenvolvimento é o estado das coisas, o segundo é portanto embrionário do primeiro e através do processo de aceleração pretende alcançá-lo (Rist, 2008:73,74). Constatamos, então, que o maior objetivo de todas as nações é fugir ao subdesenvolvimento (Esteva, 2010:2).

1.2. Modelo de Desenvolvimento Europeu

Deste modo, na sua afirmação, o conceito de desenvolvimento, toma como modelo de referência os países ocidentais, pois, como sociedades industriais são o exemplo de desenvolvimento, sendo denominados de países desenvolvidos, por contraponto aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (todos os outros países não industrializados). Deste modo, nos países desenvolvidos podemos apontar duas principais influências do conceito: o progresso material, que foi possível através das mudanças introduzidas com a Revolução Industrial em finais do século XVIII; e a mudança cultural e ideológica, introduzida pela Revolução Francesa, em finais do mesmo século. Convém, no entanto, reforçar que o conceito de desenvolvimento não é inventado no pós-guerra, falando-se, por isso, neste período da sua afirmação e não da sua génese. O desenvolvimento está intrinsecamente associado aos progressos e “boas práticas” verificados na “modernidade” ou “era industrial” (Amaro, 2004:42), durante os 200 anos anteriores, desde finais do século XVIII, quando

ambas as revoluções tiveram lugar provocando profundas mudanças na sociedade rural e agrícola da época.

1.3. Influências no Modelo de Desenvolvimento Europeu

A Revolução Industrial, que decorre de inúmeras outras revoluções de menor dimensão como a revolução agrícola, do comércio, dos transportes e vias de comunicação e tecnológica, tem efeitos ao “nível das condições materiais e objetivas de vida e produção” (Amaro, 2004:43), estando associada a novidades como: a industrialização; o progresso tecnológico; a divisão técnica do trabalho; a urbanização (cidades e fábricas). Estas novidades contribuíram fortemente para o crescimento económico, produzindo bens e serviços em abundância e afastando o problema da escassez, uma vez que na era anterior a produção estava dependente das condições climáticas, do solo, do vento, da água, da força humana e animal, o que em alturas más culminava em más colheitas ou na destruição das mesmas, levando à morte pela fome. Após a Revolução Industrial, esta situação altera-se, devido à utilização do carvão como fonte de energia primária. Apesar de ser um combustível fóssil e por isso uma fonte não-renovável de energia, permitiu um crescimento exponencial da economia permitindo a abundância em contrapartida à escassez.

Por sua vez, a Revolução Francesa, decorrente das revoluções cultural e filosófica, religiosa, científica e política, provoca alterações nos “valores e condições subjectivas da vida” (Amaro, 2004: 43), nomeadamente na passagem do teocentrismo (doutrina que considera Deus como o criador e o impulsionador de todas as coisas) ao antropocentrismo, doutrina que considera o Homem como ser racional e livre, atributo chave do ser humano, para conduzir a história, afirmando-se sobre os outros seres vivos.

Deste modo, a influência das duas grandes revoluções que moldaram o conceito de desenvolvimento que dominou no pós-guerra nos países desenvolvidos (tanto capitalistas como socialistas) e que serviu como modelo de referência aos países em desenvolvimento, baseou-se no crescimento económico (produto da Revolução Industrial) e no antropocentrismo (produto da Revolução Francesa). Assim, os 30 anos seguintes à II Grande Guerra Mundial refletem estes resultados na economia, produção, consumo, industrialização, tecnologia, racionalismo, uniformismo, urbanização, e são por isso denominados de os “30 anos dourados” ou os “30 anos gloriosos”.

1.4. Desenvolvimento e Crescimento Económico

Com base no modelo de desenvolvimento apresentado, verifica-se que desenvolvimento e crescimento económico estão intrinsecamente relacionados, quando o desenvolvimento é reduzido ao rendimento por pessoa. Deste modo, o crescimento económico é fator fundamental para o desenvolvimento, e garantia do bem-estar e progresso. Fala-se de desenvolvimento económico, que nesta linha de pensamento surge como meio de avaliação do desenvolvimento de um país, o PIB/*capita* (indicador de crescimento económico), ou seja, a soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região durante um período determinado, que dividido pela população reflete o nível de vida desse país. No entanto, todas as outras dimensões da Vida (saúde, educação,

cultura, ambiente, etc.) são desprezadas nesta perspetiva. Outro conceito que contribuiu para esta “promiscuidade” (Amaro, 2004:48) foi o conceito de industrialização como base do crescimento económico, alastrando-se desde a Revolução Industrial dos países desenvolvidos aos restantes países do mundo. A industrialização é então “apresentada como uma etapa obrigatória na caminhada dos países do Terceiro Mundo para o desenvolvimento” (Amaro, 2014: 48). Simultaneamente surge a modernização como conceito dominante nos primeiros 30 anos do pós-guerra. Esta associa-se à substituição dos métodos e contextos artesanal, rural e tradicional, pelos métodos industriais, urbanos e, conseqüentemente, modernos. A modernização é, assim, imposta aos países em desenvolvimento como o caminho a seguir, de acordo com os modelos de referência ocidentais.

1.5. Progressos e Privações resultantes do Modelo de Desenvolvimento Ocidental

De facto, o processo de desenvolvimento instruído na Europa e EUA entre os anos 40 e 60 do século XX resultou em progressos verificados na melhoria do bem-estar material, da escolarização, das condições e acesso à saúde, e em avanços tecnológicos. No entanto, observando à escala global constata-se que estes progressos não foram mundialmente generalizados, não chegando aos países considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (destacando-se os países africanos, sul americanos, e asiáticos) (Amaro, 2014). Para além desta privação, de acordo com alguns relatórios da ONU, é possível destacar outras que se sentiram em todo o mundo, nomeadamente a persistência de diversas formas de mal-estar nos países subdesenvolvidos, concluindo-se assim que os modelos do desenvolvimento impostos não resultaram; o surgimento de novas formas de mal estar social nos países desenvolvidos, levando à pobreza e exclusão social sendo este, por si, um conceito nascido neste contexto; a dominação patriarcal, assentando “numa lógica de desigualdade e de dominação de género” (Amaro, 2018:80); a desumanização do trabalho; a desvalorização dos conhecimentos tradicionais face ao conhecimento científico/tecnológico; a revolta tanto dos países capitalistas como socialistas, os primeiros em 1968 em França, e os segundos no mesmo ano em Praga no que viria a ser conhecido como a Primavera de Praga. Na esfera do ambiente constata-se uma profunda degradação da natureza, principalmente na utilização descontrolada de recursos naturais, tendo lugar em 1972 a Cimeira de Estocolmo organizada pela ONU e a publicação no mesmo ano do estudo “*Limits of Growth*”, pelo Clube de Roma, onde “se tomou verdadeiramente consciência dos enormes custos ambientais dos modelos de desenvolvimento dominantes” (Amaro, 2004:54); do ponto de vista territorial é de salientar o abandono das zonas rurais e congestionamento das zonas urbanas, bem como o desaparecimento das zonas costeiras e ribeirinhas, devido às alterações climáticas anteriormente mencionadas (Amaro, 2018:80). Por sua vez, também a economia se ressentiu com várias crises económicas, nomeadamente a do petróleo em 1973, o que remete para o falhanço do modelo de desenvolvimento económico proposto. Do ponto de vista político, as decisões políticas submetem-se aos poderes económicos (Amaro, 2018:80). É, então, neste sentido que Amaro (2018:80) enuncia os 11 mitos do desenvolvimento: economicismo, produtivismo, consumismo, industrialismo, tecnologismo, quantitativismo, antropocentrismo, racionalismo, urbanicismo, etnocentrismo e uniformismo.

1.6. Conceitos de Desenvolvimento Alternativo - 1º Mudança

Através da constatação dos resultados globais dos modelos de desenvolvimento instituídos gera-se, nas décadas de 60/70, uma sede por novas respostas/soluções e novos modelos reclamados tanto por países do Norte como do Sul, de carácter revolucionário e reformista, através de movimentos de intelectuais, movimentos sociais, organizações e instituições de desenvolvimento, entre outros (Ferreira e Raposo, 2018:6). Surgem, assim, conceitos de desenvolvimento alternativo, que têm uma base democrática e interdisciplinar, unindo diversos atores sociais, que de forma criativa, considerando o respeito pela Natureza, o contexto local e a realização de capacidades endógenas e tradicionais, rompem com as estratégias e modelos de desenvolvimento obsoletos e partem para novos modelos que encaram tanto os progressos como as privações dos modelos anteriores, e constroem soluções eficazes.

Das inúmeras propostas de conceitos de desenvolvimento alternativo, poucos são os que se encontram de acordo com os dois critérios de reconhecimento científico: a validação científica e o reconhecimento político-institucional. Estes dois critérios validam o conceito da seguinte forma: validação científica, verifica-se através de uma vasta bibliografia científica em língua internacional sobre o tema, utilizada em circuitos académicos mundiais; através de cursos ou disciplinas lecionadas nas academias mais importantes; e através da existência de trabalhos académicos de investigação certificados academicamente em discussão pública, nomeadamente teses. Sendo o conceito sujeito a experimentação no terreno, o reconhecimento político-institucional é o segundo critério de validação, e tem em conta a sua função como instrumento de políticas, devendo garantir áreas de governação sobre o tema (ministérios, secretarias de estado, direcções gerais, planos estratégicos), organismos internacionais relevantes, de atuação mundial, nomeadamente departamentos das ONU, BM, OCDE, entre outros, e agendas internacionais referentes aos tema.

Assim, de acordo com os critérios mencionados, os principais conceitos de desenvolvimento alternativo são: o desenvolvimento sustentável (que incorpora a fileira ambiental e será aprofundado mais adiante no presente trabalho); o desenvolvimento local ou comunitário e desenvolvimento participativo (fileira *people centred*; será apresentado de modo breve de seguida); o desenvolvimento humano (que resultou no Índice de Desenvolvimento Humano, primeira vez que uma organização internacional propõe um complemento ao PIB) e desenvolvimento social (ambos pertencentes à fileira dos direitos humanos e mínimos de dignidade social, resultantes da Cimeira de Copenhaga em 1995 pela ONU e que tem como impulsionadores o economista francês François Perroux, bem como a OIT e o BM). Um outro conceito que se considera, mas que carece de reconhecimento científico, é o conceito de desenvolvimento integrado, transversal a todos os outros conceitos.

Dos conceitos anteriores, importa salientar, como referido, o conceito de desenvolvimento sustentável para a pertinência do presente trabalho, e o de desenvolvimento comunitário pelo seu carácter pioneiro.

O conceito de ecodesenvolvimento surge em 1972, com a Conferência de Estocolmo, onde os limites ao crescimento económico são pela primeira vez abordados. No entanto, é só em 1987, no Relatório de Brundtland (elaborado pela Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento, presidida pela primeira-ministra norueguesa, Gro Harlem Brundtland) que a denominação de desenvolvimento

sustentável é estabilizada. Em 2002, na 2ª Cimeira da Terra em Joanesburgo, são definidas as três dimensões que o constituem: o crescimento económico, a coesão social e sustentabilidade ambiental.

O conceito de desenvolvimento comunitário foi institucionalmente reconhecido pela ONU na década de 50 (Ferreira e Raposo, 2018:10), emergindo da inadequação do modelo de desenvolvimento ocidental ao contexto dos países subdesenvolvidos. Este problema foi detetado, anos mais cedo, por técnicos da ONU que se encontravam no terreno, em comunidades ou territórios com problemas, com o propósito de implementar o modelo ocidental para a resolução dos mesmos, mas que no processo se confrontaram com o falhanço e frustração dos países subdesenvolvidos perante a metodologia imposta. É, deste modo, que sugerem uma metodologia alternativa, a qual denominam de desenvolvimento comunitário, e que se apoia na participação das comunidades para o diagnóstico das necessidades e na sua capacidade para lhes dar resposta, garantindo uma abordagem aos problemas de forma integrada, partilhada e participada. Através da valorização dos recursos endógenos com apoio de parcerias exógenas, pretende-se melhorar as condições de vida. Na década de 70, com a emergência do paradigma territorialista, começou a desenvolver-se o conceito de desenvolvimento local com abordagens *bottom-up* (Ferreira e Raposo, 2018:9), mas que não será abordado no presente trabalho. Do mesmo modo, o conceito de desenvolvimento participativo surge com a adoção de metodologias participativas e a afirmação pela cidadania associado a estratégias de organizações como o BM e a ONU. Convém no entanto referir que os conceitos são distintos, embora utilizem metodologias e conceitos idênticos e por isso sejam, por vezes, confundidos (Ferreira e Raposo, 2018:9).

Apesar de distintos, todos os conceitos de desenvolvimento alternativo apresentados se complementam e integram na procura de soluções inovadoras aos problemas que o modelo tradicional não resolveu ou, até, acentuou. Para tal, apresentam um carácter multidimensional e interdisciplinar, tendo como foco principal a realização através das capacidades das pessoas, pelos processos de cidadania, metodologias participativas e sistemas democráticos. Existe uma nova relação com a Natureza, tendo sido redefinidas as bases territoriais, local e global. E a estimulação da criatividade que possibilita a diversidade de caminhos (Amaro, 2004:60).

Quadro 1.1. Síntese dos conceitos de desenvolvimento alternativo.

| Conceitos do Desenvolvimento Alternativo | | |
|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------|------------------|
| Desenvolvimento Sustentável | Fileira do Ambiente | 1972 |
| Desenvolvimento Local ou Comunitário e Desenvolvimento Participativo | Fileira <i>People Centred</i> | décadas de 50/70 |
| Desenvolvimento Humano | Fileira dos Direitos Humanos | década de 90 |
| Desenvolvimento Social | Fileira dos Direitos Humanos | década de 90 |
| Desenvolvimento Integrado | Transversal | - |

1.7. Conceitos Alternativos ao Desenvolvimento - 2ª Mudança

No entanto, também os conceitos de desenvolvimento alternativo sofreram alguma pressão e acabaram por ser integrados pelo desenvolvimento economicista, pelo que na década de 90 os movimentos feministas, movimentos de povos indígenas, dos sem terra, da ecologia, de economia social e solidária, entre outros (Ferreira e Raposo, 2018:7), constroem conceitos alternativos ao desenvolvimento. Na sequência dos eventos negativos, existem autores como Wolfgang Sachs, Gilbert Rist, Majid Rahnema, Arturo Escobar, Ivan Illich, Gustavo Esteva, e Boaventura de Sousa Santos que defendem o fim da era do desenvolvimento e o começo de uma nova era, o pós-desenvolvimento. Para estes autores, os três principais pecados do desenvolvimento são: “ser capitalista, colonialista e patriarcal” (Amaro, 2018:85) e a solução apresenta-se como o fim do desenvolvimento, uma vez que este não foi capaz de propor soluções aos problemas existentes. Criticam-no como um conceito meramente ocidental de base economicista e capitalista, frequentemente utilizado como instrumento de dominação estratégica pelos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento. Os conceitos de desenvolvimento alternativo não passam de “adjetivos cosméticos” segundo Gustavo Esteva, que não trazem nada de novo (Amaro, 2018:85). A nova era devia agora dar oportunidade aos países do sul através dos seus conhecimentos tradicionais e das suas relações com a natureza e com os outros, como Gilbert Rist defende (Amaro, 2018:85), usando conceitos alternativos ao desenvolvimento a partir de epistemologias destes países.

De salientar que a abordagem dos pós-desenvolvimentistas é criticada como exagerada por alguns autores, que, por sua vez, propõem como abordagem mais ponderada a renovação radical do conceito. Um dos principais autores desta vertente é Amaro (2003), que apresenta a definição da palavra “des-envolvimento” como a “libertação dos ‘embrulhos’, envolvimentos e obstáculos, que impedem a afirmação e pleno desabrochar e florescimento de sementes e potencialidades, que estão ocultas, à espera de se realizarem”. As potencialidades (endógenas) são estimuladas através do processo de animação (exógeno), promovendo assim o seu florescimento. Por sua vez, a semente demora tempo a florescer, é um processo longo e que, no final, deve medir-se a flor pela sua dimensão qualitativa e não pelas suas dimensões quantitativas.

O principal conceito alternativo ao desenvolvimento apresentado pelos pós-desenvolvimentistas é o conceito de “*Buen Vivir*”, tradução espanhola para “*Sumak Kawsay*” (do Povo Quechua, no Equador) e “*Suma Qamãna*” (do Povo Aymara, na Bolívia) que coloca o Homem em plena harmonia com a *Pachamama* (Mãe Terra/Natureza). Este conceito é ancestral e tem outras denominações consoante os povos indígenas e os seus territórios, sendo o conceito guarda chuva que alberga em si outros conceitos de culturas indígenas (Ferreira e Raposo, 2018:17) como é o caso do Povo Guarani - “*Teko Porã*”. Bem viver é estar bem consigo próprio, com a comunidade e com a mãe natureza, representa uma “sociedade boa para todos em harmonia interna”, (Tortosa, 2009:1) no sentido comunitário por oposição ao Viver Bem, de base consumista, materialista e individualista. Na Bolívia (em 2009) e no Equador (em 2008) o conceito integra a Constituição como direito e princípio ético-moral (Tortosa, 2009:2), tendo ganho maior reconhecimento a partir deste momento.

Outros autores ocidentais debruçaram-se sobre a questão da reformulação do conceito de desenvolvimento que se apresenta de base economicista, como é o caso do economista alemão Schumacher que, em 1973, escreve o livro "*Small is beautiful*", onde critica o sistema económico vigente e propõe que o mesmo seja reformulado através de tecnologias apropriadas à escala humana, considerando as pessoas o centro do problema e das soluções. Tendo sido publicado em 1973, em plena crise do petróleo e no arranque da globalização, o livro não foi recebido da melhor maneira, tendo gerado grande controvérsia.

Por sua vez, do outro lado do mundo, no Reino do Butão, em 1972, surge um conceito alternativo ao desenvolvimento, de inspiração budista, que se denomina Felicidade Interna Bruta (FIB) como complemento ao PIB. O então Rei do Butão surge com um conceito inovador que apresenta como principal objetivo a felicidade e bem estar dos cidadãos, em contrapartida à quantidade de bens e serviços produzidos. Este conceito é composto por 9 dimensões que se cruzam e complementam entre si. São elas:

1. Bem estar psicológico;
2. Saúde;
3. Educação;
4. Diversidade e resiliência cultural;
5. Boa governança;
6. Vitalidade comunitária;
7. Diversidade e resiliência ecológica;
8. Níveis de vida;
9. Utilização do tempo.

Numa etapa posterior, o Reino do Butão colocou o conceito em prática através de um índice que permite valorar e exprimir o conceito. Ambos são caso de estudo deste trabalho, pelo que serão aprofundados nos próximos capítulos.

Outro conceito a considerar surge na década de 90, e denomina-se "*Wellbeing*", ou Bem-estar por Sarah White, professora da Universidade de Bath. O conceito resulta do trabalho desenvolvido com comunidades da Índia, na interação de 3 dimensões: a dimensão subjetiva (psicológica), a dimensão material (económica) e a dimensão relacional (social e política) .

Também o conceito de florescimento humano se afirma neste período, tendo como principal autor de referência Corey Keys. O florescimento humano é alcançado através da realização do potencial humano, aquando da conjugação de 3 dimensões: bem-estar emocional, bem-estar psicológico e bem-estar social. Ao promover o indivíduo, promove o bom funcionamento da sociedade.

Mais tarde, no século XXI surgem outros conceitos, nomeadamente o conceito de "*Noflay*" (bem-estar) que surge no Senegal e é referido primeiramente por Felwine Sarr no seu livro "*Afrotopia*".

Quadro 1.2. Síntese dos conceitos alternativos ao desenvolvimento.

| Conceitos Alternativos ao Desenvolvimento | | |
|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|-------------|
| <i>Buen Vivir / Sumak Kawsay / Suma Qamãna / Teko Pora</i> | Povo Quechua do Equador / Povo Aymara da Bolívia / Povo Guarani | Ancestral |
| Felicidade Interna Bruta (FIB) | Butão | 1972 |
| <i>Wellbeing</i> | Sara White, Reino Unido | 1990 |
| Florescimento Humano | Corey Keyes, EUA | 1990 |
| <i>Noflay</i> | Felwine Sarr, Senegal | século XXI |

1.8. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Em setembro de 2000, na sequência dos problemas que o mundo enfrentava, a ONU apresentou a Cimeira do Milénio que teve lugar em Nova Iorque e que culminou na assinatura da Declaração do Milénio por 189 países. Este documento, cujo objetivo é a eliminação da pobreza em todas as nações num determinado período temporal, define os Objetivos do Desenvolvimento do Milénio (ODM), que em 2015, em nova Cimeira da ONU em Nova Iorque são sucedidos pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os ODM são expressos de modo que todos os entendam e de modo que todas as nações dialoguem, através de uma boa governação (que pode ser entendida como dimensão que integra todas as outras). Os desafios estão devidamente datados e relatados em relatórios de instituições internacionais de atuação global, nomeadamente o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial Do Comércio (OMC), G-7 (grupo dos sete países mais avançados) e G-8 (grupos dos oito países mais avançados), o BM, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a UNICEF, a União Europeia (UE) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), entre outros.

Quando em 2015, a ONU apresenta os ODS pelos quais o mundo se orienta hoje no caminho para o desenvolvimento global, estes surgem como mais abrangentes que os ODM, uma vez que já integram as outras duas dimensões: económica e ambiental, para além da dimensão social já abordada pelos ODM.

Os ODS podem-se resumir nos seguintes (<https://sustainabledevelopment.un.org>):

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;

4. Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
5. Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e meninas;
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;
7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos;
8. Promover o crescimento económico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;
9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;
11. Tomar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
12. Assegurar pares de produção e de consumo sustentáveis;
13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos;
14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Deste modo, o seu objetivo é a erradicação da pobreza e o desenvolvimento económico, social e ambiental de todas as nações até meados do milénio, 2030.

Capítulo II | Desenvolvimento Sustentável

2.1. Breve Evolução Histórica do Conceito

O desenvolvimento sustentável é um tema recente na agenda internacional, tendo sido debatido apenas nos últimos 40-50anos. A primeira vez que a sustentabilidade foi introduzida como desafio ao crescimento e desenvolvimento económico foi em 1972, na Conferência da ONU em Estocolmo. O conceito inicialmente introduzido é o de ecodesenvolvimento. Apenas mais tarde, em 1987, é introduzido o conceito de desenvolvimento sustentável como proposta de novo conceito de desenvolvimento, pelo Relatório de *Brundtland* denominado “*Our Common Future*” (elaborado pela comissão formada na sequência da Cimeira de Estocolmo, a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, presidida pela primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland). A definição apresentada pelo referido relatório, seria a que viria a ser usada nos 25 anos seguintes,

“O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e económico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.”

in Relatório de *Brundtland*

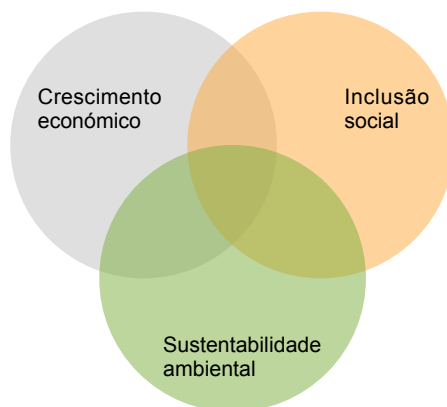
Neste momento da história verifica-se um ponto de viragem, tal como Amaro refere, quando a sustentabilidade deixa de ser encarada como perspectiva económica e ganha perspectiva ambiental.

Ainda em 1972, o Clube de Roma, elaborou o relatório “*Limits to Growth*” que assegurava que o crescimento económico insustentável do pós-guerra, se seguisse ao mesmo ritmo, iria destruir os recursos naturais (finitos) da Terra, pela pressão que o primeiro exerce sobre os segundos (Amaro, 2016:102).

A questão intergeracional colocada pelo relatório de Brundtland em 1972, foi largamente adoptada, como se veio a verificar em 1992, na 1ª Cimeira da Terra no Rio de Janeiro, organizada pela ONU. Nesta cimeira o conceito foi mediatizado e ganhou poder político, uma vez que se encontravam presentes, pela primeira vez, chefes de estado. Deste encontro resultaram diversos tratados internacionais como a Agenda 21, Declaração do Rio, Declaração da Floresta, Convenção das Alterações Climáticas e Convenção Diversidade Biológica. Mais tarde, em 2002, na 2ª Cimeira da Terra em Joanesburgo, o conceito tinha evoluído para uma abordagem holística, relacionando três dimensões, tal como identificado na figura 2.1.: o crescimento económico (que se recuperou); a coesão social (que se juntou) e a proteção ambiental (que se manteve); entendendo as necessidades intergeracionais como subjacentes. Nesta cimeira, para além de chefes de estado estavam igualmente presentes empresas, o que contribuiu para a definição que resultou do encontro e que

define o desenvolvimento sustentável como processo de conjugação de crescimento económico, coesão social e proteção ambiental.

Figura 2.1. As 3 dimensões do conceito de Desenvolvimento Sustentável.



Na agenda internacional, em 2000, foram estabelecidos os ODM que uniam 189 países na luta contra a pobreza extrema, com o objetivo temporal no ano de 2015.

No entanto, uma vez que os ODM se focavam ainda nos países pobres e muito na dimensão social, o Secretário-Geral da ONU, após a cimeira RIO+20 (que teve lugar no Rio de Janeiro e cujos objetivos eram fazer o balanço do que se fez até então e renovar o compromisso mundial), nomeou Jeffrey Sachs como consultor e este dirigiu a Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável (RSDS), uma equipa que incluía “líderes das comunidades científica, empresarial, política e da sociedade civil” (Sachs, 2017: 516), que visavam estabelecer objetivos globais, os ODS implicando “um crescimento económico socialmente inclusivo e ambientalmente sustentável” (Sachs, 2017:14) que irá orientar o futuro desenvolvimento do planeta entre 2015 e meados do século.

2.2. Críticas ao conceito de Desenvolvimento Sustentável

Como novo conceito, o desenvolvimento sustentável sofreu críticas, positivas e negativas. As críticas positivas a salientar são o carácter inovador do conceito na medida em que traz para a discussão a solidariedade entre gerações, presentes e futuras, e introduz a preocupação da escassez dos recursos naturais não renováveis (como os combustíveis fósseis) embora não foque, ainda, os recursos renováveis como solução. Apresenta uma visão multidimensional que conjuga três dimensões - económica, social e ambiental - apesar de outras dimensões vitais não serem consideradas nesta definição do conceito, nomeadamente a dimensão cultural, política e territorial. Das críticas negativas, a referir para além das já mencionadas na sequência das positivas, o peso igual (*equal footing*) que é dado às 3 dimensões do conceito e que não é correto (Ferreira e Raposo, 2018:15), uma vez que o foco é ainda a satisfação das necessidades (materiais) e uma visão antropocêntrica, tal como acontecia no conceito tradicional de desenvolvimento, o que provoca o desvirtuamento do conceito inicial (Amaro, 2016:104). Por sua vez, a visão da sustentabilidade apresentada no conceito é ainda fraca, uma vez que se limita a preservar a natureza como ela se encontra sem a preocupação de recuperar o que já se perdeu.

A dimensão económica que o conceito de desenvolvimento sustentável adquire na Cimeira da Terra em Joanesburgo, em 2002, e que conduz ao seu desvirtuamento, constitui-se como um dos motivos pelos quais os pós-desenvolvimentistas propõem um corte com os conceitos de desenvolvimento alternativo e com a própria palavra desenvolvimento. Ferreira e Raposo referem bem este acontecimento quando através da crítica de Pieterse afirmam que “o que era “alternativo” ontem é cooptado e normalizado pelo *mainstream*, tornando-se...o *mainstream* de hoje” (Ferreira e Raposo, 2018:15).

No entanto, o conceito de desenvolvimento sustentável merece ser tido em conta, pois apresenta potencialidades que não devem ser desperdiçadas. Assim, o conceito deve ser revisto e enriquecido com novas potencialidades e a reformulação de algumas existentes (Amaro, 2018:92).

2.3. Proposta de Reformulação do conceito de Desenvolvimento Sustentável baseado na Experiência da Macaronésia

Neste sentido, Amaro (2016;105,106) apresenta uma proposta de reformulação do conceito de desenvolvimento sustentável com 8 dimensões, baseado na experiência da Macaronésia que inclui a Região Autónoma dos Açores, Madeira, Canárias e a República de Cabo Verde. As 8 dimensões apresentadas são:

1. Segurança económica - que se traduz numa rede de segurança com base na reciprocidade, para além do crescimento económico ;
2. Coesão social - cujo projeto é emancipatório através das técnicas de *empowerment*;
3. Preservação e valorização ambiental ecocentradas (sustentabilidade forte) - que diverge da sustentabilidade fraca anteriormente defendida pela proteção e preservação do ambiente;
4. Valorização da diversidade cultural e promoção do diálogo intercultural;
5. Coesão territorial - valorização das fragilidades provocadas pelas alterações climáticas através do desenvolvimento local;
6. Aprendizagem permanente e capacidade crítica;
7. Governança partilhada (Estado, empresas, ONGD's, comunidades), participada, integrada e multi territorial;

8. Nova ética assumida - baseada em valores e princípios como: solidariedade, equidade, reciprocidade, democracia, transparência, resiliência, cooperação, sustentabilidade, entre outros.

As 7 dimensões promovem uma vida digna com futuro, que pela oitava dimensão, nova ética assumida, garantem a sobrevivência e durabilidade dos compromissos e projetos das organizações.

2.4. O Ciclo do Crescimento Económico como primeira dimensão do Desenvolvimento Sustentável

O desenvolvimento sustentável engloba três dimensões que, de modo a conduzir o mundo num desenvolvimento coletivo e responsável, deveriam garantir a sua interação democrática e participativa. No entanto, como podemos constatar, não é esse o rumo que se leva, pelo que considero ser importante abordar a primeira dimensão - o crescimento económico - e entendê-la, bem como às suas consequências, desde a sua explosão na Revolução Industrial, até à atualidade.

Nos dias de hoje o planeta Terra encontra-se sobrepovoado, existindo aproximadamente 7,53 mil milhões de pessoas (*WorldBank data*, <https://data.worldbank.org>), 9,5 vezes mais do que os 800 milhões de pessoas estimados em 1750, no início da Revolução Industrial (Sachs, 2017:11). Todas estas pessoas competem diariamente (embora a níveis diferentes) na economia mundial, gerando um valor aproximado de 80 mil milhões de dólares de produto mundial bruto, ao ano de 2017 (*Statista*, <https://www.statista.com>). Olhando para estes valores facilmente reconhecemos que são estrondosamente superiores aos valores do início da Revolução Industrial, uma vez que tanto a população mundial como os bens e serviços por ela produzidos aumentaram exponencialmente nos últimos 250 anos. O aumento de bens e serviços produzidos ao longo do tempo é denominado de crescimento económico.

De modo a medir o crescimento económico e a permitir a comparação entre países e regiões, surgiram indicadores como o PIB e o PIB *per capita*.

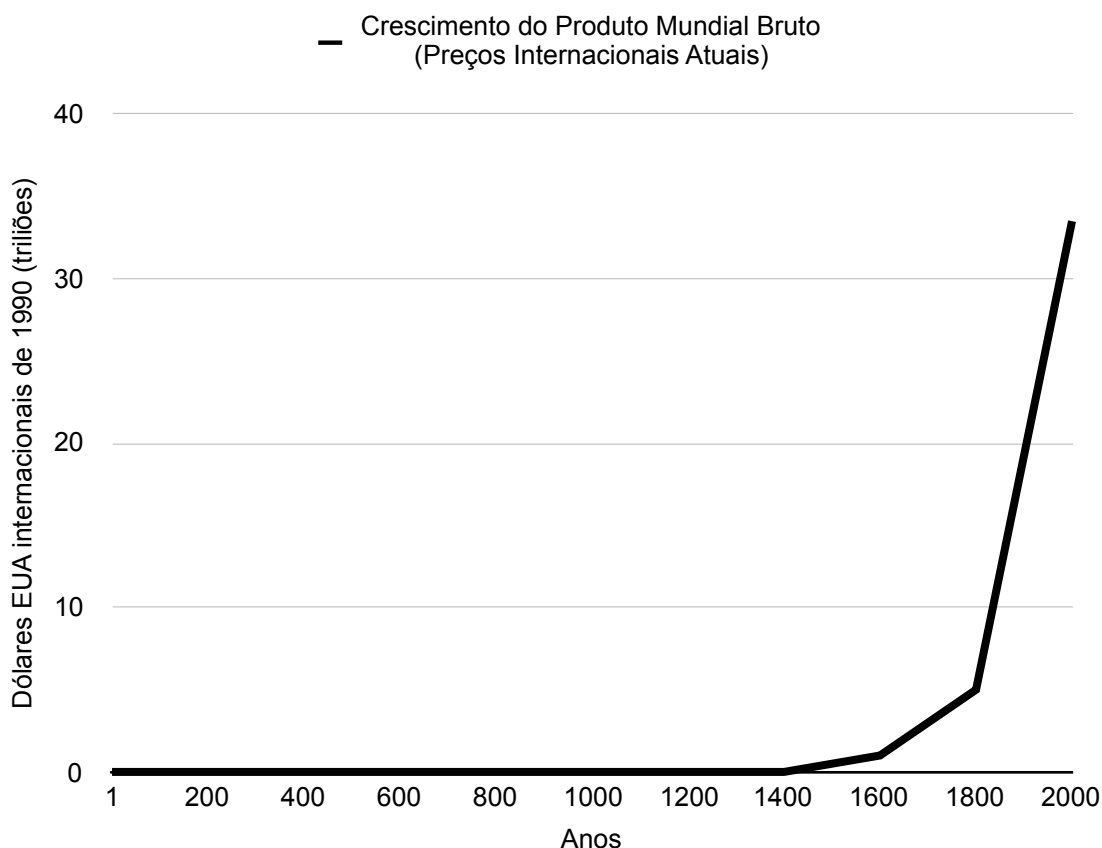
A soma dos bens e serviços produzidos por um país num determinado período de tempo, normalmente um ano, denomina-se PIB, e define o desenvolvimento de um país. Quando este valor é dividido pela população desse país, falamos do PIB *per capita*, que representa o nível de vida do país. No entanto, há que ter em consideração que, apesar de este ser o ponto de partida para organizações como o BM e a OCDE, é um indicador fictício uma vez que a divisão da riqueza pela população não acontece de modo igual. Uns recebem uma fatia maior do bolo e outros uma fatia menor. O PIB foi um conceito desenvolvido nos anos 1930, e o próprio autor referiu numa conferência no Congresso dos EUA que é um indicador incompleto para a medição da riqueza de uma nação.

Em determinada altura, tornou-se necessário comparar o desenvolvimento dos países, ou seja, comparar o PIB de vários países. No entanto, como cada país tem uma moeda nacional própria, teve que se definir um “padrão comum” (Sachs, 2017:26), o dólar americano, à taxa de câmbio do mercado. Deste modo, é possível comparar a riqueza dos vários países. Por sua vez, o PIB *per capita* permite comparar níveis de vida entre países. No entanto, existia outro problema, uma vez que os preços dos produtos variam de país para país, a comparação não era ainda viável, pelo que a solução encontrada foi a de um conjunto de “preços internacionais” para os mesmos bens e serviços nos diferentes países. Define-se, assim, o PIB em paridade de poder de compra (PPC), ou a preços internacionais. Assim, com um padrão comum e preços internacionais, é possível comparar a riqueza e o desenvolvimento dos países.

Recuando mais um pouco no tempo, até à era anterior à Revolução Industrial, constatamos que o nível de produção era apenas o necessário para a sobrevivência. Os anos maus geravam más colheitas e conseqüentemente um grande número de mortes. Mas, em 1750, o crescimento económico acelera pela primeira vez, inicialmente na Grã-Bretanha, espalhando-se depois para os EUA (colónia da Grã-Bretanha) e posteriormente para o resto do mundo, e aumentando exponencialmente (ver figura 2.2.). Como consequência, o Produto Mundial Bruto (PMB), bem como a população mundial aumentaram acompanhando o ritmo a que a economia mundial crescia.

Figura 2.2. *Evolução do crescimento económico nos últimos milénios.*

Fonte: *WorldBank Data*, disponível em <https://data.worldbank.org>



O aumento de população explica-se pelo aumento da capacidade de produzir alimento, através dos avanços tecnológicos introduzidos pela Revolução Industrial que permitiram a produção de alimentos em abundância. Por sua vez, e tal como referido anteriormente, mais população gera mais atividade económica, e portanto, o crescimento económico.

Perante este cenário, sendo possível comparar a riqueza dos países, o BM faz a divisão em três categorias, consoante o PIB *per capita*, da seguinte forma: países de rendimento elevado (PIB *per capita* acima dos 12.616 dólares por pessoa/ano); países de rendimento médio (PIB *per capita* entre os 1.035 dólares e os 12.615 dólares por pessoa/ano); e países de rendimento baixo (PIB *per capita* abaixo dos 1.035 dólares por pessoa/ano, o que se traduz em cerca de 3 dólares pessoa/dia). Destas três categorias, sabemos que “cinco em cada sete pessoas no mundo encontram-se na categoria do

rendimento médio” (Sachs, 2017:59). A categoria de rendimento médio pode ainda ser subdividida entre países de rendimento médio-baixo ou médio-elevado.

Quanto aos países de rendimento elevado surgem os EUA, Canadá, Europa Ocidental, Japão, Coreia do Sul, Austrália, etc. Os países de rendimento baixo centram-se na África subsariana e sul da Ásia. No entanto, a ONU salienta a importância de categorizar um novo grupo de países que se encontram nas zonas mais pobres e que se encontram em situação bastante mais preocupante, por estarem em guerra ou com grande instabilidade política e social há um longo período de tempo, por carregarem o fardo das doenças (malária, HIV, entre outras), por serem países isolados e cuja geografia é desfavorável ao desenvolvimento, por sofrerem com as alterações climáticas (secas, inundações, etc.) não sendo capazes de desenvolver estratégias resilientes. A ONU denomina estes países de Países Menos Desenvolvidos (PMD), dos quais saliento os seguintes: Afeganistão, Butão, Burkina Faso, Chade, Rwanda, etc.

Podemos assim concluir que existem quatro categorias de países de acordo com o PIB *per capita*.

Apesar de organizações como o BM e a ONU considerarem o PIB *per capita* como indicador para medição do nível de vida de um país (o seu bem-estar material), admitem que outros factores são desconsiderados, apesar de igualmente importantes, como é o caso da saúde, educação, bem-estar subjetivo, entre outras dimensões da vida. É nesta sequência que surgem outros indicadores como complemento ao PIB. Estes mostram que os países menos desiguais são os da Escandinávia e os mais desiguais os da África subsariana. No entanto, é de referir o caso dos EUA, que apesar de país com o maior PIB é um país bastante desigual. Igualdade e riqueza não estão diretamente relacionadas. Para além da riqueza de um país, outros factores desempenham um papel bastante importante na maior ou menor desigualdade, são eles: a educação, a governação e a geografia (Sachs, 2017:71).

2.4.1. Consequências Positivas e Negativas do Crescimento Económico

Nota Introdutória

Tal como referido anteriormente, o crescimento económico tem consequências positivas e negativas tanto na vida das pessoas, como no ambiente. Considerando o nível de desenvolvimento dos diferentes países, as consequências positivas são bastante mais notórias nos países ricos, embora algumas já se encontrem em implementação nos países pobres. Por seu lado, as consequências negativas fazem-se sentir pelo mundo inteiro, apesar de, neste caso, os países pobres serem os mais afetados de um modo geral, pois, devido à sua situação política e financeira, não se encontram preparados para criar estratégias de resiliência. De seguida apresentam-se ambas as consequências - positivas e negativas -, para ambos os grupos de países - ricos e pobres.

2.4.1.1. Consequências Positivas

Como consequências positivas do crescimento económico apontamos a melhoria das condições básicas de vida, da saúde, o acesso à educação tanto de homens como de mulheres nas várias fases

da vida, a segurança alimentar e a sua produção sustentável, a mobilidade intergeracional, a coesão social, o desenvolvimento de infra estruturas, os avanços científicos e tecnológicos que permitem criar soluções inovadoras para os problemas que surgem na saúde, na produção alimentar, no ambiente, na gestão dos recursos da Terra, na construção de infra estruturas, etc. (O cenário apresentado corresponde maioritariamente aos países ricos, onde as necessidades básicas dos cidadãos se encontram satisfeitas e garantidas pelo Estado e outras instituições/organizações.)

2.4.1.2. Consequências Negativas

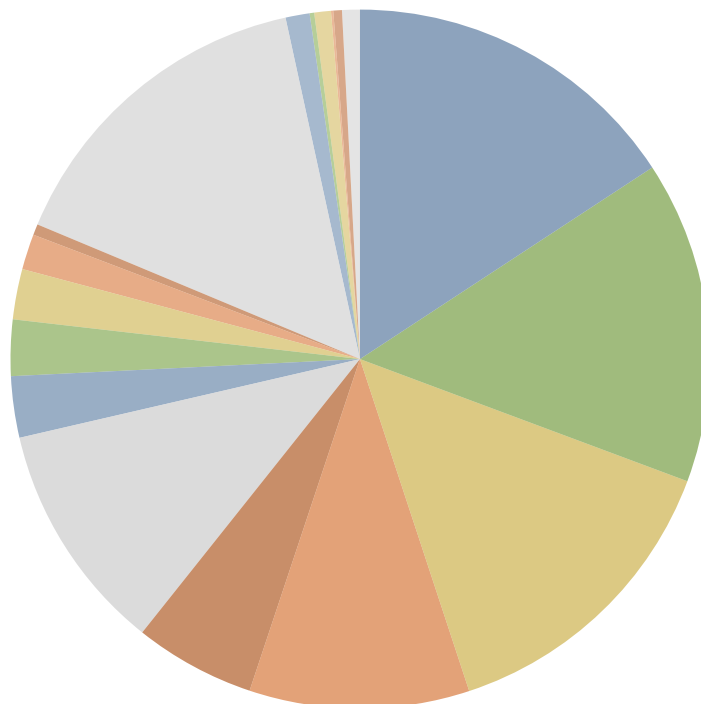
No entanto, uma vez que o peso não está equilibrado, e o crescimento económico surge como componente principal do desenvolvimento sustentável, o resultado do seu ritmo estonteante provoca consequências negativas e por vezes irreversíveis para o mundo e, em especial, para as pessoas e o ambiente fazendo-se sentir principalmente nos países pobres que devido à sua condição não desenvolvem estratégias de proteção e resiliência. De seguida enumeram-se algumas das consequências negativas geradas, como pobreza extrema, fraca segurança alimentar, condições precárias de saúde, impacto ambiental e perda de biodiversidade e super povoação das metrópoles.

2.4.1.2.1. Pobreza Extrema

A principal consequência negativa do crescimento económico é a desigualdade de distribuição de rendimento que conduz à pobreza extrema. Os últimos dados do BM apontam para 10,7% da população a viver em pobreza extrema e datam de 2013, no entanto, na atualidade, este número já reduziu para 8% da população em 2018 de acordo com dados do *WorldPovertyClock* (<https://worldpoverty.io>). Este número tem vindo a diminuir devido à cooperação entre as nações no cumprimento dos ODS, nomeadamente o 1º objetivo que prevê o fim da pobreza extrema até meados do século. No entanto, convém definir pobreza extrema, pelo que usarei a definição do BM que a define como todo o rendimento abaixo dos 1,90 dólares/dia/pessoa (2013), rendimento que não permite aos indivíduos satisfazerem as necessidades materiais básicas (à sobrevivência e dignidade humanas): alimentação, vestuário, acesso a cuidados de saúde, ao ensino básico e a serviços essenciais como transporte, energia e ligação à internet.” (Sachs, 2017:154). É de facto curioso que com o aumento da riqueza mundial, existam tantas pessoas na pobreza extrema, mas este fato explica-se com a desigualdade de distribuição do rendimento (ver figura 2.3.) e com outros fatores, nomeadamente a desigualdade social, a fraca mobilidade social e intergeracional, a discriminação e a fraca coesão social.

Figura 2.3. Distribuição do PIB per capita no mundo.

Fonte: *WorldBank Data*, disponível em <https://data.worldbank.org>



A mobilidade social e intergeracional é um factor bastante importante para o escape à pobreza, na medida em que através de mecanismos o Estado garante que as gerações futuras (filhos) não ficam dependentes dos rendimentos da geração atual (pais) para o seu desenvolvimento nas várias dimensões da vida: saúde, educação, rendimentos futuros, etc. Ou seja, os rendimentos da geração futura não têm que ser os mesmos que os da geração atual. Sachs (2017:289) apresenta os países da Escandinávia como exemplo, uma vez que a mobilidade intergeracional nestes países é bastante elevada, pois o Estado apresenta estratégias de compensação aos rendimentos baixos dos pais para que os filhos possam ter um desenvolvimento pleno e futuramente ter rendimentos mais elevados que permitam aos seus próprios filhos não estarem dependentes do apoio do Estado. Os países escandinavos são os países que promovem maior coesão, prosperidade e segurança social.

Sachs apresenta outro fator interessante e por vezes esquecido para a pobreza extrema: a geografia, que determina a produtividade dos solos, a proximidade a portos, o acesso a recursos, o fardo das doenças infecciosas, entre outros. No entanto, o autor considera também que, tal como os restantes fatores, é possível solucionar os problemas de geografia através de tecnologias modernas, sem que estes constituam uma fatalidade para o desenvolvimento de um país ou região.

2.4.2.2.2. Fraca Segurança alimentar

A segurança alimentar e a saúde, em simultâneo com a pobreza extrema, são os focos principais dos governos e das ajudas externas aos países pobres.

A segurança alimentar nos países da África subsariana ainda se encontra em construção, uma vez que estes países são predominantemente agrícolas sem grandes avanços tecnológicos (encontrando-se numa fase atrasada da industrialização) e sofrendo, por isso, de escassez de alimentos, e da ineficiente conservação dos mesmos por falta de meios eficazes.

2.4.2.2.3. Condições Precárias de Saúde

As condições de saúde são igualmente bastante precárias. Um exemplo, ainda relacionado com a alimentação, é o modo como cozinham, utilizando lenha como combustível o que provoca sérios problemas respiratórios às crianças desde tenra idade, pela inalação do fumo. A esperança média de vida à nascença é muito baixa e as famílias têm muitos filhos na esperança de que alguns cheguem à idade adulta e contribuam, desde cedo, para trabalhar a terra (modo de subsistência). Do mesmo modo, o acesso à saúde nas faixas etárias seguintes (à nascença) é muito baixo e por vezes, mesmo sobrevivendo aos primeiros meses ou anos de vida, não conseguem sobreviver até à idade adulta ou depois dela.

No reverso da moeda, nos países ricos, surgem igualmente problemas de saúde preocupantes como resultado do aumento da riqueza, nomeadamente a obesidade, cada vez mais latente em crianças de tenra idade, principalmente nos EUA, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

2.4.2.2.4. Impacto Ambiental e Perda de Biodiversidade

Por sua vez, a natureza sofre grandes impactos como consequência do comportamento do Homem, encontrando-se francamente comprometida e, comprometendo, os próprios seres vivos que dela dependem para a sua sobrevivência. O impacto do comportamento do Homem na natureza não tem precedentes e está a provocar mudanças em várias frentes. A crise ambiental que se faz sentir atualmente teve o seu início com a Revolução Industrial e a combustão de carvão, o primeiro combustível fóssil a ser utilizado em larga escala. Na atualidade, os avanços tecnológicos permitem minimizar e recuperar danos causados, como é o caso do buraco do ozono, mas o crescimento económico está ainda descontrolado e desconectado das outras dimensões da vida, social e ambiental, de modo a garantir um futuro desenvolvimento sustentável para todos.

2.4.2.2.5. Super Povoação das Metrópoles

As mudanças introduzidas pela Revolução Industrial, como mencionadas no capítulo anterior, desencadearam o processo de urbanização, primeiro na Grã-Bretanha e EUA, depois no resto da Europa e posteriormente em todo o mundo. No entanto, este processo tomou ritmos diferentes nos diferentes países/regiões. Enquanto os países do norte se industrializaram e urbanizaram mais cedo

e mais rápido, os países do sul mantiveram-se rurais, encontrando-se ainda hoje numa fase inicial do processo de industrialização. Atualmente são estes países - África submarina e sul da Ásia - que apresentam maior taxa de urbanização, uma vez que os países desenvolvidos estabilizaram. As taxas de urbanização mais elevadas são as de África, de acordo com Sachs (2017:67) estima-se que “a percentagem do mundo a viver em áreas urbanas vai aumentar de 53% em 2013 para cerca de 60% em 2030 e 67% em 2050” no mundo, concentrados nas metrópoles dos países em desenvolvimento. Nestas grandes cidades, centenas de milhões (Sachs, 2017:40) de pessoas em todo o mundo habitam em bairros degradados, onde são incapazes de satisfazer as suas necessidades básicas, ter acesso a eletricidade, saneamento, etc. Calcula-se que esta pobreza esteja partilhada entre zonas rurais e urbanas, numa razão de 60/40, sendo a tendência para que as zonas urbanas sem condições aumentem (Sachs, 2017:42).

2.5. Antropoceno, A Nova Era

A esta nova era em que vivemos, na qual o Homem é o agente causador de grandes mudanças nos sistemas da terra através do impacto da crescente economia mundial, os cientistas dão o nome de Antropoceno - *Antrophos*, humanidade; *Kainos*, época. As consequências provocadas são devastadoras para as gerações presentes e futuras, e a sua principal causa, é como já referido, o uso de combustíveis fósseis que através da combustão libertam dióxido de carbono que se concentra na atmosfera e contribui para o aquecimento da Terra. As alterações dos sistemas físicos e biológicos, incluindo o clima, o ciclo do carbono, o ciclo da água, o ciclo do nitrogénio e a biodiversidade, provocam tempestades, secas, inundações, vagas de calor, propagação de doenças, etc., pondo em risco o padrão climático do qual a humanidade e os outros seres vivos dependem.

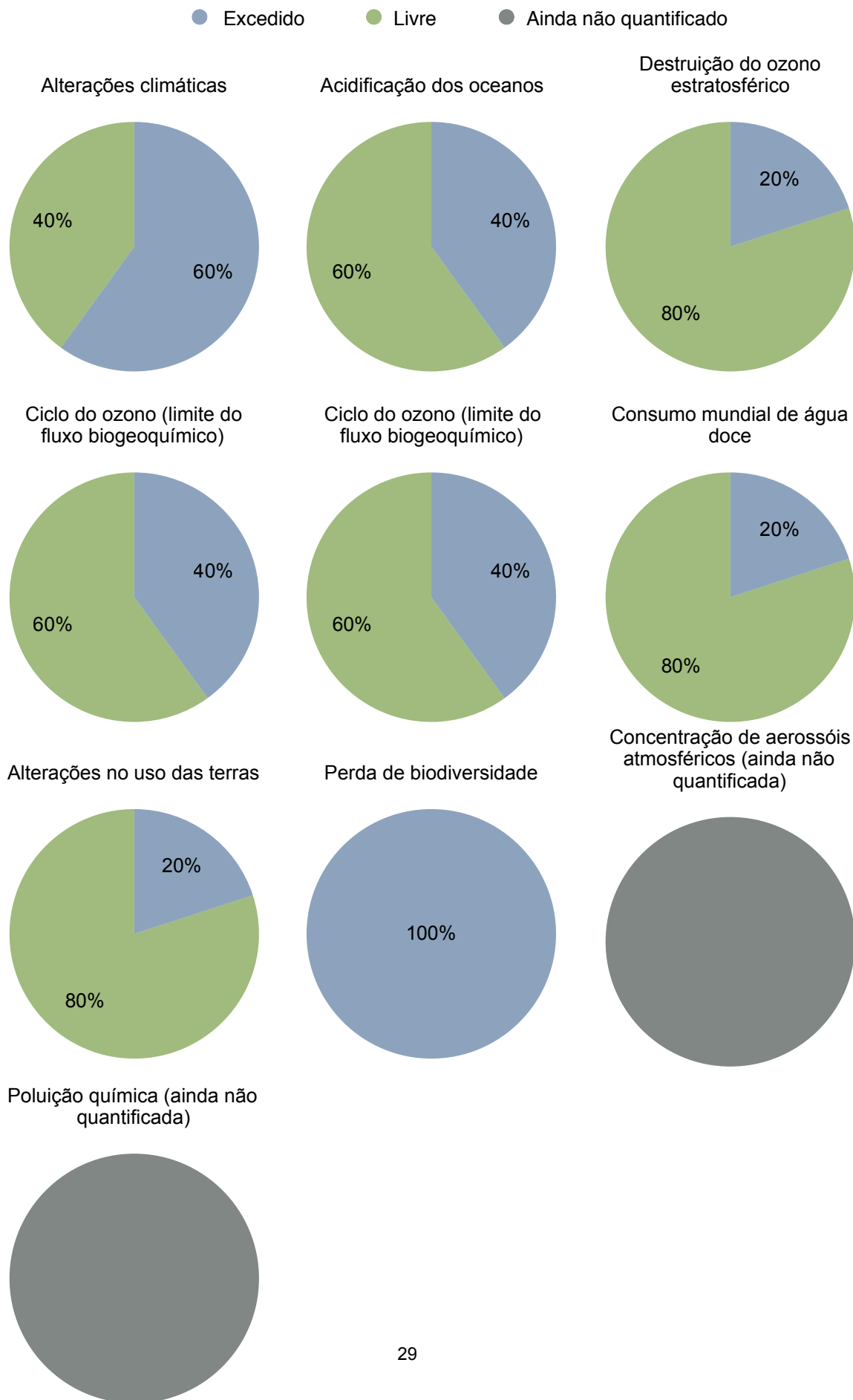
As regiões mais frágeis do mundo são as primeiras a sofrer e esse sofrimento pode ser muito elevado, talvez até nas próximas décadas, em países da África subsariana e sul da Ásia. O afastamento entre as realidades dos países pobres e ricos é tão grande que as sociedades ricas não reconhecem as externalidades do seu próprio comportamento como negativas às sociedades pobres.

No entanto, na perspetiva de que o pior não aconteça, os cientistas definiram dez limites planetários (Rockstrom, 2009), que não devem ser ultrapassados pela humanidade, embora atualmente uma grande parte já se encontre excedida ou em vias de o ser, tal como pode ser constatado da figura 2.4. Os 10 limites em questão são:

1. Alterações climáticas (em estado de alerta);
2. Acidificação dos oceanos;
3. Destruição do ozono atmosférico;
4. Ciclo do azoto (excedido);
5. Ciclo do fósforo;
6. Consumo mundial de água doce;
7. Alteração no uso das terras;
8. Perda de biodiversidade (excedido);
9. Concentração de aerossóis atmosféricos;
10. Poluição química.

Figura 2.4. Limites Planetários.

Fonte: Rockstrom, 2009.



A tendência é a de que a dinâmica do crescimento se mantenha: o produto mundial bruto continuará a crescer, bem como a população mundial. Deste modo, crescimento económico e populacional e sustentabilidade ambiental têm que conseguir desenvolver-se em simultâneo, através de estratégias e soluções criativas e inovadoras, pensadas globalmente. Não podemos ignorar os países pobres para os quais, nas próximas décadas do Antropoceno, temos que garantir condições para que se desenvolvam, enquanto simultaneamente países ricos e pobres previnem a destruição do ambiente (mitigar os estragos e construir resiliência para as alterações que se continuam a fazer sentir como riscos ambientais crescentes, consequência de acções do passado).

A mudança é iminente e deve ser baseada no “crescimento económico socialmente inclusivo e ambientalmente sustentável” (Sachs, 2017:14). Para que tal seja possível, os governos de todas as nações, bem como o setor privado, devem-se coordenar, através da boa governação e adotando caminhos alternativos aos habituais, uma vez que estes não estão a funcionar.

2.6. Outros Indicadores para a Sustentabilidade no Desenvolvimento

Nota Introdutória

Na sequência do anteriormente referido, outras dimensões da vida não são consideradas no cálculo do PIB apesar de serem tão ou mais importantes para o bem-estar holístico do indivíduo e da sociedade. Neste sentido, surgiram outros indicadores que contribuem para medir o progresso. Dos inúmeros indicadores existentes selecionei os que me parecem mais pertinentes para o presente trabalho, nomeadamente o Índice de Desenvolvimento Humano, o Coeficiente de Gini, o Índice de Pobreza Humana e o Índice de Pobreza Multidimensional, pois avaliam fatores relativos às necessidades básicas de todos os indivíduos como rendimento, saúde, educação e acesso a condições seguras de habitação e saneamento; os Indicadores de Sustentabilidade que avaliam a sustentabilidade das 3 dimensões que constituem o Desenvolvimento Sustentável; e o Índice de Felicidade Interna Bruta e a Medição do Bem-Estar Subjectivo, uma vez que avaliam a felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade no geral, nas várias dimensões que constituem a vida.

2.6.1. IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

Um deles é o IDH criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), na década de 90, e que propõe medir o desenvolvimento humano, segundo as três dimensões básicas do bem-estar: PIB *per capita* (ou seja, quantidade de bens materiais e serviços disponíveis a uma pessoa), educação (sucesso escolar) e saúde (esperança média de vida à nascença). Este índice surge como complemento ao PIB e funciona como medida comparativa para classificar países e varia de 0-1, sendo o 0 representativos dos países menos desenvolvidos e o 1 dos países mais desenvolvidos. Segundo a sua classificação, os países estão distribuídos em 3 categorias: elevado, médio e baixo. Quando comparadas, estas categorias estão de acordo com as categorias relativas ao nível de vida (PIB *per capita*), apresentadas pelo BM, com a África subsariana e sul da Ásia na categoria mais baixa.

No entanto, este não é um índice completo, pelo que surgiram críticas que apontam, nomeadamente, uma das suas dimensões como não correspondente à realidade - PIB *per capita* - uma vez que não considera a desigualdade de distribuição de rendimentos; é também um índice de medição nacional e não global; incompleto quando não inclui outras dimensões essencial à Vida, como a ecologia.

2.6.2. Coeficiente de Gini

Referido anteriormente, este coeficiente mede a desigualdade de renda/educação dentro de um mesmo país. Varia de 0-1, em que 0 representa a maior igualdade e 1 a maior desigualdade. Os países mais desiguais são os da África subsariana, enquanto os que apresentam valores mais iguais são os da Escandinávia. Este coeficiente reflecte-se bem na paisagem de um país, quando olhamos para cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, no Brasil, e nos deparamos com realidades opostas porta a porta na forma de condomínios de luxo e favelas. De referir, novamente, que os EUA, apesar de apresentarem o maior PIB, têm um Coeficiente de Gini de 0,45, o que os caracteriza como bastante desiguais na distribuição de renda/educação. Deste modo, percebemos como igualdade e riqueza não estão diretamente relacionadas. Para além da riqueza de um país, outros factores desempenham um papel bastante importante na maior ou menor desigualdade de distribuição dessa riqueza.

2.6.3. IPH - Índice de Pobreza Humana

Este índice foi criado pela ONU na década de 90 para medir a taxa de pobreza num determinado país. Para tal, é composto por 3 componentes, nomeadamente: curta duração de vida (população que não atinge os 40 anos de idade), ausência de educação elementar (ou seja, população analfabeta) e ausência de acesso aos recursos públicos e privados (como saúde, água potável e nutrição). O IPH permite avaliar as dimensões de pobreza que resultam como obstáculos ao desenvolvimento e assim torná-los visíveis à outra parte do mundo.

2.6.4. IPM - Índice de Pobreza Multidimensional

O IPM surge da necessidade de colmatar as lacunas do IPH. Enquanto o último avalia indivíduos, o segundo considera os agregados familiares, permitindo avaliar o número de pessoas que são pobres multidimensionalmente bem como a intensidade da sua pobreza. Deste modo é possível categorizar as famílias como pobres, no caso do resultado final ser superior a 3, no caso de se encontrar entre 2 e 3 são consideradas vulneráveis.

2.6.5. Indicadores de Sustentabilidade

Os Indicadores de Sustentabilidade foram aprovados pela ONU, na década de 90, como modo de medir e avaliar o desempenho das nações no Desenvolvimento Sustentável. Estes indicadores podem ser avaliados isoladamente ou combinados entre si e dividem-se em 4 categorias principais: ambiente, economia, social e institucionais e empresas. O objetivo principal dos indicadores é, tal como referido, avaliar as diferentes áreas de modo a desenvolver estratégias e políticas que conduzam ao desenvolvimento sustentável de todas as áreas geográficas.

2.6.6. IFIB - Índice de Felicidade Interna Bruta

O IFIB conduz atualmente o desenvolvimento do Reino do Butão. Em 1972, o então Rei declarou que a felicidade e bem-estar dos cidadãos seriam a partir daquele momento o motor de desenvolvimento do país, e não o PIB, pelo que criou as condições necessárias para a implementação desse novo indicador. Posteriormente, surgiu a necessidade de criar um índice que mede e avalia vários domínios da vida dos cidadãos, de modo a perceber quais as dimensões com maior e menor carência para a felicidade e bem-estar e posterior implementação de políticas com o objetivo de melhorar esses níveis. Os organismos responsáveis são o CBS, que funciona como a autoridade principal, a Comissão para o FIB que elabora as políticas de acordo com os resultados recolhidos pelo índice, e o Rei do Butão que tem o lugar de ministro da felicidade e preside a comissão.

2.6.7. Bem-Estar Subjetivo

A felicidade é o objetivo primordial do ser humano, pelo que a felicidade e o bem-estar dos indivíduos e das sociedades devem ser encarados como objetivos maiores dos governos e instituições nacionais e internacionais. Deste modo, surge a necessidade de medir e avaliar felicidade e bem-estar para que governos e instituições tenham acesso aos dados necessários para elaboração de políticas que visem o aumento de felicidade e bem-estar global. Para tal, fixam-se dois tipos de medição do bem-estar subjetivo: avaliação da felicidade afetiva, que se refere às emoções diárias, e que se subdivide em emoções positivas e emoções negativas; e avaliação da satisfação geral com a vida. A felicidade afetiva refere-se às emoções diárias, como: amizade, tempo com família, sexo, tempo de deslocamentos pendulares, relação com colegas de trabalho, relação com chefes, etc. Por seu lado, a avaliação de satisfação geral com a vida refere-se a aspetos como: posição do indivíduo na sociedade, rendimento, saúde do corpo e mente, nível de confiança na comunidade, etc. Ambas as avaliações são colocadas diretamente ao indivíduo que participa e é responsável pelas suas respostas.

No entanto, este estudo encontra-se ainda a dar os primeiros passos pois foi apenas na 1ª década do século XXI que surgiram os primeiros inquéritos para medição do bem-estar subjetivo, nomeadamente: *World Values Survey (WVS)*, *Gallup World Poll (GWP)*, *European Social Survey (ESS)* e o *European Values Survey (EVS)*. Dos organismos/inquéritos mencionados, o que cobre mais países nos seus estudos é o GWP (cerca de 150 países) e coloca várias questões para avaliar o bem-estar subjetivo. A escala utilizada é a Escala de Cantril que situa a vida numa escada com 10 degraus, onde o 10º degrau representa a maior felicidade e o degrau 0 a menor felicidade. Uma das perguntas colocada que avalia a satisfação de vida geral do indivíduo é a seguinte:

“Por favor imagine uma escada com degraus numerados de zero em baixo a 10 em cima. O degrau mais alto da escada representa a melhor vida possível para si e o mais baixo representa a pior vida possível para si. Em que degrau da escada acha que se encontra neste momento?”

in GWP

Recentemente, em 2012, foi publicado o *World Happiness Report (WHR)* elaborado por uma equipa multidisciplinar composta por Richard Layard, Jeffrey Sachs e John Helliwell e que apresenta os resultados dos estudos que têm sido desenvolvidos nesta área.

Nota Conclusiva

Os indicadores apresentados trazem uma contribuição parcelar ao estudo que se pretende desenvolver no presente trabalho, sendo que os que me parecem mais úteis são o IFIB e o Bem-estar subjetivo. O primeiro pelo facto de ser um índice multidisciplinar que promove o desenvolvimento holístico do indivíduo e da sociedade, e o segundo por abranger um número elevado de países (150) por todo o mundo e servir de base de comparação entre eles. Ambos procuram entender a perceção do próprio na avaliação da satisfação geral com a vida, bem como o balanço emocional (emoções positivas e negativas).

Capítulo III | Felicidade como impulsionadora e objetivo primordial do desenvolvimento

A procura da felicidade é algo inerente ao ser humano, pelo que todas as suas atitudes e comportamentos devem ser conduzidos no sentido da maior felicidade e do maior bem-estar físico e mental. Assim, o presente trabalho aborda a felicidade como impulsionadora e objetivo primordial do desenvolvimento.

3.1. Abordagens à felicidade

Nota Introdutória

A procura da felicidade teve várias abordagens ao longo da história da humanidade, tendo sido explicada por diferentes áreas como a filosofia, religião, política, economia, psicologia e neurociências, bem como por diversos filósofos, pensadores e outros como Aristóteles, Buda, Jesus Cristo, Thomas Jefferson, que de seguida se apresentam.

3.1.1. Filosofia

Confúcio, pensador chinês do século V e IV a.c., valorizava as antigas tradições chinesas na justiça e compaixão pelo próprio e pelos outros, e em especial o respeito à família, como o caminho para a felicidade e para a prosperidade do Império Chinês. Por sua vez, Aristóteles, filósofo grego no século IV a.c., defendia que o objetivo da vida é a *eudaimonia* (ou a boa vida). A felicidade está associada à virtude e sabedoria na prática. Nesta filosofia baseava-se a ética e a filosofia política. Mais tarde, no século VI a.c., surge na Índia uma corrente denominada de budismo que não se apresenta como uma religião pois não se baseia na crença de um Deus, mas como prática psicológica e filosofia de vida, que acredita na felicidade como objetivo primordial do Homem, tal como refere Dalai Lama “(...) o próprio objetivo da vida é perseguir a felicidade (...) o próprio movimento da nossa vida é no sentido da felicidade (...)” (Cutler, 2000:16). Esta corrente defende que a felicidade pode ser alcançada com o treinamento sistemático da mente pela meditação, o que significa treinar o intelecto e o sentimento, por meio da disciplina interior (autodisciplina), transformando o nosso modo de encarar a vida. O primeiro passo é identificar os fatores que nos conduzem à felicidade e ao sofrimento, depois, gradualmente, eliminamos os que levam ao sofrimento e cultivamos os que conduzem à felicidade. O segundo passo refere-se ao fortalecimento da determinação e o último é a tentativa de implementar práticas. Este é o caminho que beneficia o indivíduo e o coletivo. Matthieu Ricard, monge budista, defende que a mente tem um enorme potencial de transformação, devido à sua plasticidade, pelo que a meditação funciona como técnica de aprendizagem das habilidades que são inatas ao Homem, como é o caso do altruísmo, compaixão e cooperação.

Já no século XVIII, o filósofo e fundador do Utilitarismo, Jeremy Bentham, defende que a melhor sociedade é aquela que maximiza a felicidade dos cidadãos (Layard, 2011:5), uma vez que acima de qualquer outra coisa o indivíduo procura a felicidade. Posteriormente o filósofo e economista John Stuart Mill, no século XIX, dá continuidade a esta teoria, defendendo que o maior princípio de todos é a felicidade e que esta funciona como guia para o comportamento ético. Ainda neste século, Karl

Marx e Friedrich Engels na Alemanha defendem uma sociedade igualitária, sem classes sociais, em que os bens privados são abolidos e considerados de todos, segundo a lógica das cooperativas. Em meados do século seguinte nasce na Grã-Bretanha o libertarianismo associado à direita política britânica e americana. Nesta abordagem, o indivíduo tem a liberdade de escolher o curso da sua própria vida, uma vez que o governo não tem grande interferência.

Nesta altura, século XX, começam a ser discutidos os direitos humanos que são os direitos básicos de todas as pessoas do planeta e que devem ser protegidos pela sociedade e pelo Estado. Todas as nações membros das Nações Unidas orientam-se por este sistema. É em 1948 que a ONU (fundada no final da II Guerra Mundial) toma, como uma das primeiras decisões, a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos apresentando 3 grandes objetivos: a garantia da dignidade dos indivíduos; o melhoramento do bem-estar económico; e a ajuda na manutenção da paz mundial. Esta declaração funciona como orientação para o mundo. No entanto, no seguimento deste surgiram outros pactos que definem novas guias: em 2000 os ODM e em 2015 os ODS.

É também no pós-II Guerra Mundial que surge o consumismo como filosofia de vida, orientado para o consumo excessivo de bens e serviços (necessários e supérfluos), promovido pela comunicação de massas emergente.

3.1.2. Teologia

A religião, como o cristianismo, islamismo e judaísmo baseiam a sua doutrina na relação entre o Homem e Deus, em que este, como entidade superior, cria tudo o que existe e guia as nossas atitudes e comportamentos para a felicidade. Devemos seguir os comportamentos e valores morais, as regras da religião que Deus impõe ao Homem, de modo a atingirmos a felicidade plena.

3.1.3. Política

No entanto, para além de filósofos, pensadores e teólogos, houve igualmente políticos que se dedicaram à felicidade como bem comum, nomeadamente Thomas Jefferson, 3º presidente dos EUA, que no século XVIII redigiu um dos documentos mais importantes e marcantes da história da humanidade, onde afirma: “Consideramos estas verdades como auto evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes são vida, liberdade e busca da felicidade.” (Declaração da Independência dos EUA).

Na esfera política, as mudanças começam a fazer-se notar quando no início do século XXI, 80% dos britânicos respondem que é importante o bem estar geral e David Cameron, então Primeiro Ministro do Reino Unido, promove o desenvolvimento de um programa de bem-estar. Também o ex-Presidente francês Nicolas Sarkozy nomeou uma comissão, denominada “*Stiglitz Commission*”, para rever as medições apropriadas do progresso na sociedade e complementar o PIB com outros indicadores. Do mesmo modo, a OECD encontra-se a realizar programas e conferências sobre o tema.

É evidente que a elaboração de políticas que promovam a redução da miséria e o aumento do bem-estar geral estão no topo da agenda internacional. No entanto, para que se apresentem resultados

positivos, numa primeira fase, é necessário proceder-se à recolha de dados sobre a satisfação atual de vidas das pessoas, de modo que as políticas possam ser elaboradas a partir dos números recolhidos, com indicadores que indiquem como o bem-estar é/será afetado. É assim que na 1ª década do século XXI surgiram os primeiros inquéritos para medição do bem-estar subjectivo, nomeadamente: WVS, GWP, ESS e o EVS.

3.1.4. Economia

No campo da economia, Adam Smith, no século XVIII, relaciona a felicidade do indivíduo com a liberdade que a dinâmica do mercado, a lei da procura e da oferta, permite. Conclui que o comportamento egocêntrico do indivíduo é o motor do mercado. Através da mão invisível o mercado conduz-nos à felicidade quando vemos os nossos desejos materiais satisfeitos pela lei da oferta e da procura. Este é o cenário apresentado pelas nações capitalistas que não se conclui como a melhor solução. No entanto, o comunismo também não é o sistema ideal a adotar, pois defende uma sociedade igualitária sem classes sociais em que o Estado detém propriedade de todos os bens e serviços, relegando os cidadãos à pobreza e ausência de liberdade. Deste modo, não é um sistema político-económico que contribua para a felicidade e bem-estar das pessoas.

Durante um longo período da história a economia seguiu o rumo anteriormente descrito, e apesar da riqueza mundial ter crescido a um ritmo veloz, estudos elaborados pela Gallup International (empresa de estatística internacional) em meados do século XX, apresentam dados que mostram que em média, as pessoas não são, hoje, mais felizes do que eram na década de 1950 (Layard, 2011:3). Neste sentido, Dalai Lama defende que a economia precisa de aumentar os seus horizontes e garantir justiça na distribuição de rendimentos e impactos sociais e ambientais positivos, pois envolve a atividade humana cujo objetivo básico é a felicidade e redução da miséria (Singer, 2015).

É da necessidade de resposta que em 1990, se afirmou uma nova área da economia, a economia da felicidade que, através da interação entre diversas disciplinas (psicologia, neurociência, teologia, entre outras) pretende explicar e solucionar o problema apresentado por Easterlin (economista norte americano, 1974) no Paradoxo que viria a ter o seu nome. O Paradoxo sugere que a longo prazo o rendimento extra não reflete o aumento da felicidade do indivíduo (considerando países ricos). É certo que para uma família pobre o rendimento é a maior determinante do bem-estar, uma vez que 1 dólar a mais pode significar o suficiente para alimentar os filhos ou proporcionar-lhes melhores condições de saúde e de educação. No entanto, para uma família de rendimentos elevados, para a qual as necessidades básicas de vida estão garantidas, bem como outras secundárias, um rendimento adicional de 1 dólar não afetará o bem-estar dessa família. Para que tal aconteça esse rendimento extra teria que ser proporcional, o que resultaria em valores extremamente elevados. No entanto, existem outros fatores que têm um grande impacto na felicidade e bem-estar dos indivíduos e sociedades ricas, como sentimento de pertença à comunidade, confiança na comunidade, boa governança, saúde física e mental, segurança social e económica, trabalho digno, relações familiares e com amigos, liberdade, estabilidade política e participação política.

Por sua vez, a oriente, a economia é encarada de um modo distinto, denominando-se de economia budista, aquela que "(...) should be a means to a good and noble life. Production, consumption and

other economic activities are not ends in themselves; they are means, and the end to which they must lead is the development of well-being within the individual, within society and within the environment.” (Payutto, s/ano:18). Deste modo, a economia budista defende uma abordagem multidisciplinar, pois encara-se apenas como uma componente do esforço para a resolução dos problemas da humanidade. A atividade económica deve aumentar o bem estar das 3 esferas - indivíduo, sociedade e ambiente - para ter sucesso. Ao invés, se resultar apenas em sentimentos de satisfação e prazer material, pode afirma-se que falhou, pois vai causar frustração e ansiedade. No entanto, para que tal não aconteça é primeiramente necessário entender o que é a felicidade. Esta deve satisfazer as necessidades básicas como comida, vestimenta, abrigo e saúde. Com estas bases satisfeitas poderemos partir para a realização de objetivos maiores que respeitem o indivíduo, sociedade e ambiente (as 3 esferas interconectadas da existência). Deste modo, o Budismo mantém que é papel do governo aferir as necessidades dos mais pobres e lutar no sentido de banir a miséria da face da Terra. Para tal, todos os governos devem ter um método que esteja de acordo com o contexto em que pretendem actuar. Assim, o Budismo vê como sociedade ideal aquela na qual os indivíduos se treinam a si mesmos na mente e intelecto, e embora diferentes, lutam pelos mesmos objectivos, vivendo harmoniosamente.

Um dos primeiros economistas ocidentais a integrar a economia budista foi E.F.Schumacher, como seu livro “*Small is beautiful*” (1973).

3.1.5. Psicologia

Em meados do século XX, num contexto dominado pela ideia de Freud de que as pessoas que eram vítimas de experiências negativas na sua infância tinham que entender e ver-se livres do seu passado para se sentirem melhor, o psiquiatra norte americano Aaron Beck defende a terapia cognitiva, abordagem mais focada no futuro e no longo prazo. A depressão envolve um ciclo vicioso de pensamentos negativos e destrutivos que devem ser entendidos e desafiados um a um, através da disciplina mental, transformando pensamentos, emoções e comportamentos.

Mais tarde, no final do século, desenvolve-se a psicologia positiva, que tem vindo a evoluir nas últimas décadas. Contrariamente à psicologia tradicional, que se foca no tratamento dos problemas mentais, a psicologia positiva foca-se na felicidade e florescimento do indivíduo, em vários níveis da sua vida, através do trabalho das capacidades e características positivas, as nossas forças. Outro ponto essencial é o facto de que temos que aprender a estar felizes com o que temos, o que é suficiente e não desejar ter tudo e estar em todo o lado, porque esses desejos causam ansiedade e muitas vezes frustração. É igualmente importante saber controlar a necessidade de nos compararmos com os outros. O pioneiro da psicologia positiva é Martin Seligman, psicólogo norte americano, que numa apresentação da Associação Americana da Psicologia, em 1998, apresentou o tema, juntamente com outros dois autores, Mihály Csiksgentmihalyi e Christopher Peterson. Seligman apresenta como estratégia para a felicidade, a técnica que denominou de PERMA (P - *positive emotion*, E - *engagement*, R - *relationships*, M - *meaning*, A - *accomplishments*): emoções positivas, compromisso, relações, significado e realização. Devemos aplicar esta técnica a cada aspeto da nossa vida e pensar positivo. Por sua vez, Mihály Csiksgentmihalyi defende o estado de

concentração ou absorção total em que as pessoas são mais felizes com a atividade ou situação em que estão envolvidas no momento. A este estado denomina de *flow* (fluxo).

O Florescimento Humano surge na sequência do estudo da Psicologia Positiva, pela mão de Corey Keys no início do século XXI, representando uma boa vida focada no desenvolvimento do potencial humano, em ótimo estado de saúde mental que se baseia em 3 dimensões: bem-estar emocional, ou seja, sentimentos positivos perante a vida; bem-estar psicológico que implica uma avaliação da vida de acordo com os nossos critérios, que foram sendo construídos ao longo do nosso desenvolvimento; e bem-estar social que se refere à avaliação de nós próprios, enquanto atores no relacionamento com os outros, e da sociedade. Para Keyes, se as 3 dimensões de bem-estar forem positivas, então o indivíduo é pleno de saúde mental, pois sente emoções positivas e satisfação em relação à vida. Este estado deve ser constantemente trabalhado, de modo que o florescimento seja contínuo, e que as nossas vidas sejam repletas de significado e propósito, e não vazias sem sentido.

3.1.6. Ciência

A ciência apresenta o fator genético como um dos determinantes da felicidade no indivíduo. Tal como Layard (2011:56) refere, os genes habilitam-nos de instruções sobre como nos devemos desenvolver em resposta às condições externas. Estudos realizados com gémeos verdadeiros e falsos, provam que os genes afetam a felicidade, mesmo se considerarmos gémeos idênticos separados à nascença. Não se sabe dizer qual dos factores contribui com maior percentagem para a felicidade dos indivíduos, se os genes, se o desenvolvimento e a aprendizagem ao longo da vida, especialmente nos primeiros anos da criança. No entanto, está cientificamente estudado que há pessoas com maior propensão genética para a felicidade e pessoas com menor propensão. O ambiente familiar em que crescemos, tal com referido anteriormente, é igualmente importante para o nível de felicidade do indivíduo.

No século XX, Richard Davidson, cientista norte americano, desenvolveu estudos que medem a relação direta entre emoção positiva e negativa e a atividade cerebral. Os seus estudos envolveram diretamente o 14º Dalai Lama, de modo a provar cientificamente que é possível alterar o cérebro com exercícios de meditação e *mindfulness*. A manipulação do cérebro permite estimular o lado esquerdo do mesmo e ativar as emoções positivas, se queremos que alguém se sinta melhor. Está provado que, para além de aliviar a depressão, melhora o nosso sistema imunitário (Layard, 2011:19). Também Tania Singer, neurocientista, estuda o papel da o efeito das emoções sociais através de imagens do cérebro (Singer, 2015:20). Com estas técnicas é possível ver a ativação de determinadas partes durante estados de amor e compaixão, e também perceber como a meditação modula o cérebro, através de imagens de praticantes de longo termo que demonstram grande controlo da mente, e portanto da ativação dessas partes do cérebro que se referem a emoções e sentimentos positivos de amor e compaixão. Tania Singer salienta a importância do sistema que regula a relação entre mãe e filho, denominado de *caring system*, que pode ser ativado pela hormonal ocitocina ou pela indução de compaixão através da meditação.

Estudos científicos indicam que a felicidade melhora a saúde mas que, por sua vez, um melhor sistema imunitário e menos stress, também torna as pessoas mais felizes (Layard, 2011:24).

Nota Conclusiva

A mais valia para o estudo que se desenvolve está na inter relação entre todas as abordagens apresentadas. As várias áreas científicas não devem ser entendidas isoladamente mas na dinâmica entre si para a construção de algo maior para o indivíduo e para a sociedade.

3.2. Mas afinal o que é a felicidade?

As abordagens anteriormente resumidas apresentam várias visões da felicidade. Pretendem percebê-la e conduzir as nossas atitudes e comportamentos no seu sentido. Apesar de se basearem em princípios e teorias próprios, de um modo geral a felicidade transcreve-se numa emoção positiva sentida pelo ser humano que tende a procurá-la e prolongar nas inúmeras atividades que realiza, e nas diversas relações que desenvolve ao longo da sua vida. Podemos assim definir felicidade como um estado durável de satisfação e equilíbrio físico e psíquico que geram serenidade e paz interior. Felicidade e prazer não são a mesma, apesar de ambas serem emoções positivas. Enquanto a felicidade tem uma maior duração, e é mais completa em si, o prazer é momentâneo ou de curta duração e está associado a ações que, por sua vez, podem não representar o melhor para o nosso ser.

De acordo com o anteriormente referido existem inúmeros fatores que afetam a felicidade do indivíduo. Tudo começa com as características com que os nossos genes nos capacitam, e que nos vão dotar como seres mais ou menos felizes. Posteriormente, no processo de desenvolvimento e aprendizagem, ao longo da vida, desenvolvemos capacidades e estratégias que nos permitem atuar quando nos aproximamos de situações que nos causam emoções positivas (de satisfação) ou negativas (de mal estar), este processo é inconsciente e baseia-se em padrões comportamentais e noções culturais que adquirimos do bem e do mal (Layard, 2011:25). No entanto, porque não somos seres perfeitos, também cometemos erros, como o consumo de cigarros que, apesar de maligno para a nossa saúde, constitui um momento prazeroso para muitos de nós.

3.3. O que nos faz sentir mais ou menos felizes?

Nota Introdutória

As atividades que realizamos no dia-a-dia e as pessoas com quem nos relacionamos trazem-nos mais ou menos felicidade, pelo que neste ponto irei abordar as características externas e internas que influenciam o nosso nível de felicidade. Por características externas entendem-se aquelas que constituem o suporte e envolvente do indivíduo, enquanto as características internas são as que se encontram na nossa essência enquanto pessoa.

Layard (2011:14-17) refere um estudo que apresenta uma listagem de atividades que as pessoas realizam no seu dia a dia e a medição do nível de felicidade/satisfação que as pessoas sentem

quando realizam essa atividade. As atividades que promovem maior felicidade são sexo (4.7 valores numa escala de 0-5; numa média de 0.2 horas por dia), socializar (4.0 valores; 2.3 horas por dia) e relaxar (4.0 valores; 2.2 horas por dia), enquanto que as que nos dão menor felicidade são viagens pendulares (2.6 valores; 1.6 horas por dia), trabalhar (2.7 valores; 6.9 horas por dia) e trabalho doméstico (3.0 valores; 1.1 horas por dia). Neste estudo está provado que não só o tipo de atividade que realizamos afeta a nossa felicidade, como as horas do dia e com quem nos relacionamos. As horas do dia em que os níveis de maior felicidade são registados são na hora de almoço, seguidos da hora de jantar e seguintes, enquanto que os de menor felicidade decorrem logo de manhã ao acordar e posteriormente a seguir ao almoço. Também as pessoas com que nos relacionamos interferem na nossa felicidade: amigos, família e cônjuges/companheiro dão-nos maior satisfação, enquanto relações com o chefe, estar sozinho ou com colegas de trabalho nos dão menor satisfação.

Neste sentido, o WHR (2012) elaborado por John Helliwell, Richard Layard e Jeffrey Sachs apresenta as causas da felicidade e da miséria, divididas em duas grandes áreas: características externas e internas (ver quadro 3.1.). Por características externas entende-se o rendimento, trabalho, comunidade, governação, valores e religião. Como características internas: saúde física e mental, família, educação, género e idade. Todos estes aspetos dependem da genética própria do indivíduo na interação com o ambiente onde este se desenvolveu. De salientar ainda que alguns destes aspetos têm interação com a felicidade nos dois sentidos, pela casualidade reversa, ou seja: melhor saúde contribui para o aumento da felicidade, do mesmo modo que pessoas mais felizes reportam melhores níveis de saúde. Os dados apresentados resultam da recolha realizada aos cidadãos de vários países no mundo inteiro, através de inquéritos como os referidos no capítulo anterior. De modo a medir o impacto de determinada variável no comportamento, todas as outras deveriam ser mantidas constantes, o que, tendo em conta a subjetividade e complexidade do tema estudado não é possível.

Quadro 3.1. *Características externas e internas da felicidade.*

| Características da Felicidade | |
|--------------------------------------|-----------------------------|
| Externas | Internas |
| Rendimento | Saúde Física e Saúde Mental |
| Trabalho | Família |
| Comunidade | Educação |
| Governação | Género |
| Valores | Idade |
| Religião | - |

3.3.1 Rendimento

O Paradoxo de Easterlin, já apresentado ao longo deste trabalho, explica que num momento particular os ricos são mais felizes que os pobres, mas ao longo do tempo a sociedade não se tornou

mais feliz conforme se tornou mais rica. As razões que o explicam são as seguintes: 1) comparação social - a comparação com os outros, o grupo de referência, constitui o modo de nos valorizarmos, ou seja, tendemos a avaliar o nosso sucesso baseado no rendimento relativo aos nossos iguais - *zero sum game*. Assim, um aumento geral no rendimento, como o que teve lugar em meados do século XX, não leva ao aumento da felicidade geral, pois quando todos sobem juntos, o *status* relativo não se altera e ao não se alterar causa sentimentos negativos de ansiedade e frustração. Por sua vez, o aumento do meu rendimento relativo ao do outro leva ao aumento da minha felicidade, porque ao comparar-me com o outro considero que estou acima dele. Deste modo, é difícil para o crescimento económico aumentar a nossa felicidade. 2) riqueza não é igualmente distribuída, provocando desigualdades. 3) Outros fatores sociais que têm elevada importância, são capazes de contrabalançar os benefícios sentidos por rendimentos elevados, nomeadamente: insegurança, falta de confiança na comunidade e no governo, etc. 4) Processo de adaptação - explica que maior rendimento não traz necessariamente maior satisfação com a vida, pois, após algum tempo, as pessoas adaptam-se a níveis mais altos e melhores condições de vida, dando-as como garantidos e regressando aos seus níveis anteriores de felicidade. Por sua vez, é igualmente verdade que nos habituamos mais rápido às coisas que o dinheiro pode comprar (e que damos como garantido) do que àquelas que não pode comprar, como amigos e família. A este processo de habituação/adaptação Layard chama de "*hedonic treadmill*". De modo a mantermos o sentimento positivo de felicidade sempre nos valores mais altos, necessitamos de ter sempre o último e o melhor objeto comparativamente com os bens que os outros têm. É fácil entrar numa espiral de consumo, de ansiedade e frustração, com o nível de exigência material elevado.

Deste modo, o Paradoxo apresentado põe um claro limite na extensão na qual os países ricos podem tornar-se mais felizes apenas através do aumento de riqueza. Os EUA exemplificam bem esta situação, na medida em que apesar de terem tido um crescimento económico muito grande, em 1960 e mais recentemente, a felicidade média não aumentou. De qualquer modo a experiência de um país não pode ser generalizada, pelo que é necessário um estudo mais exaustivo e abrangente do que atualmente existe.

Quando comparamos países (ricos e pobres) percebemos que a riqueza contribui positivamente para a saúde, educação, suporte social, entre outros aspetos, o que nos indica que o aumento de riqueza é ainda necessário para que os países pobres se consigam desenvolver de um modo justo. No entanto, a nível do indivíduo, as variáveis sociais superam o rendimento (dados recolhidos dos vários inquéritos mencionados ao longo deste trabalho).

3.3.2. Trabalho

O trabalho providencia rendimento e sentido à vida.

Deste modo, o **desemprego** é um grande problema social com enorme impacto na felicidade e no bem-estar do indivíduo e da sociedade em geral, não apenas porque ficamos sem rendimento, mas também porque perdemos o sentido de sermos úteis para a sociedade, bem como dimensão social. No entanto, o contrário também se verifica, pessoas infelizes são mais favoráveis a perderem o emprego mais vezes. No caso taxas de desemprego altas é causado um decréscimo na felicidade

geral, uma vez que mesmo quem está empregado tem medo de perder o emprego, por isso uma baixa taxa de desemprego representa uma taxa maior de felicidade.

A **qualidade do trabalho** é também um fator muito importante na felicidade e bem-estar das pessoas, na medida em que o indivíduo necessita de se sentir motivado intrinsecamente, bem como suportado pela equipa e ver o seu trabalho e esforço reconhecidos. Num inquérito da OCDE aos países membros, apenas 20% das respostas diz que ter um rendimento elevado é muito importante, o mesmo para horas flexíveis e promoções salariais; 30% privilegia a autonomia; e cerca de 60% aponta a segurança como fator muito importante, tal como a realização de trabalho interessante. O momento do dia em que as pessoas são menos felizes, como vimos anteriormente, é quando estão em contacto com o seu chefe direto, o que explica que estes falham ao inspirarem os seus trabalhadores. A felicidade e bem-estar dos trabalhadores são aspetos chave não só para os mesmos, mas também para as empresas, pois são um bom indicador de produtividade.

Estudos sobre o impacto da **reforma** na felicidade e bem-estar do indivíduo são ainda muito iniciais, mas reportam que pessoas com níveis de educação mais altos experimentam aumento no bem-estar quando se reformam. No entanto, o mesmo não é válido para pessoas com níveis mais baixos de educação e conseqüentemente de rendimento inferior quando no ativo, o que implica que as suas reformas serão também mais baixas.

3.3.3. Capital Social

As relações sociais com familiares e amigos, bem como com colegas de trabalho e outros, têm um peso muito superior ao do rendimento (considerando sociedades ricas). O capital social traduz a quantidade e qualidade destas relações numa comunidade, e seus benefícios como: sentimento de pertença, assistência mútua informal nos bons e maus momentos, participação em interações sociais, etc. e reforça o benefício para todos os membros de uma comunidade. Estudos indicam que o capital social contribui grandemente para o bem-estar do indivíduo e das comunidades, no entanto, está igualmente comprovado que pessoas mais felizes estão mais dispostas a ter comportamentos pro-sociais como fazer trabalho voluntário, participar em eventos sociais e culturais, etc.

A **confiança** funciona como base do capital social, tanto relativamente aos indivíduos como às instituições. A questão no WVS sobre capital social e confiança, apresenta como países mais confiáveis a Noruega com 64% de respostas positivas contra o Brasil com apenas 5% de respostas positivas. Uma investigação muito interessante que se desenvolveu no final do século XX, na Europa ocidental e EUA, é o teste da carteira perdida que através do retorno de carteiras perdidas reflecte a média nacional de confiança social num determinado país. Este teste demonstra que os países com maiores níveis de confiança são realmente os da Escandinávia, uma vez que o número maior de carteiras devolvidas teve lugar nestes países (Layard, 2011:69).

Liberdade representa a possibilidade de escolha do rumo da nossa vida, o que evidentemente tem impacto positivo na felicidade e bem-estar de cada um.

A **igualdade** é um aspeto muito importante para o bem-estar geral, uma vez que, para além de proporcionar melhorias na condições de vida dos pobres (os ricos têm as suas condições garantidas), contribui para a diminuição das tensões sociais que afetam ricos e pobres.

3.3.4. Valores e Religião

A felicidade depende da nossa vida interior tanto como das circunstâncias externas que, através da educação e da prática, melhoram a nossa vida. Existem inúmeras fontes, das quais importa salientar aqui, a religião, o altruísmo, o ambiente e o consumismo. No entanto, de uma maneira ou de outra as pessoas encontram princípios condutores das suas atitudes e comportamentos consigo próprias e com os outros.

O efeito da **religião** na felicidade não está ainda exaustivamente estudado, no entanto, para cerca de 68% dos adultos a religião é importante na vida diária, sendo a prática religiosa mais comum em países onde as condições de vida são piores. Nestes países, as pessoas que são mais religiosas apresentam mais emoções positivas do que negativas, e logo níveis de felicidade superiores, devido a terem mais amigos ou conhecidos com os quais podem contar nas alturas difíceis, sentirem-se respeitados, e que a vida tem um propósito e significado. Pelo contrário, em países ricos, a diferença entre crentes e não crentes não é visível.

O **altruísmo** pode ser definido como a motivação para agir em benefício dos outros que, apesar de também ter impacto positivo no ator, este não espera nada em troca, apenas o bem do(s) outro(s). Está cientificamente provado que o altruísmo é uma característica inerente ao ser humano que deve ser estimulada e treinada ao longo da vida, desde cedo. Estudos apresentados pela psicologia e neurociência demonstram que pessoas que têm atitudes e comportamentos altruísticos são mais felizes do que os que se preocupam consigo próprios. E pessoas mais felizes são mais propícias a desenvolver comportamentos altruísticos.

Numa vertente oposta, o **consumismo** (acumulação excessiva de bens materiais, ao ponto de comprometer outros valores mais importantes) produz pessoas mais preocupadas consigo mesmas do que com os outros, que dão grande importância a bens materiais e dinheiro. São no geral pessoas menos felizes com a vida.

O futuro do **planeta** claramente afeta a felicidade e o bem-estar das gerações presentes e futuras, uma vez que é nele que habitamos e dele que retiramos todos os recursos para satisfação das nossas necessidades. De modo a entendermos como as alterações climáticas afetam o nosso bem-estar, devemos comparar ambientes diferentes e utilizar indicadores como qualidade do ar, barulho dos aeroportos, aspetos do clima, etc.

Por sua vez, os aspetos internos que influenciam a felicidade e o bem-estar do indivíduo são os que de seguida se apresenta:

3.3.5. Saúde Mental

Nos países ricos a doença mental é um dos principais fatores causadores de miséria. Deste modo, é uma área extremamente importante para os governos trabalharem e considerarem no topo das políticas públicas nacionais. A doença mental afeta uma grande parte da população, no entanto encontra-se mal definida e estimada. Nos países ricos cerca de 15% da população têm doenças mentais que necessitam de ser tratadas, como a depressão, desordens de ansiedade como fobia social, ataques de pânico, desordens obsessivo-compulsivas, ansiedade, entre outras. Por seu lado, nos países pobres, apesar de as taxas de depressão e ansiedade (doenças que resultam da pressão do aumento de riqueza e da comparação social, entre outros aspetos), a situação é pior com taxas de psicose idênticas às dos países ricos ou mais elevadas.

O tratamento deste tipo de doenças é possível com resultados positivos comprovados e os custos não são elevados. No entanto, apenas 1/4 das pessoas com doenças mentais estão em tratamento comparadas com cerca de 3/4 das pessoas que têm doenças físicas e se encontram em tratamento. A sociedade não está ainda consciencializada para este tipo de doença, encarando-a como vergonha e tabu. Esta é a causa desnecessária da grande miséria dos países ricos. Estudos indicam que, se se conseguisse abolir a depressão e a ansiedade, a miséria reduziria 20%, tanto como se conseguíssemos abolir a pobreza, desemprego e as piores doenças físicas em simultâneo. A maior miséria humana não resulta de fatores económicos, mas de relações falhadas, doença física e mental.

3.3.6. Saude Física

A saúde física é naturalmente um aspeto fundamental para o bem-estar do indivíduo. De modo a avaliar os níveis de saúde física, existem dois processos comuns: medição das alterações na saúde de um indivíduo ao longo do tempo, verificando-se as alterações causadas na satisfação de vida do mesmo; ou medição mais objetiva, como visitas ao médico, noites de internamento ou medição de incapacidade. Estes dados podem ser recolhidos através de questionário, ou através de exames, consultas, etc., consoante o tipo de medição que se pretende realizar. De salientar que o reverso também se aplica, pessoas mais felizes têm, no geral, melhor condição de saúde.

3.3.7. Família

A necessidade de amar e ser amado são condições para a felicidade do ser humano, campo no qual a família ocupa lugar de destaque, pois são as pessoas que nos são mais próximas e com quem nos relacionamos mais regularmente (pelo menos até um determinado momento das nossas vidas e considerando o contexto convencional).

Tendo em conta a necessidade de amor inerente ao ser humano, o **casamento** tem efeito positivo nas nossas vidas e é um aspeto universal. A diferença entre casamento e coabitação reflete-se na segurança que o primeiro incute, relativamente ao segundo. Para além do amor e da segurança no amor existem outros fatores positivos como a confiança, companhia e vantagens económicas. Um bom casamento é fonte de satisfação com a vida e a igualdade de felicidade entre o casal é garantia para a estabilidade marital. Pessoas menos felizes têm maior probabilidade de se divorciarem e, uma vez que o fazem, o divorcio aumenta o seu nível de felicidade no longo termo.

A investigação não é ainda exaustiva, no entanto, **filhos** não são sinónimo de aumento da felicidade e satisfação com a vida. De um modo geral, a felicidade dos pais relaciona-se com a idade dos filhos. Assim, pais com filhos até aos 3 anos de idade e adolescentes são menos felizes; enquanto, pais com filhos entre os 3-12 anos de idade reportam níveis de felicidade superiores. Também deve ser considerado o rendimento do agregado familiar, sendo que casais mais ricos são mais felizes na condição de pais. A estrutura e apoio por parte do Estado também se reflete na maior ou menor felicidade na parentalidade, pelo que países sociais democratas da Escandinávia reportam níveis de superiores.

3.3.8. Educação

O nível de educação não tem impacto direto na felicidade e bem-estar do indivíduo, no entanto tem impacto indireto ao ser refletido, mais tarde, no seu rendimento. Considerando os países pobres (que se encontram numa fase anterior do desenvolvimento), a educação contribui, primeiro que tudo, para a redução da taxa de natalidade (mulheres que frequentam a escola são mães mais tarde) e da taxa de mortalidade (aumento do conhecimento, melhoria das condições de saúde, etc.).

3.3.9. Género

Nos países ricos, especialmente os que defendem direitos das mulheres mais iguais, as mulheres reportam níveis de felicidade superiores aos dos homens. Nos países pobres, o quadro é inverso, as mulheres são ainda as menos favorecidas.

3.3.10. Idade

Este é um dos aspetos mais robustos para a felicidade. A satisfação de vida varia com a idade, declinando até atingir um mínimo aos 40-50 anos, e subindo novamente até aos 70-80 anos. Posteriormente, o fator saúde começa a ter efeitos negativos, de modo que a felicidade começa novamente a declinar.

Nota Conclusiva

De entre as características apresentadas as mais relevantes para a felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade nos países ricos são o capital social que através de relações íntimas e de comunidade, nos permite sentimentos de confiança, pertença, igualdade e liberdade; e saúde mental. Nas sociedades ricas, onde as necessidades básicas (como outras para além destas) das famílias e indivíduos se encontram asseguradas pelo Estado e outras organizações/instituições, o aumento de rendimento já não tem a mesma importância para o desenvolvimento do indivíduo, tendo outros fatores maior peso, saúde mental (depressão e ansiedade), sentido de comunidade, confiança social, boa governança, entre outros. No entanto, é de salientar que o mesmo não se constata para uma sociedade pobre, na qual o aumento de rendimento *per capita* como convencionalmente se aplica, é necessário, pois significa aumento de qualidade de vida. Aumentos mínimos para um agregado familiar pobre significam resultados muito maiores, permitindo a sobrevivência de uma criança, fim da

fome de uma família, possibilidade de educação, melhores condições de saúde, de habitação, saneamento, perspectiva de melhoramento e oportunidade de trabalho, etc.

3.4. Medição e Avaliação da Felicidade

A grande mudança na economia deu-se apenas em 1930, quando os psicólogos provaram aos economistas que era possível medir objetivamente a felicidade (Frey, 2008:8) apesar de esta ser uma experiência subjetiva. Pode ser medida através de questionários com perguntas ao próprio, de opiniões de familiares e amigos, bem como da medição da atividade cerebral. São metodologias recentes mas que se estão a desenvolver rapidamente. A medição da felicidade e do bem-estar, permite-nos perceber os pontos altos e baixos, bem como compreender quais as condições que afetam o bem estar (Frey, 2008:22) e os comportamentos ao longo do tempo, e comparar a felicidade entre pessoas e países.

A recolha de dados a uma escala global e sistemática pode melhorar as políticas a nível macro, pois permite a medição dos progressos e comparações com ganhos noutros lugares. A medição deve ser feita através de relatórios emocionais que avaliam um estado emocional, a felicidade afetiva, referindo-se às emoções diárias, e que se subdivide em emoções positivas e emoções negativas; e avaliação da satisfação de vida geral do indivíduo. A felicidade afetiva refere-se às emoções diárias, como: amizade, tempo com família, sexo, tempo de deslocações pendulares, relação com colegas de trabalho, relação com chefes, etc. Neste processo existem várias distinções a considerar, nomeadamente: o bem estar experienciado versus o lembrado. O bem estar experienciado depende de relatórios que abordam momento a momento de prazer e dor, o tempo é momentâneo, por sua vez, o lembrado é reportado consecutivamente e é baseado na memória, o tempo é passado. Por seu lado, a avaliação de satisfação geral com a vida é um julgamento (na forma de questionário) sobre algo e refere-se a aspetos como: posição do indivíduo na sociedade, rendimento, saúde do corpo e mente, nível de confiança na comunidade, etc. De modo a obter resultados mais fidedignos todos os relatórios devem ser considerados, uma vez que os seus interesses não colidem, antes se complementam.

A satisfação geral com a vida toma a vida como um todo e tem menos variações a curto espaço de tempo, mais ligações a circunstâncias da vida. É esta que interessa mais às políticas dos governos, uma vez que explica as diferenças entre nações e é nestes áreas que podem intervir. Ambas as avaliações têm carácter participativo e democrático quando são colocadas diretamente ao indivíduo que é responsável pelas suas respostas.

O método dos questionários cobre, atualmente, aproximadamente 80% da população mundial, sendo o mais consistente dos métodos mencionados. São colocadas perguntas diretamente às próprias pessoas acerca da sua satisfação geral com a vida. A pergunta é avaliada com base na Escala de Cantril que apresenta 10 degraus desde 0, mais baixo, ao 10, mais alto. No entanto existem diferentes questionários, perguntas e escalas de avaliação com o mesmo objetivo, que deveriam ser otimizados de modo a apresentarem um formato comparável e fornecerem uma imagem geral do estado da felicidade no mundo.

Os inquéritos mais abrangentes e sistemáticos, à data presente, são:

- “*Gallup World Poll*” (GWP) que cobre cerca de 150 países;
- “*World Values Survey*” (WVS) que cobre 60 países;
- “*European Social Survey*” (ESS);
- “*European Values Survey*” (EVS);
- entre outros nacionais como é o caso do Reino Unido, como o “*Office for National Statistics*” (ONS).

O GWP é o inquérito que apresenta maior cobertura de países e avalia tanto relatórios emocionais, como questionários sobre a avaliação de satisfação geral com a vida. A amostragem anual é de 1000 pessoas, com idades a partir dos 15 anos, em cerca de 150 países. Utiliza a escala de Cantril, como mencionado anteriormente. Sendo o GWP o mais abrangente pode considerar-se que este é o que melhor representa a felicidade no início do século.

Relativamente à satisfação geral com a vida, as questões colocadas diferem de acordo com o inquérito utilizado:

- O GWP coloca a questão “All things considered, how satisfied are you with your life as a whole these days?” e utiliza a escala de Cantril para medição;
- O ESS coloca a seguinte questão para avaliação da satisfação geral com a vida: “All things considered, how satisfied are you with your life as a whole nowadays?” (Helliwell, 2012:14). A escala de medição utilizada é igualmente a de Cantril;
- O WVS pergunta basicamente a mesma pergunta que o ESS e utiliza a mesma escala para medição. “All things considered, how satisfied are you with your life as a whole these days?” (Helliwell, 2012:14).

Com vista ao entendimento e comparação universal, Richard Layard sugere aos governos, instituições e organizações que considerem determinados factos que se verifica serem transversais a todos os países e culturas, nomeadamente:

- Definição única de bem-estar subjectivo como “satisfação geral com a vida”;
- Definição de conceito participativo e democrático, em que as pessoas avaliam o seu próprio bem-estar;
- Entendimento de que os fatores que afetam a satisfação geral com a vida devem ser encarados e analisados simultaneamente, considerando que existem influências imediatas na situação atual da pessoa como rendimento, emprego, saúde e vida familiar, mas também outros fatores mais longínquos como infância, escolaridade, histórico familiar, etc.;

- Entendimento de que os fatores mais importantes não são os económicos (ao contrário do que se pensa e praticou até agora), mas a saúde mental e física, assim como relações íntimas. O rendimento explica menos de 2% da variação da satisfação geral com a vida.

O que interessa medir é a satisfação geral com a vida de cada indivíduo a longo prazo, um vez que esta é influenciada por inúmeras variáveis, como as nossas atitudes, temperamento e as características chave da nossa situação de vida como relações, saúde, dinheiro, etc. Deste modo, sendo que as nossas atitudes e comportamentos bem como situação financeira, familiar, de saúde, e etc, variam ao longo das nossas vidas, as medições da felicidade e satisfação com a vida devem acontecer em diferentes momentos e ao longo do tempo, para que tenham uma continuidade, e cubram as várias etapas e atividades da vida. Esta será a base a partir da qual os governos trabalham para promover a redução da miséria e o aumento dos níveis de felicidade e bem-estar.

Uma limitação atual dos inquéritos, que poderá conduzir à fraca comparação entre eles, é a diferença cultural entre os países onde são colocados. O entendimento das questões colocadas difere de acordo com os países e suas culturas, o que pode gerar diferenças significativas nas respostas e posteriores comparações dos níveis de satisfação geral com a vida. O próprio indivíduo, pode dar significados diferentes ao conceito de felicidade ao longo da sua vida, por se encontrar em diferentes fases da mesma (Frey, 2008:51), no entanto, a medição ainda que subjectiva permite perceber e compreender as determinantes da felicidade. Quando se fazem comparações entre os diferentes tipos de avaliação e medição, todos contam histórias similares sobre as fontes mais prováveis para uma boa vida. Outra limitação apontada, mas que tem sido corrigida, refere-se ao facto de as experimentações serem realizadas com base no sistema *WEIRD* - *western, educated, industrialized, rich democracies* que não representam outras culturas para além da cultura ocidental industrializada.

3.5. Como se encontram a felicidade e o bem-estar distribuídos pelo mundo

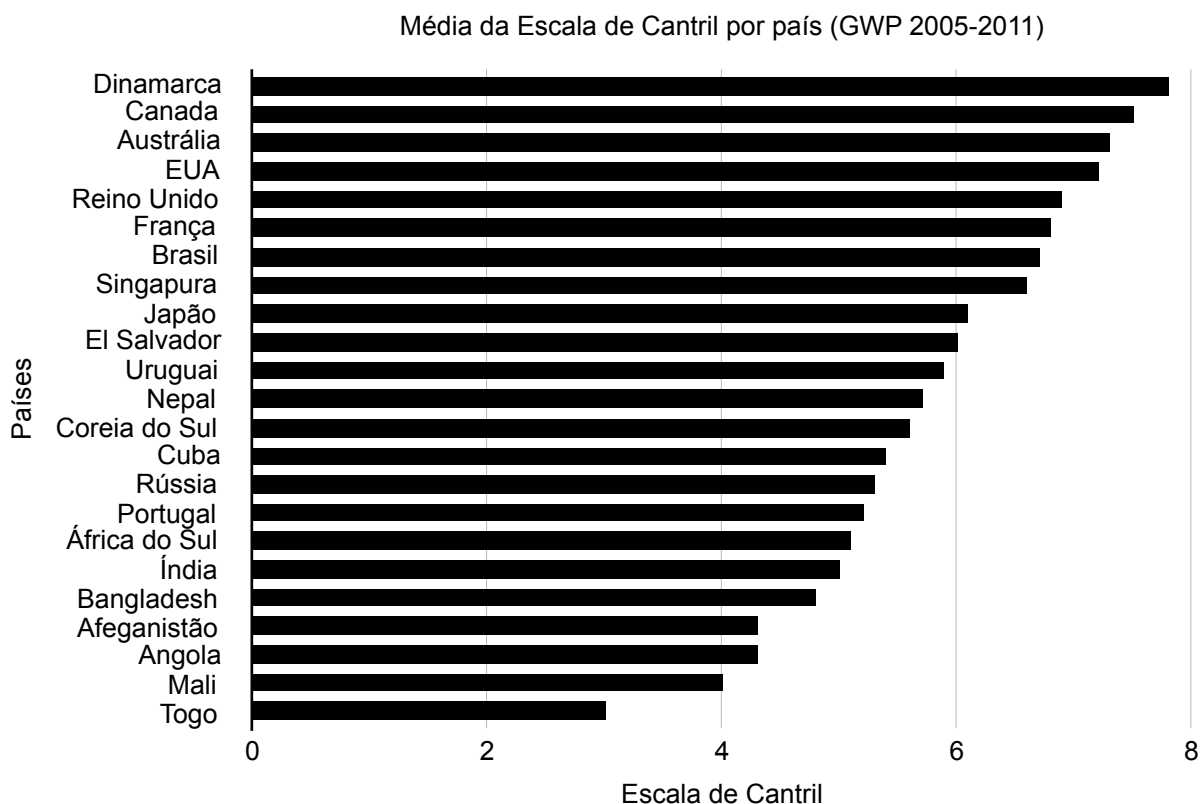
Considerando a medição e avaliação elaborada pela GWP, que como anteriormente referido é o questionário mais abrangente, importa reter alguns resultados (Helliwell, 2012):

- 1/4 da população do mundo responde no nível 5 da escala de Cantril (o ponto médio da escala) à questão sobre a satisfação geral com a vida e felicidade;
- Os 4 países no topo da lista localizam-se geograficamente todos no norte da Europa, com uma média de 7.6 valores na referida escala. A Dinamarca é o país no topo, com quase 8 valores;
- Por sua vez, os 4 países na base da lista localizam-se na região da África subsariana, com uma média de 3.4 valores na escala, como o Togo e o Benin;
- 80% das diferenças supra mencionadas podem ser atribuídas a variáveis que medem o suporte material, social e institucional para uma boa vida. Estes suportes são mais fortes nos países com valores superiores no ranking: a média de rendimentos é 40 vezes superior nos países do topo; a esperança de vida é 28 anos superior; as pessoas têm muito mais probabilidade de ter alguém a quem telefonar em tempos de necessidade (95% vs 48%); mais liberdade (94% vs 63%); menos corrupção no negócio e no governo (33% vs 85%);

- A distribuição da satisfação geral com a vida dentro do mesmo país difere entre países. Assim, os que se encontram no topo da lista apresentam níveis altos de igualdade na distribuição da felicidade dentro do país, como é o caso da Dinamarca e Noruega. No entanto, outros países também bem cotados, como é o caso da Costa Rica e dos EUA, apresentam níveis de igualdade bastante inferiores, com uma fatia maior da população que reporta níveis de satisfação de vida inferiores;
- Tal como o rendimento, a felicidade está mal distribuída entre as nações. Os resultados dos inquéritos revelam que a variação da felicidade da população mundial é maioritariamente dentro do próprio país, enquanto se verifica numa escala bastante menor para o fator rendimento. Contrariamente, a variação mundial dos rendimentos entre países é de 42%, e a percentagem correspondente de satisfação geral com a vida é de 22%. A explicação é de que o rendimento é um dos suportes da felicidade, mas existem outros suportes que, por sua vez, estão muito mais igualmente distribuídos pelos países. Contudo, países e regiões mais pobres apresentam sempre níveis de confiança e relações sociais (os quais têm uma grande relação com a felicidade) mais fracas;
- Em todas as regiões é possível verificar um leque completo de satisfação geral com a vida, no entanto há que considerar que os inquéritos refletem personalidades diferentes, bem como diferentes circunstâncias de vida que predizem cursos de vida diferentes, mesmo que dentro dos mesmos bairros e nações.

Figura 3.1. *Distribuição da felicidade no mundo no início do século XXI.*

Fonte: Helliwell, 2012, 30-32.



Os países mais felizes do mundo são os que apresentam os níveis de rendimento per capita mais elevados, bem como (a par) o nível de igualdade social, confiança e qualidade de governação. A Dinamarca está no topo da lista. Para tal é necessário que em primeiro lugar se identifiquem os correlacionadores da felicidade e de seguida se construam políticas públicas que promovam a felicidade da sociedade de igual modo. Este é o objetivo do Reino do Butão (nação pioneira, onde a felicidade é o princípio organizativo da governação e construção das políticas públicas) e a motivação de outros governos que se dedicam a medir a felicidade dos cidadãos de um modo fidedigno e sistemático ao longo do tempo, de modo a evitarem ratoeiras à felicidade, como se verificou nos EUA nas últimas décadas.

De salientar que o Butão não está incluído no GWP, no entanto, utilizou a questão sobre a satisfação geral de vida colocado pelo ESS no seu inquérito nacional de 2015, de modo que a média de felicidade do Butão seja minimamente comparável à dos restantes países que são avaliados pelo ESS. O resultado foi de 6.05 numa escala de 0-10. De salientar que este valor é mais baixo que a média dos países do ESS (7.01), mas mais alto do que na Rússia (segundo este mesmo inquérito). Comparativamente aos países vizinhos, o Butão encontra-se ligeiramente acima dos níveis da Índia, Nepal, China e Bangladesh (apesar de os dados existentes serem pouco precisos).

Capítulo IV | Felicidade Interna Bruta - Estudo de Caso

4.1. Breve contextualização geográfica, política e sócio económica

O conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) foi pela primeira vez mencionado pelo Butão em 1972. No entanto, as ideias de felicidade como propósito do Estado já se encontram presentes na Constituição há muitos séculos.

Num primeiro momento deste capítulo irei fazer uma breve apresentação e contextualização geográfica, política, económica e social do Butão.

Este reino localiza-se na parte este dos Himalaias, entre o Tibete e a Índia e teve a sua origem quando, no século XVII, um lama tibetano fugido da perseguição religiosa no Tibete, se instalou naquela região e se proclamou seu líder. O sistema de governação adotado derivava do Tibete que defendia a ideia de que governação e política deviam ser enquadradas nos pensamentos budistas, garantindo que a governação convergia no mesmo sentido que a espiritualidade. Dois séculos mais tarde, resultante de conflitos civis constantes, foi proclamado, em 1907, o 1º Rei do Butão. No entanto, para o presente trabalho, interessa referir os 4º e 5º Reis do Butão, sua Majestade Jigme Singye Wangchuck (1972-2008) e o seu filho, atual rei do Butão, sua Majestade Jigme Khesar Namgyel Wangchuck, eleito em 2008, quando o Butão transita de monarquia absoluta a monarquia democrática constitucional (e se realiza a primeira eleição geral). Atualmente o poder é descentralizado e o país encontra-se dividido em 20 distritos (*dzongkhags*) que têm autoridade para cumprir vários objetivos, nomeadamente promover o desenvolvimento com base no FIB. Apesar de não terem poder para criar leis, os distritos podem estabelecer regras e regulamentos consistentes com as leis do governo central.

A modernização do Butão teve início na década de 1970, quando o país se abriu ao mundo, no âmbito do programa de desenvolvimento da ONU. Na fase inicial de modernização, as estratégias e a tecnologia eram trazidas de fora (segundo metodologias do ocidente) e não se adaptavam à cultura e tradição do Butão, pelo que o método utilizado foi o de ajustar os modelos externos às condições internas. Foi nesta linha de pensamento que, em 1972, Sua Majestade construiu o enquadramento para o conceito de FIB.

Dados recolhidos pelo BM (<http://www.worldbank.org>) definem o atual ambiente político como estável e o modelo de governança em ação como democrático e participativo, assentando o sistema de gestão de desenvolvimento nos princípios do FIB. Do ponto de vista económico apresenta-se como uma das economias mais pequenas mas de crescimento mais rápido no mundo. Entre 2006-2015 a média de crescimento anual foi de 7,5%, o que o coloca no 13º lugar numa lista de 118 países, e acima da média global (4,4%). A construção de centrais hidroeléctricas tem sido o impulsor da economia e suporte do crescimento sólido. Por sua vez a agricultura e o turismo têm igualmente tido um crescimento constante e significativo. Em termos de relações internacionais, o país tem fortes relações económicas e estratégicas com a Índia por ser este o seu maior parceiro de comercialização, fonte de ajuda estrangeira, bem como financiado e comprador de energia

hidroelétrica. O país encontra-se em crescimento sólido e estável, mas são ainda necessárias algumas mudanças estruturais como a redução da dívida pública, o desenvolvimento do sector privado, e a redução da taxa de desemprego nos jovens. O Butão tem feito um tremendo esforço para erradicar a pobreza (dados apontam que a pobreza extrema está quase erradicada) e promover a igualdade de género. Como tantos outros países pobres é vulnerável a desastres naturais e riscos relativos ao clima, pois não possui ainda meios para elaboração de estratégias e práticas resilientes.

Apesar de ainda ser um país isolado, a crescente modernização impõem-se e implicou, nos últimos anos, o crescimento dos assentamentos urbanos. No entanto, a maioria da população é ainda rural. A unidade familiar predominante consiste em pequenas famílias de agricultores, sendo esta a ocupação dominante. Nesta sociedade nunca existiu um sistema rígido de classes, as mulheres têm os mesmos direitos que os homens e a roupa tradicional secular é vestida por todos como um meio de manter viva a cultura tradicional do país.

Quadro 4.1. Principais dados sobre o Butão.

| Butão | | |
|-------------------------|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Área total | 38.394 km ² | Fonte: Wikipédia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Butão |
| População | 797,765 mil (2016) | Fonte: Worldbank Data, https://data.worldbank.org |
| Capital | Thimphu | - |
| Língua oficial | <i>Dzongkha</i> | Fonte: <i>Centre for Bhutan Studies</i> , http://www.bhutanstudies.org.bt |
| Religião oficial | Budismo | Fonte: <i>Centre for Bhutan Studies</i> , http://www.bhutanstudies.org.bt |
| Outras religiões | Hinduísmo, Cristianismo e outras | Fonte: <i>Anon</i> , 2016:54. |
| IFIB | 0,756 | Fonte: <i>Anon</i> , 2016:58. |
| PIB | 2.512 mil milhões (2017; Dólares EUA atuais) | Fonte: Worldbank Data, https://data.worldbank.org |
| CO2 emissions | 1.289 metric tons per capita (2014) | Fonte: Worldbank Data, https://data.worldbank.org |

4.2. O conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB)

Em 1972 o 4º Rei do Butão, sua Majestade Jigme Singye Wangchuck, mudou a noção de medição de desenvolvimento do país, quando constatou que o indicador utilizado a nível global, o PIB, não considerava o objetivo superior do homem: a sua felicidade. Deste modo, nasceu o conceito de FIB colocando o Butão na vanguarda da construção de um novo e revolucionário conceito, que posteriormente se desenvolveu no índice IFIB.

O novo conceito é considerado revolucionário pois promove o desenvolvimento e crescimento plural e integrado do país, respeitando as suas condições e tradições, com o objetivo primordial de proporcionar felicidade e bem-estar aos seus cidadãos, em todas as dimensões da vida - social, ambiental, espiritual, cultural, económica, política, e tecnológica -, ao invés do que convencionalmente se impõe através do PIB, que representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por uma determinada nação num determinado período de tempo. Este indicador, como constatado ao longo do presente trabalho, é bastante redutor, uma vez que não considera outras dimensões para além da económica.

Para o atual Rei do Butão, FIB significa desenvolvimento com valores. O conceito faz a ponte entre os valores da sociedade e o processo económico que gera crescimento, um crescimento sustentado em pilares que permitem tomar decisões conscientes e sustentáveis. A Constituição promulgada em 2008 mantém a essência da constituição medieval do Butão, afirmando que “The State shall strive to promote those conditions that will enable the pursuit of Gross National Happiness.” e mais, “The Government shall protect and strengthen the sovereignty of the Kingdom, provide good governance, and ensure peace, security, well-being and happiness of the people.” (CBS, 2016:29). Neste sentido o Rei criou 2 entidades que têm um papel muito importante na construção e implementação do conceito e índice, nomeadamente o próprio Rei e o Centro de Estudos do Butão (CBS), cujos objetivos primordiais são as pessoas, o maior ativo da Nação, em harmonia com a natureza e tradição, através de uma boa e eficaz governança que garanta uma economia dinâmica como fundação para uma democracia energética.

De momento não existe ainda uma definição oficial para FIB, mas a que é mais usada pelo governo do Butão é a seguinte,

“GNH measures the quality of a country in a more holistic way (than GNP) and believes that the beneficial development of human society take place when material and spiritual developments occurs side by side to complement and reinforce each other.”

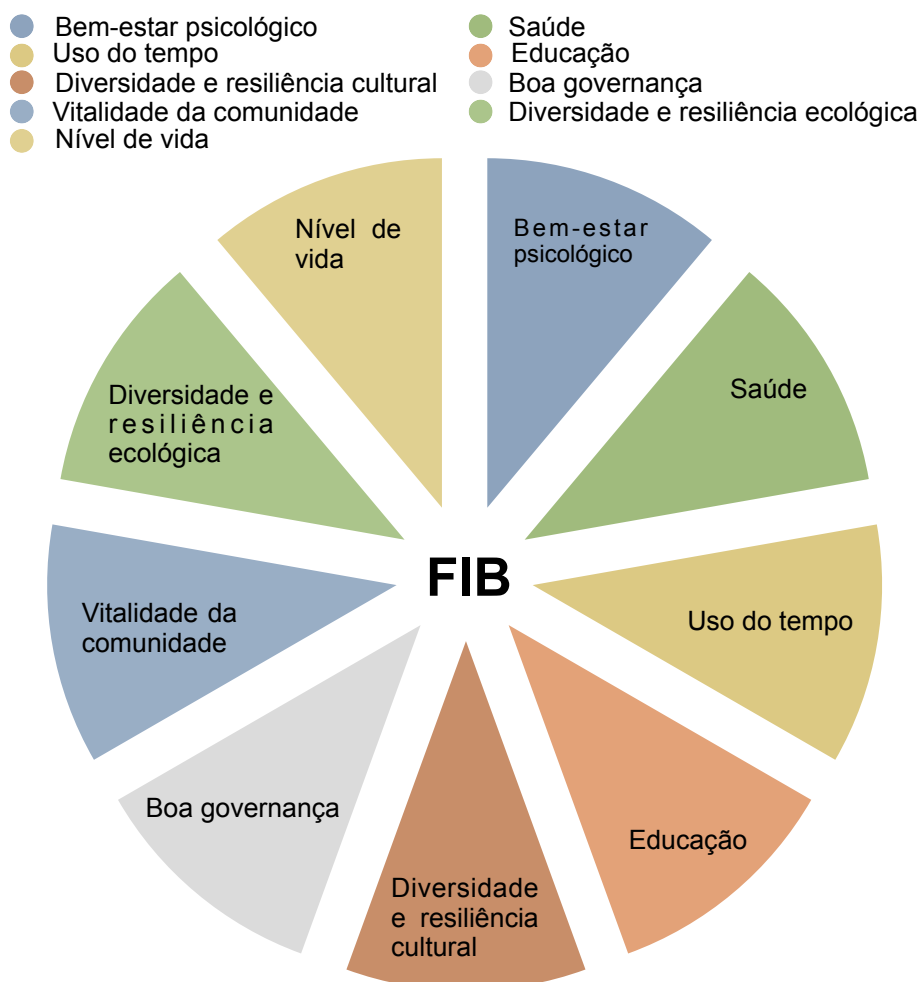
in Helliwell, 2012:111

Neste sentido, foram formulados 4 pilares essenciais ao desenvolvimento do conceito que se referem à administração da nação de modo democrático e participativo, permitindo aos cidadãos desenvolverem-se enquanto indivíduo social e espiritual e enquanto sociedade/nação; à contemplação do desenvolvimento sócio-económico sustentável e próspero; à preservação e promoção da cultura, pois mantém e desenvolve a identidade cultural, o conhecimento e práticas tradicionais que possibilitam a superação de desafios e dificuldades que possam surgir no diálogo com outros ideais; e à conservação do ecossistema como contributo chave para o conceito de FIB, pois para além de providenciar serviços indispensáveis como água e energia à vida humana, a natureza é considerada de extrema importância como estímulo para a cura das pessoas e para a sua experiência de felicidade e calma (referência budista). É importante fazer aqui um parêntesis e realçar

a diferença do significado de felicidade do Oriente, países onde o Budismo se encontra fortemente enraizado, para o Ocidente, onde prevalece o consumismo. Para tal, consideremos o que foi apresentado no Capítulo III e o discurso do Primeiro Ministro do Butão, em 2008, que declara que a felicidade não são sentimentos ou humores positivos e que não pode existir enquanto outros sofrem, pois a verdadeira felicidade advém apenas da felicidade e do bem estar geral, dos outros e nosso, em harmonia com a natureza, que deve se promovida através do bem que fazemos aos outros, que só é possível quando realizamos a sabedoria inata e a verdadeira natureza das nossas mentes (Helliwell, 2012:111).

Posteriormente, os 4 pilares foram subdivididos em 9 domínios (ver figura 4.1.) que articulam os diferentes elementos do FIB e constroem a base para o índice. São eles: Bem-estar psicológico; Saúde; Uso do tempo; Educação; Diversidade cultural e resiliência; Boa governança; Vitalidade da comunidade; Diversidade ecológica e resiliência; Nível de vida. Estes demonstram que todos os factores se relacionam de modo a criar as condições necessárias para a felicidade e bem-estar do indivíduo. O balanço entre desenvolvimento material e não-material, bem como a pluralidade e interdependência características do FIB são características-chave que o distinguem do PIB, como medidor do progresso e desenvolvimento de um país.

Figura 4.1. 9 domínios da Felicidade Interna Bruta (FIB).



4.3. A Gênese do Índice

Durante um longo período de tempo o conceito de FIB não foi institucionalizado, pois não existiam estratégias nem objetivos implementados para o seu cumprimento, pelo que a sua prática dependia apenas de pessoas que intuitivamente se regiam por esse modo de vida. Mais tarde, com as discussões internacionais e nacionais para encontrar solução aos problemas atuais - alterações climáticas, desigualdade, pobreza, fraca relação entre satisfação de vida e crescimento económico, entre outros -, a investigação tornou-se mais consistente e deu origem ao índice para avaliar o desenvolvimento do país. Estava, assim, implementada a segunda fase - a criação do índice IFIB.

Desde 1961 que o governo do Butão desenvolve um sistema de planos de 5 anos (*Five Year Plan - FYP*) com o propósito de “balanced development between various spheres of human flourishing.” (CBS, 2016:36). Neste sentido, desde 2008-2013, com o 10º FYP, o IFIB tem sido usado como instrumento de medição do desenvolvimento do país. O plano consiste em programas que são decompostos segundo 2 níveis: central e local (que consiste em 20 distritos devidos em 205 municípios).

Em 2005, o Governo do Butão definiu a estratégia de desenvolvimento baseada num documento intitulado “*Good Governance Plus: in pursuit of GNH*”. Neste documento, o CBS era nomeado para delinear uma ferramenta de medição do desenvolvimento do país alternativa ao PIB, pelo que desde esse momento já foram feitos 3 inquéritos para recolher informação sobre a vida das pessoas. O terceiro foi efetuado em 2015 com fundos da “*Japan International Cooperation Agency*” (JICA) para os levantamentos de campo, enquanto o Governo do Butão suportou as despesas relacionadas com os salários dos supervisores, etc.

O objetivo prático do IFIB é servir de base para a adequação das políticas públicas às necessidades da sociedade, permitindo uma dinâmica muito forte na interação entre informação, de modo a melhorar o seu bem-estar e aumentar os níveis de felicidade. Neste sentido, em 2005, começou a desenvolver-se o processo para a implementação do conceito como instrumento de medição, através da construção de indicadores e ferramentas que possibilitam pô-lo em prática. O primeiro teste piloto teve lugar em 2006, e o primeiro inquérito nacional em 2008, tendo depois sido seguido pelo primeiro inquérito em 2010, e o último em 2015. Os domínios e indicadores são trabalhados ao longo do tempo, tornando-se mais consistentes, de modo a permitir a comparação de desempenho de uma parte da população com as restantes.

O impacto deste novo índice no mundo Ocidental foi muito grande considerando o panorama global já apresentado, para o qual o PIB não trouxe soluções. Do mesmo modo, outros indicadores como o IDH, IPH e IPM mostraram-se insuficientes. Quando comparamos o IFIB a esses indicadores, este diferencia-se pela sua capacidade de integrar múltiplas dimensões essenciais à vida e por se focar no florescimento da pessoa, ao invés de focar a sua sobrevivência (como o IPH).

Assim, em 2012, no sentido de tentar encontrar estratégias e soluções eficazes para a mudança positiva, a ONU promoveu um encontro no qual participaram líderes mundiais e do Butão, de modo

que através da partilha do conceito e índice de FIB houvesse uma aprendizagem global que gerasse o desenvolvimento e crescimento integrado e sustentável. No entanto, o Butão admite as limitações do conceito e do índice, tal como afirma Sua Majestade, a Princesa Kezang Choden Wangchuck, bem como a contribuição positiva que os vários governos, líderes e organizações mundiais podem ter para a evolução do mesmo,

“It has its limitations. We see it as a dynamic design that must be constantly enriched and improved with the help of people from all walks of life who bring with them immense experience and knowledge with a shared inspiration to create a better world. In this regard, we are most heartened by the interest the world has taken in our development approach”.

in gnhcentrebhutan.org

FIB pode operar nos dois níveis - individual e colectivo - pois foca-se no desenvolvimento integrado e holístico da nação, bem como no carácter do indivíduo e sua situação individual. Vários atores são considerados nos programas desenvolvidos pelo Estado, desde o governo, setor privado, organizações da sociedade civil (como ONGD's, cooperativas e outras) e doadores. As 3 questões principais a que o inquérito pretende responder e que são de interesse do governo mas também dos cidadãos, são as seguintes:

- “What are components of happiness (or unhappiness) among different groups of population?”;
- “Where are those who are strikingly happy (or unhappy)?”;
- “Who are they?” (CBS, 2016:42).

Neste sentido, é criado um índice que encontre as respostas às questões colocadas. O método utilizado para a construção do índice é uma versão do método “*Alkire Foster*” (2007,2011) que consiste na medição de conceitos multidimensionais desde a pobreza ao bem estar. Deste modo, o índice é agregado em 9 domínios, que se decompõem em 33 grupos de indicadores. Cada grupo é posteriormente composto por várias variáveis, o que perfaz um total de 124 variáveis. Assim se constituem os blocos básicos de construção do índice. O peso das variáveis difere, um limite ou nível de suficiência é aplicado a cada variável. Ao nível dos domínios, têm todos o mesmo peso, pois são considerados como igualmente válidos para a felicidade e bem-estar.

O questionário é responsabilmente respondido pelos cidadãos, acompanhados por um recenseador, e posteriormente analisado pelos membros da entidade competente (CBS) com vista à elaboração dos resultados finais. Estes são avaliados em três fases, do particular para o geral e novamente para o particular, ou seja, em primeiro lugar são analisadas as realizações das pessoas “*deeply happy*” e todas as suas características, posteriormente, são comparados os valores entre diferentes distritos, de modo a perceber quais apresentam melhores resultados, e em último lugar, o índice avalia a evolução ao longo do tempo. Numa segunda fase, de modo a implementar as políticas governamentais que têm como objetivo o aumento do bem-estar e felicidade dos cidadãos “*not yet*

happy”, as insuficiências destes são identificadas e decompostas por domínio, indicador e distrito. Finalmente a comissão decompõe o índice ao longo do tempo de modo a perceber que domínios/ indicadores melhoraram e se existem alguns que tenham sofrido alterações inversas. O objetivo é orientar as pessoas e a nação para a felicidade, começando inicialmente por melhorar as condições dos que são *“not-yet-happy”*.

4.4. O Índice

Nota Introdutória

O índice tem como principais objetivos contribuir para a formulação dos FYP; atualizar os índices de FIB de modo a garantir dados comparáveis ao longo do tempo para medir a evolução dos resultados por distrito e outros grupos; e contribuir para elaborar literatura no tema, como publicações na forma de relatórios e etc. Neste sentido, o método usado para recolha de informação é o inquérito transversal ao território, cobrindo os 20 distritos - zonas rurais e urbanas -, e população do Butão acima dos 15 anos de idade (devido à complexidade das questões colocadas, acredita-se que menores desta idade não estejam aptos a responder).

Deste modo, irei abordar ao longo do presente ponto as características de construção do índice, nomeadamente a amostragem, estruturação do inquérito, processo de recolha de dados até à análise dos resultados, domínios e indicadores que o constituem, bem como a sua ponderação para o resultado final do IFIB.

4.4.1. Características de construção do Índice

Em 2015 a amostragem de população estimada para o inquérito é de 8.871. A composição da amostragem é validada com referência ao censo recente. Assim, em 2015 foram realizadas 7.153 entrevistas que representam 508.390 butaneses acima dos 15 anos. Desses 7.153 butaneses, 41% são homens, 58% mulheres (a maioria explica-se pelo facto de as mulheres estarem mais em casa do que os homens durante o período das visitas para entrevista) e 0,1% classifica-se como outra categoria. Em termos de área de residência 72% habita na zona rural, enquanto apenas 28% habita na zona urbana (o que se justifica pelo facto de o Butão ser um país predominantemente rural). Relativamente à faixa etária 16% dos entrevistados encontra-se no intervalo dos 15-24 anos, 70% entre os 25-59 anos e 14% tem mais do que 60 anos de idade. Quanto ao estado civil 75,41% casados, 15,42% nunca foram casados, 4,98% são viúvos, 3,75% são divorciados e 0,45% estão separados. No campo da educação 58% não teve educação formal (exclui educação monástica e não formal), mas apenas 49% é analfabeto. Esta diferença justifica-se pelo facto de muitos butaneses terem tido acesso a outras formas de educação que não a formal, como educação monástica e não formal. 83.12% dos butaneses são budistas, 14.53% são hindu, 2.04% praticam o cristianismo, 0.21% pertencem a outras religiões e 0.1% não pertencem a qualquer religião. A ocupação que atinge maior percentagem da população é agricultor, 47.7%, enquanto monge atinge apenas 0.28% da população e 0.03% desistiram de procurar emprego. O tamanho do agregado familiar predominante nas famílias

butanesas é o que é constituído por 4-5 membros, 41.09%, e o menor o que é constituído apenas por 1 membro, 3.01%. Esta amostragem baseia-se no Censos de População e Habitação do Butão, na actualização do Inquérito de Nível de Vida do Butão de 2012 e no Inquérito de Múltiplos Indicadores do Butão de 2010 (CBS, 2016).

O inquérito estrutura-se na forma de questionário com 10 secções, uma para cada domínio e outra para as características demográficas, e coloca 148 questões no total, que variam entre questões objetivas, subjetivas e com fim aberto, bem como relatórios emocionais (ver Anexo A). De modo a abranger toda a população do Butão o questionário é traduzido para os vários dialetos, para além da língua oficial do país. A taxa de resposta é elevada, 80,63%, e os que não respondem deve-se aos seguintes factos: não foi possível contactá-los após 3 visitas, não foi possível localizar a morada do respondente, o respondente selecionado saiu para uma zona diferente da selecionada, o respondente recusou-se a ser entrevistado, ou a entrevista ficou incompleta, por alguma razão (CBS, 2016).

As entrevistas são conduzidas cara a cara pelas equipas recenseadoras que utilizam um manual para guiar as entrevistas, onde é explicado como cada pergunta deve ser colocada aos respondentes. Devido às competências necessárias, apenas pessoas com um mínimo de educação universitária podem ser recenseadores. A equipa é treinada em aulas teóricas, como práticas, garantindo sempre que os respondentes abordados sejam diferentes dos que são abordados para o inquérito real, de modo a não causar sobrecarga destes. Por sua vez, a equipa recenseadora é supervisionada pelos supervisores de campo do CBS. Uma inovação introduzida no inquérito de 2015 foi a hipótese de utilizar “*computer assisted personal interview*” (CAPI) para conduzir as entrevistas, através de tablets fornecidos pelo BM (CBS, 2016). Os benefícios registados são melhoria da qualidade dos dados e economia de recursos. Também se pode identificar a economia de tempo, uma vez que em papel o questionário leva cerca de 96 minutos e no tablet cerca de 80 minutos.

Posteriormente, o processamento e análise da informação são feitos através da inserção dos dados num formulário desenhado pelo “*EpiData software*”, que garante a minimização de entrada de erros. Numa segunda etapa, estes são re confirmados por outra pessoa, que não a que os inseriu, sendo validados por vários processos de computador e editados por uma equipa de investigadores do CBS. Uma vez tratados são transferidos para o “*STATA software*” para análise (CBS, 2016).

O IFIB funciona, assim, como uma experimentação viva que pretende ser mais do que uma medida de PIB *per capita* e que engloba dimensões e metodologias mais além do IDH e IPH, permitindo desenhar em conjunto de trabalho inovador que procura medir o progresso humano.

4.4.2. Domínios e Indicadores

O inquérito é constituído por 9 domínios e 33 indicadores (ver Anexo B), os quais são apresentados de seguida.

- **1º domínio - Bem-estar psicológico** - pretende compreender como as pessoas experienciam a qualidade das suas vidas. Inclui questões relativas a satisfação de vida no geral, como avaliação das emoções (positivas e negativas) a eventos da vida. Cobre igualmente a espiritualidade.

Indicadores que o constituem:

- (i) satisfação com a vida - que mede a satisfação a nível da saúde, ocupação, nível de vida, balanço vida-trabalho, entre outras dimensões;
 - (ii) balanço emocional - este indicador é na realidade 2 indicadores, pois considera emoções positivas e negativas (a estas os budistas preferem nomear de emoções perturbadoras);
 - (iii) espiritualidade - são colocadas 4 questões, como: nível de espiritualidade que a pessoa reporta; frequência com que considera o “*karma*”; envolvimento na reza e meditação.
- **2º domínio - Saúde** - pretende caracterizar a saúde incluindo os estados físico e mental. Uma boa saúde permite que desenvolvemos as nossas atividades diárias sem cansaço e seres físico e mental.

Indicadores que o constituem:

- (iv) estado de saúde reportado pelo próprio;
 - (v) dias saudáveis registados no último mês;
 - (vi) deficiência de longo termo - avalia a capacidade do indivíduo para fazer atividades do dia a dia sem restrições. A questão colocada pergunta se tiveram alguma doença que durou 6 meses. Caso a resposta seja positiva são depois questionados quanto essa doença restringiu as suas atividades diárias;
 - (vii) saúde mental - a versão pelo IFIB foi adaptada do “*General Health Questionnaire*” (GHQ-12) de Goldberg. São colocadas 12 perguntas que indicam depressão ou ansiedade, bem como confiança e concentração.
- **3º domínio - Educação** - pretende medir diferentes tipos de educação: a educação formal e informal, bem como conhecimento tradicional, valores comuns e competências (que são geralmente adquiridos de modo informal). No Butão os alunos são encorajados a desenvolver uma educação holística.

Indicadores que o constituem:

- (viii) literacia - este indicador mede a capacidade de ler e escrever numa das línguas: inglês, “*dzongkha*” ou nepalês. A escolaridade no Butão cresceu a partir de 1970, pelo que os

questionários abrangem muitas pessoas que não foram escola e cuja taxa de literária é baixa;

(ix) qualificação educacional - neste indicador são consideradas 2 componentes: educação formal e educação não-formal, que contempla igualmente educação em institutos como escolas monásticas;

(x) conhecimento - São consideradas 5 variáveis de conhecimento: conhecimento de lendas locais e histórias de folclore; conhecimento de festivais locais que se denominam de “*tshachus*”; conhecimento de cantos tradicionais; conhecimento de transmissão do HIV; e conhecimento da Constituição do Butão;

(xi) valores - são questionados até que ponto consideram que as 5 ações detractivas são justificáveis: matar, roubar, mentir, criar desarmonia nas relações e má conduta sexual.

- **4º domínio - Diversidade Cultural e Resiliência** - pretende avaliar a diversidade das tradições culturais incluindo festivais, normas e artes criativas. Para o Butão a cultura não é entendida apenas como identidade de uma nação, mas também como meio de proteção contra os impactos negativos da modernização global, e assim, a sua estimulação conduz ao enriquecimento da espiritualidade butanesa.

Indicadores que o constituem:

(xii) língua - nível reportado pelo próprio de fluência da língua mãe. Esta língua será um dialeto, tendo em conta que existem mais de 12 no Butão. Apenas a parte ocidente do país é que a língua mãe coincide com a nacional, que é o “*Dzongkha*”;

(xiii) competências artesanais - avalia o interesse e conhecimento das pessoas nas 13 ofícios conhecidas como “*zorig chusum*”, que constituem a base da cultura material do Butão. Estes são: tecelagem, bordado, pintura, carpintaria, entalhe, escultura, fundição, trabalhos em bamboo, ourivesaria com ouro e prata, maçonaria, trabalhos com peles, papelaria;

(xiv) participação sócio-cultural - mede o número de dias de participação nos últimos 12 meses;

(xv) “*Driglam Namzha*” (o caminho da harmonia) - avalia o comportamento esperado (consumo, roupa e movimento) em ocasiões formais e em espaços formais. Neste indicador os cidadãos são igualmente questionados se percebem mudanças ao longo dos últimos anos.

- **5º domínio - Uso do tempo** - pretende analisar a natureza do tempo gasto no trabalho (remunerado e não remunerado), a dormir, em lazer, bem como sublinhar a importância do balanço

trabalho-vida. A flexibilidade no trabalho é vital para as famílias e comunidades. A consciência de que trabalho não pago realizado em casa e na comunidade está obscuro nas contas nacionais tem vindo a crescer desde 1970, pelo que têm sido feitos esforços para incluir estas atividades, igualmente importantes para o bem-estar. De modo a avaliar este indicador foi administrado um diário temporal, onde o cidadão deve registar as atividades realizadas no dia anterior, bem como quanto tempo durou a atividade. Posteriormente as atividades são agrupadas em 60 categorias diferentes, como: trabalho, lazer, dormir, cuidado pessoal, entre outros. Este registo ajuda a perceber o estilo de vida e as ocupações das pessoas e, conseqüentemente, a falha entre atividades que são contempladas para o cálculo do PIB e aquelas que não o são.

Indicadores que o constituem:

(xvi) horas de trabalho - neste indicador é incluído o trabalho não pago, como tarefas domésticas e cuidar dos filhos, horas de trabalho para a comunidade, trabalhos voluntários, ajudas informais, etc. O limite legal diário aplicado ao setor formal de trabalho são 8 horas. O objetivo do indicador é perceber quem trabalha horas a mais;

(xvii) horas de sono - está cientificamente estudado que os adultos precisam entre 7-8 horas de sono. No entanto, sendo todos diferentes, este fator depende de pessoa para pessoa, um exemplo são os monges que preferem dedicar mais tempo à meditação do que a dormir.

- **6º domínio - Boa governança:** são consideradas 4 medidas essenciais, nomeadamente: direitos fundamentais, confiança nas instituições, desempenho das instituições governamentais e participação política.

Indicadores que o constituem:

(xviii) participação política - baseia-se em 2 componentes: possibilidade de voto na próxima eleição e frequência de comparecimento nas reuniões da comunidade (*zomdue*);

(xix) liberdade política - percepção das pessoas sobre o funcionamento dos direitos humanos no Butão, tal como definido no artigo 7 da Constituição. De modo a aferir este indicador são colocadas 7 questões: liberdade de expressão e opinião, direito ao voto, direito a juntar-se a um partido político da sua escolha, direito a formar uma associação ou a ser membro de uma já existente, o direito a acesso igual e oportunidade a juntar-se ao serviço público, direito a pagamento de trabalho do mesmo valor de modo igual, e liberdade de discriminação baseada no sexo, raça, etc.;

(xx) entrega de serviços - a avaliação deste indicador deve contemplar a distância ao centro de saúde mais próximo (menos de 1h de caminho a pé), método de eliminação de resíduos - compostagem, queima, recolha de lixo municipal, aterro em florestas/áreas livres/rios/etc. -, acesso à eletricidade e fornecimento e qualidade da água - acesso a

água potável canalizada numa habitação, no exterior da habitação, uma torneira pública ou um poço protegido. O objetivo é avaliar o acesso a serviços básicos, que são geralmente providenciados pelo Estado;

(xxi) performance do governo - avaliação dos cidadãos em relação à eficiência do governo em várias áreas nos últimos 12 meses. As 7 maiores áreas são emprego, igualdade, educação, saúde, anti-corrupção, ambiente e cultura.

- **7º domínio - Vitalidade da comunidade:** este indicador avalia o capital social do país que se mantém através de relações cooperativas e redes sociais dentro da comunidade. Uma comunidade vital pode ser definida como um grupo de pessoas que se suportam e interagem positivamente uns com os outros, desenvolvendo relações fortes entre a comunidade e dentro das famílias que a constituem, e que deve construir valores, doar tempo e dinheiro, e ser seguro da violência e do crime, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade.

Indicadores que o constituem:

(xxii) suporte social - é prática social na sociedade butanesa doar tempo e dinheiro para atividades comunitárias. A questão colocada para avaliar este indicador é: quantos dias voluntariaram ou quanto dinheiro doaram nos últimos 12 meses;

(xxiii) relações da comunidade - as questões colocadas são: sentimento de pertença e confiança nos vizinhos;

(xxiv) família - são colocadas 6 questões;

(xxv) vítima de crime - de modo a avaliar a segurança na comunidade, coloca-se a questão se foram vítimas de crime nos últimos 12 meses.

- **8º domínio - Diversidade ecológica e resiliência:** O Butão considerou sempre o papel central que o ambiente tem no desenvolvimento humano, tal como descrito no artigo 5 da Constituição. Neste sentido, o domínio da diversidade ecológica e resiliência mede a avaliação das próprias pessoas do ambiente, como a perceção de desafios ambientais, assuntos e responsabilidades urbanas, estragos que a vida selvagem provoca nas plantações, e perigos como incêndios e terremotos.

Indicadores que o constituem:

(xxvi) poluição - o objetivo deste indicador é testar a consciência ambiental das pessoas, pelo que lhes são colocadas várias questões de modo a identificar a sua perceção da intensidade dos problemas ambientais. A janela temporal refere-se aos últimos 12 meses;

(xxvii) responsabilidade ambiental - mede os sentimentos de responsabilidade pessoal em relação ao ambiente;

(xxviii) vida selvagem - mede as consequências económicas para os camponeses que os animais selvagens provocam quando atacam as plantações ou colheitas. As questões colocadas avaliam a presença ou ausência de estragos, bem como a severidade dos mesmos, de modo a determinar o impacto dos estragos da vida selvagem na agricultura. A janela temporal refere-se aos últimos 12 meses. Este indicador, pela sua especificidade, é relativo apenas às zonas rurais e aos camponeses. Posteriormente este indicador é anulado pelo seguinte que diz apenas respeito à vida urbana;

(xxix) uso urbano - a rápida urbanização no Butão tem impactos positivos no bem-estar humano - melhoramento do fornecimento e qualidade da energia, de outras infra-estruturas e do sistema de saúde - bem como efeitos negativos - congestionamento, insuficiência de espaços verdes, ambiente poluído. As pessoas são questionadas acerca de 4 temas: congestão de tráfico, inadequação de espaços verdes, falta de ruas para pedestres e crescimento urbano. Este indicador vem anular o anterior e funciona como indicador para o desenvolvimento urbano sustentável, um dos maiores objetivos do governo do Butão.

- **9º domínio - Nível de vida:** avalia o bem estar material, que no Butão (como noutros países budistas) se refere a bens materiais básicos - rendimento, segurança financeira, habitação e propriedade (gado, terra e equipamentos) - para uma vida confortável.

Indicadores que o constituem:

(xxx) rendimento familiar - inclui o rendimento ganho por todos os indivíduos de uma família, de várias fontes, dentro ou fora do país;

(xxxi) bens - é apresentada uma listagem de bens genérica, os quais podem não ser usados do mesmo modo por todos os elementos do agregado familiar, por exemplo: telemóveis, radio, televisão, bicicleta. De acordo com o contexto do Butão, de economia rural muito forte, o gado e a propriedade de terras, como os animais usados para transporte e força de trabalho agrícola são também considerados bens. As 3 componentes maiores deste indicador são, então, os equipamentos como telemóveis, telefone fixo, computador pessoal, frigorífico, televisão a cores e máquina de lavar; a pecuária; e a propriedade de terras;

(xxxii) qualidade de habitação - avalia do ponto de vista individual e do ponto de vista da comunidade. Do ponto de vista individual contempla o espaço próprio que é considerado fundamental na dimensão biológica, psicológica e social, uma vez que é um espaço onde a pessoa passa grande parte do seu dia a dia (estudos demonstram as consequências que a pobre qualidade das acomodações sobrelotadas e temporárias podem ter na saúde

física e mental do indivíduo). Do ponto de vista comunitário inclui o combate à exclusão social e discriminação, bem como o reforço da coesão social que não pode ser atingido em espaços de vida pobres e que não atingem os *standards*, pois estes enfraquecem os laços comunitários e contribuem para o aumento das doenças sociais. As 3 questões colocadas referem o tipo de cobertura, de instalação sanitária e o rácio por quarto.

Nota Conclusiva

A felicidade é algo que surge interdependente e não apenas como resultado de um fator ou dimensão, devido à diversidade das necessidades humanas. Deste modo o mais importante é a inter relação entre os domínios e indicadores e não os domínio e indicadores por si mesmos, pelo que não devem ser isolados, mas avaliados na qualidade das suas relações.

4.4.3. Ponderação dos indicadores e domínios e resultado final

Anteriormente vimos como é estruturado o índice, pelo que neste ponto iremos perceber como o mesmo é ponderado. Uma vez que os 9 domínios são igualmente importantes na formação holística do indivíduo, estes têm o mesmo peso. No entanto, o mesmo não acontece com os indicadores que variam, sendo uma das causas o facto de serem mais subjetivos ou auto reportados, com peso mais baixo, ou mais objetivos e fiáveis com peso mais alto (ver Anexo C). A ponderação foi definida com base em inquéritos desenvolvidos por organizações ou governos internacionais, para os indicadores que têm precedentes no ocidente. Para os que não têm precedentes, o que pode acontecer por este ser um índice multi dimensional e inovador, a ponderação é definida através de julgamentos normativos discutidos em sessões e reuniões participativas conduzidas pelo CBS, nas quais participam instituições, líderes e comunidades em áreas diferentes.

A medição é efetuada do seguinte modo: é criado um perfil para cada pessoa que mostra em quais dos 33 indicadores essa pessoa atingiu suficiência. Somando os pesos dos indicadores suficientes, obtemos a pontuação dessa pessoa e os domínios em que é suficiente. Os indicadores de cada domínio são mensurados através de vários instrumentos, dos quais saliento alguns devido à sua consistência ao longo do índice ou da sua especificidade:

- As escalas de pontos são o mais comum e são utilizadas do seguinte modo: para medir a poluição, cujo objetivo do indicador é testar a consciência ambiental das pessoas, são-lhes colocadas várias questões de modo a identificar a sua perceção da intensidade dos problemas ambientais, numa janela temporal que se refere aos últimos 12 meses. A escala utilizada é de 4 pontos e o indivíduo goza de suficiência se classificou como “*major concern*” ou “*some concern*” em pelo menos 5 dos 7 problemas ambientais apresentados. O resultado demonstra que 69% da população está consciente dos problemas na área do ambiente.
- Outro método utilizado são as questões relativas a número de dias, por exemplo no domínio da saúde existe um indicador que avalia os dias saudáveis registados no ultimo mês. O resultado

baseia-se na resposta dada pelo indivíduo em número de dias, no entanto, sendo que existem pessoas idosas bem como doenças normais como gripes, entre outras, o limite estabelecido é de 26 dias e 76,2% dos respondentes gozam de suficiência neste indicador.

- Alguns instrumentos de medição foram igualmente adotados de questionários ocidentais, uma vez que a construção do índice se baseou em investigação de outros já existentes. Deste modo, o indicador que avalia a saúde mental, adotou e adaptou as questões do “*General Health Questionnaire*” (GHQ-12) de Goldberg. As 12 perguntas colocadas indicam depressão ou ansiedade, bem como confiança e concentração, numa escala de 4 pontos. São utilizadas 2 escalas diferentes, numa as respostas vão de 1- “*not at all*” a “*much more than usual*”, e na outra de 1- “*more than usual*” a “*much less than usual*”. A suficiência foi estabelecida em 15 (bem-estar normal), e 85,8% da população goza de suficiência.
- O método do diário temporal é igualmente utilizado, por exemplo, no domínio do uso do tempo, de modo a avaliar as horas de trabalho e as de sono. No diário temporal o cidadão deve registar as atividades realizadas no dia anterior, bem como quanto tempo durou cada atividade. Posteriormente estas são agrupadas em 60 categorias diferentes, como: trabalho, lazer, dormir, cuidado pessoal, etc. O limite legal diário aplicado ao setor formal de trabalho são 8 horas. O objetivo do indicador é perceber quem trabalha horas a mais. Neste sentido, 45,4% da população atingiu suficiência, e são maioritariamente homens e pessoas que vivem nas zonas urbanas, pelo que os que não atingem são maioritariamente mulheres rurais e urbanas (com mais peso nas zonas rurais). Relativamente às horas de sono está cientificamente estudado que os adultos precisam entre 7-8 horas, no entanto, este fator depende de pessoa para pessoa, como podemos constatar pelo exemplo dos monges que preferem dedicar mais tempo à meditação do que a dormir. Assim, 66,7% da população atingiu suficiência neste indicador. O domínio do uso do tempo ajuda a perceber o estilo de vida e as ocupações das pessoas e, conseqüentemente, a falha entre atividades que são contempladas para o cálculo do PIB e aquelas que não o são, pois trabalho não pago realizado em casa e na comunidade está ainda obscuro nas contas nacionais, mas a consciência para a mudança tem vindo a crescer desde 1970, tendo sido feitos esforços para incluir estas atividades, igualmente importantes para o bem-estar.
- A avaliação da participação política baseia-se em duas componentes: possibilidade de voto na próxima eleição e frequência de comparência nas reuniões da comunidade (*zomdue*). De modo a atingir suficiência, o indivíduo tem que responder positivamente ao critério de votação e ter comparecido pelo menos a uma reunião da comunidade, num período de um ano. Neste caso o limite é direto, pois “(...) it is agreed by everyone that developing true democratic processes requires the active participation of citizens – minimally, by voting.” (Helliwell, 2012:43). No ano de 2015, 43,6% da população não atingiu suficiência neste indicador sendo considerados privados de participação política.
- Outro modo de avaliação é o utilizado pelo indicador de entrega de serviços no domínio da boa governança que contempla as seguintes questões: distância ao centro de saúde mais próximo (se o tempo percorrido for menos de 1h de caminho a pé é considerado que atingiu suficiência), método

de eliminação de resíduos (através de compostagem, queima, recolha de lixo municipal, aterro em florestas/áreas livres/rios/etc.), acesso à eletricidade (sim ou não) e fornecimento e qualidade da água se através de água potável canalizada numa habitação, no exterior da habitação, uma torneira pública ou um poço protegido (a qualidade da água deve ser boa ou muito boa). O objetivo é avaliar o acesso a serviços básicos, que são geralmente providenciados pelo Estado, de modo a desenhar alterações reais, para tal os respondentes têm que atingir suficiência nos 4 campos, o que perfaz 41% da população.

A diversidade e especificidade de variáveis estimula o uso de diferentes métodos de avaliação, pelo que a listagem anterior pretende fazer um apanhado de todos os métodos usados no inquérito.

Uma vez que o Butão é um país predominantemente rural, como representado na amostragem, em que 72% da população habita na zona rural, enquanto apenas 28% habita na zona urbana, alguns indicadores consideram apenas uma ou outra zona. Ou seja, indicadores como medição das consequências económicas que os animais selvagens provocam quando atacam as plantações ou colheitas, é relativo apenas às zonas rurais e aos camponeses, pelo os habitantes das zonas urbanas são automaticamente considerados como “*non-deprived*”. Posteriormente, este indicador é anulado por outro que diz respeito apenas à vida urbana, avaliando o congestionamento de tráfico, inadequação de espaços verdes, falta de ruas para pedestres e crescimento urbano, no qual os habitantes das zonas rurais são considerados, por sua vez, “*non-deprived*”.

Outro aspeto que deve ser sublinhado é a intenção do índice de focar o florescimento humano, ao invés de focar a sobrevivência (como o IPH), pelo que o indicador relativo ao rendimento não se baseia na linha de pobreza convencionalmente estabelecida para este tipo de medição, pois considera que existem condições maiores para o bem-estar. O rendimento avaliado é o absoluto, uma vez que o FIB encoraja as pessoas a atingir a felicidade através de realizações e desencoraja a comparação com os seus semelhantes. Um valor é estabelecido pelo governo do Butão considerando a satisfação de todas as necessidades básicas do agregado familiar e a promoção do seu bem-estar, pelo que esse valor se encontra acima do estabelecido pelo BM. No entanto, 23,2% dos butaneses (dados de “*Royal Government of Bhutan*” 2007) ainda vivem com rendimento de pobreza, alguns não tendo terra ou terra adequada para cultivar e habitar. A avaliação inclui gado, terra e equipamentos, bem como relativamente às condições de habitabilidade se considera o rádio de quartos e saneamento.

Nem todos os cidadãos precisam de garantir suficiência nas 124 variáveis para serem felizes e por isso diferem nos modos em como podem ter uma vida preenchida e com significado. No entanto, foram estabelecidas 3 limites - 50%, 66% e 77% - para identificar diferentes níveis de felicidade. Assim, os butaneses dividem-se em 4 grupos:

- “*unhappy*” - quem atinge suficiência em menos de 50% dos domínios;
- “*narrowly happy*” - quem atinge suficiência entre 50%-65% dos domínios;

- “*extensively happy*” - quem atinge suficiência entre 66%-76% dos domínios;
- “*deeply happy*” - quem atinge suficiência em mais do que 77% dos domínios e equivale a 7 ou mais dos 9 domínios.

Um *middle cutoff* (corte intermédio) permite uma visão geral das pessoas felizes que atingem mais do que 66% das variáveis e que correspondem às pessoas “*extensively happy*” e “*deeply happy*”.

Por fim, de modo a calcular o resultado final de IFIB (número que varia entre 0-1) é utilizada a fórmula que de seguida se apresenta. Esta representa o somatório da taxa de pessoas felizes (H_h) e a extensão de suficiência que as pessoas ainda não felizes gozam, calculada multiplicando a percentagem de pessoas que “*not-yet-happy*” (H_n , obtido através do cálculo de 100% menos H_h) pela percentagem de domínios nos quais gozam suficiência (A_s). Do seguinte modo:

$$GNH = H_h (H_n \times A_s).$$

O resultado será um único número que pode variar entre 0-1, sendo 0 o valor mais baixo possível e 1 o mais alto possível. Quanto maior o número, mais suficiência e portanto maior felicidade. Os resultados de 2015 demonstram que houve um aumento significativo de felicidade entre 2010 e 2015, considerando respetivamente 0.743 e 0.756 (CBS, 2016:59).

4.5. Resultados do Índice de 2015

O IFIB mostra a distribuição da felicidade e bem-estar pelo Butão. Devido à estrutura do inquérito dividido em 9 domínios, 33 indicadores e 124 variáveis é possível fazer *zoom in* e perceber quem é feliz e quem ainda não o é e, caso queiramos aprofundar mais, perceber quem é “*deeply happy*”, “*extensively happy*”, “*narrowly happy*” e “*unhappy*”. Os resultados podem ainda ser interpretados por domínio ou indicador, bem como decompostos por vários subgrupos como distritos, idade, género, ocupação, etc. Deste modo, o índice é um instrumento bastante complexo e criterioso para o governo na elaboração de políticas públicas, uma vez em que responde à questão de como reduzir a miséria dos cidadãos ainda não felizes e aumentar a sua felicidade e bem-estar.

Quadro 4.2. Resultados do Índice de Felicidade Interna Bruta, 2015.

Fonte: CBS, 2016:59.

| FIB - 2015 | | | | |
|--------------|---------------------|----------------------------|--------------------------------|----------------------------------------------------|
| | Definição de grupo | Percentagem de suficiência | Percentagem de população que é | Média de suficiência de cada pessoa nos 9 domínios |
| Happy | <i>Deeply happy</i> | 77%-100% | 8,4% | 80,9% |

| | | | | |
|----------------------|--------------------------|---------|--------------|--------------|
| | <i>Extensively happy</i> | 66%-76% | 35,0% | 70,8% |
| Not-yet-happy | <i>Narrowly happy</i> | 50%-65% | 47,9% | 59,1% |
| | <i>Unhappy</i> | 0-49% | 8,8% | 45,2% |

Numa primeira abordagem importa salientar que os resultados do índice de 2015 demonstram que a maior fatia da população se encontra na faixa “*narrowly happy*” (ver quadro 4.1.), o que implica ainda muito trabalho por parte do governo para aumentar os níveis de felicidade e bem-estar gerais em todo o país, nos vários distritos, e pelos vários grupos etários, de género, ocupação, etc.

Como anteriormente mencionado, os 9 domínios têm a mesma importância para a felicidade e bem-estar do ponto de vista do FIB, no entanto, as pessoas são diferentes entre si e sentem-se preenchidas de modos diferentes, pelo que não é expectável que mesmo as pessoas “*deeply happy*” gozem de suficiência em todos os indicadores dos 9 domínios. Destes, os que contribuíram mais para o Índice de 2015 são boa saúde (13.10%), ecologia (12.41%) e vitalidade da comunidade (11.56%); os que contribuíram menos são a educação (9.78%), boa governança (10.18%) e bem-estar psicológico (10.48%) (CBS, 2016). O facto de não existir variações muito grandes entre as percentagens apresentadas significa que o Butão está bastante bem equilibrado entre os vários domínios.

Analisando os 33 indicadores, as pessoas gozam de maior suficiência nos seguintes: valores (99%), falar língua nativa (95%) e segurança (92%). Os indicadores relativos à saúde apresentam também valores elevados, quer em relação a saúde física como mental. No entanto, outros indicadores apresentam valores mais baixos, como é o caso do indicador relativo à espiritualidade (39%). Se focarmos as variáveis relativas a este indicador, percebemos que apenas uma pequena fracção da população medita pelo menos uma vez por dia, o que, somado às restantes variáveis, resulta numa pequena fatia da população que goza de suficiência neste indicador. Outros indicadores com suficiência baixa são escolaridade (37%) e perceção do desempenho do governo (34%), apesar do indicador que mede os serviços entregues pelo governo ter um nível de suficiência mais elevado (61%) (CBS, 2016). A percentagem apresentada pelo indicador escolaridade justifica-se pela existência de população que nunca teve acesso ao ensino formal, uma vez que o mesmo se tornou obrigatório no país apenas em 1970.

Continuando meticolosamente a decompor o índice, podemos perceber quais os resultados por distrito (20 *dzongkhags*), e perceber em que domínios, em cada distrito, as pessoas atingiram mais ou menos suficiência. Dos resultados obtidos constata-se que a parte norte do país apresenta resultados mais altos que a parte sul.

O mesmo exercício pode ser feito para cada um dos grupos demográficos como: género (os homens são mais felizes que as mulheres); zona de residência rural ou urbana (as zonas urbanas apresentam níveis de felicidade superiores aos das zonas rurais); nível de educação (constatado que a FIB

aumenta com a educação); idade (com tendência para ser igual para pessoas menores de 30 anos como para pessoas maiores de 70 anos de idade); estado civil (as pessoas que nunca casaram como pessoas singulares e monges são mais felizes no Butão; os mais infelizes são os viúvos); ocupação (os mais felizes são pessoas pertencentes aos comités e funcionários públicos, bem como os “*gomchen*”, homens que meditam e desempenham rituais espirituais; os mais infelizes são os camponeses) (CBS, 2016).

4.6. Evolução do Índice ao longo do tempo (2010-2015)

O IFIB é um índice colocado periodicamente à população, avaliando o estado da felicidade ao longo do tempo, pelo que a adoção do mesmo método para a realização dos inquéritos permite a sua comparação, apesar de alterações que são por vezes introduzidas no sentido do aperfeiçoamento do índice. De salientar que se existirem questões que sofreram alterações significativas e que não são comparáveis com o inquérito anterior, estas são discutidas separadamente.

Assim, se considerarmos uma visão geral do índice, quando comparados os de 2010 - 2015 (ver quadro 4.2.) , percebemos que houve aumento nas faixas “*deeply happy*” e “*extensively happy*”, e redução das pessoas “*narrowly happy*” e “*unhappy*”, o que significa que o número de pessoas felizes está a aumentar e o de pessoas ainda não felizes a diminuir, e que portanto os objetivos do FIB estão a ser bem orientados.

Quadro 4.3. Comparação dos resultados dos índices de 2010-2015.

Fonte: CBS, 2016:59.

| FIB - 2010 | | | | | FIB - 2015 | |
|----------------------|--------------------------|-----------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------|
| | Definição de grupo | Percentage m de suficiência | Percentage m de população que é | Média de suficiência de cada pessoa nos 9 domínios | Percentage m de população que é | Média de suficiência de cada pessoa nos 9 domínios |
| Happy | <i>Deeply happy</i> | 77%-100% | 8,3% | 81,5% | 8,4% | 80,9% |
| | <i>Extensively happy</i> | 66%-76% | 32,6% | 70,7% | 35,0% | 70,8% |
| Not-yet-happy | <i>Narrowly happy</i> | 50%-65% | 48,7% | 59,1% | 47,9% | 59,1% |
| | <i>Unhappy</i> | 0-49% | 10,4% | 44,7% | 8,8% | 45,2% |

Do mesmo modo, decompondo o índice identificamos indicadores que apresentam melhorias quando comparados com os resultados do Índice realizado em 2010, nomeadamente: serviços do governo e ecologia, o que significa que o governo tomou medidas práticas e teve êxito na melhoria destes indicadores. Por sua vez, alguns indicadores não mostram alterações significativas como é o caso da deficiência, trabalho, escolaridade, conhecimento, competências artesanais, falar língua nativa e

urbanização. Finalmente, apesar dos esforços realizados, existem também alguns indicadores que em 2015 apresentam um decréscimo quando comparados com os valores de 2010, como é o caso da perceção do desempenho do governo e o estado de saúde reportado pelo próprio. De salientar que a ponderação das questões subjectivas é menor do que as objetivas, pois devido ao seu carácter subjectivo não podem ser entendidas e medidas com o mesmo peso.

4.7. Implicações para as Políticas Públicas

No sentido de diminuir a miséria e aumentar a felicidade e bem-estar geral, o governo foca-se em trabalhar as insuficiências dos grupos “*not-yet-happy*”, nomeadamente os “*narrowly happy*” e “*unhappy*”, definindo novas prioridades e soluções criativas em conjunto com as que se encontram em curso. Para tal, decompõe o índice por domínios, distritos e outros grupos, de modo a conseguir atingir todas as pessoas.

Do Índice de 2015 resultou que a educação, seguida da governança e bem-estar psicológico são os domínios que devem constituir o foco do trabalho do governo. No entanto, uma vez que os domínios são todos inter dependentes é imprescindível responder com políticas integradas. Por exemplo: a educação contribui para o aumento de conhecimento que pode consciencializar para as doenças mentais e contribuir para o bem-estar psicológico.

O indicador relativo ao rendimento, reforça o que se tem vindo a constatar quer no ocidente quer no oriente, pois não se encontra entre o top 10 dos indicadores que contribuem para a infelicidade no Butão, o que reforça a necessidade de ir mais além do PIB e considerar as múltiplas faces da felicidade.

Em suma, os resultados do índice de 2015 demonstram que os cidadãos menos felizes são privados de conhecimento a nível de lendas locais, escolaridade e espiritualidade, não consideram que o governo os suporte o suficiente, trabalham horas em excesso e, conseqüentemente, participam menos em eventos da comunidade e culturais, pelo que o investimento deve ser feito no sentido de corrigir estas privações e aumentar o FIB, no período de tempo mais curto possível e com a cooperação e diálogo de todos os atores envolvidos como governo, civis, empresas, ONGD's, comunidade, mosteiros. O Índice é oferecido como um bem público que deve ser usado por todos.

4.8. As Críticas ao Conceito e Índice

O FIB teve origem no início na segunda metade do século XX, num país fechado e, posteriormente, com poucas relações internacionais, pelo que a evolução do conceito foi lenta e morosa e o índice encontra-se hoje a dar os primeiros passos. No entanto, considerando os dados apresentados é fácil concluir que é um índice revolucionário pois surge de um conceito multidimensional que considera as varias dimensões da vida, indo muito além do indicador utilizado a nível mundial, o PIB, que apenas considera a dimensão económica. Comparado com outros indicadores que surgiram como

complemento ao PIB, nomeadamente o IPH, IPM, os Indicadores de Sustentabilidade, a medição do Bem-estar subjetivo, o IFIB apresenta-se mais abrangente ao nível das dimensões, indicadores e variáveis que considera, defendendo por isso uma visão complexa e holística da felicidade e do bem-estar das pessoas. Também a relação com o contexto onde é colocado é estreita, de modo que as questões não se encontrem desajustadas da realidade.

Por outro lado, uma das suas limitações é o facto de se encontrar a dar os primeiros passos e ser ainda recente e pouco testado, com poucos resultados visíveis. A comparação com outros índices de bem-estar e felicidade é igualmente uma limitação, uma vez que este índice utiliza indicadores e variáveis muito próprios e elaborados internamente, sem paralelismo com organizações internacionais que também desenvolvem inquéritos sobre os domínios aqui considerados. A avaliação subjectiva de alguns indicadores (domínio da saúde) levantam questões pois as respostas são afetadas pelas preferências adaptativas do indivíduo (evocando o Paradoxo de Easterlin) e não podem ser “exatamente” consideradas. Neste sentido, e porque o CBS tem noção da subjetividade das respostas, ficou decidido que estas deve funcionar como complemento aos restantes indicadores, não apresentando o mesmo peso.

Deste modo, o IFIB tem ainda um longo caminho a percorrer na avaliação do desenvolvimento holístico do Butão.

PARTE III - ALGUMAS NOTAS FINAIS

3.1. Diálogo entre o conceito de Desenvolvimento Sustentável e Felicidade Interna Bruta para o esboço de um novo conceito - a Felicidade Sustentável

Finalmente, os conceitos de Desenvolvimento Sustentável e FIB são colocados em diálogo de modo a fortalecer as suas dimensões e tecer considerações importantes para a construção do esboço de um novo conceito, o conceito de Felicidade Sustentável (FS), cujos pilares nascem das forças dos conceitos mencionados. O novo conceito tem como objetivo explorar a felicidade como motor e objetivo primordial do desenvolvimento e portanto, propor diretivas para a definição e construção de medidas que orientem o desenvolvimento no sentido da redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar enquanto experiência individual e coletiva, considerando as características e condições do contexto local integrado a nível global, numa rede de cooperação entre governos, instituições e organizações nacionais e internacionais, setor privado e sociedade civil (ONGD's e indivíduos).

Neste sentido, o presente ponto aborda as dimensões em que ambos os conceitos tocam, quais os que se complementam e quais os que são mais fortes ou mais fracos, de um ou de outro conceito, e de que modo se transformam quando agarram as forças do outro para suporte de um desenvolvimento holístico. Para tal, foram colocadas as seguintes questões de partida no início do trabalho e que agora são explicitamente respondidas.

1. Os conceitos de Desenvolvimento Sustentável e de Felicidade Interna Bruta são capazes de dialogar no sentido da construção de um novo conceito mais completo?

Ao longo do presente trabalho foram aprofundados os conceitos Desenvolvimento Sustentável e FIB, pelo que neste momento nos focamos nas suas dimensões, forças e fraquezas, de modo a entender em que pontos os conceitos são capazes de um diálogo construtivo.

O conceito de DS relaciona 3 dimensões: o crescimento económico, a coesão social e a proteção ambiental, num único objetivo global que visa um crescimento económico socialmente inclusivo e sustentável a nível ambiental. No entanto, esta visão do DS sofreu algumas críticas que mencionei no capítulo relativo ao tema, das quais se salienta, pela sua proximidade, a experiência da Macaronésia (Amaro) que faz uma reflexão e estende as suas dimensões a 8: segurança económica com base na reciprocidade, coesão social através do “*empowerment*”, preservação e valorização ambiental ecocentradas; valorização da diversidade cultural e promoção do diálogo intercultural, coesão territorial, aprendizagem permanente e capacidade crítica, governança partilhada, participada e integrada, e nova ética assumida, que por sua vez se aproximam mais dos domínios do FIB. Este contempla 9 domínios nomeadamente: bem-estar psicológico, saúde, uso do tempo, educação, diversidade e resiliência cultural, boa governança, vitalidade da comunidade, diversidade e resiliência ecológica e nível de vida, que em constante e ativa relação conduzem o desenvolvimento do país no sentido da maior felicidade e bem-estar.

Analisando as dimensões de ambos os conceitos, podemos considerar que a primeira dimensão do DS se relaciona com a última do FIB, o que numa primeira abordagem aponta as diferentes intenções e caminhos dos conceitos utilizados. O DS procura como primeira instância o crescimento económico como impulsionador da inclusão social e da sustentabilidade ambiental, enquanto o FIB aborda essa dimensão, que denomina de nível de vida, como o bem estar material referente a bens materiais básicos - rendimento, segurança financeira, habitação e propriedade (gado, terra e equipamentos) - e portanto, suporte para uma vida confortável e digna. Os restantes 8 domínios são abordados antes do nível de vida, demarcando explicitamente a sua posição. No entanto, não se pode falar deste domínio como tendo menos peso que os restantes, uma vez que todos os domínios têm o mesmo peso na construção do objetivo comum: o desenvolvimento holístico do indivíduo e da sociedade.

A seguinte dimensão do DS - coesão social -, considerando que prevê oportunidades iguais a todos na educação, género, saúde, idade, nível de vida, etc., é transversal a todos os domínios do FIB pelo que a sua predominância é consistente.

Por último, a dimensão da sustentabilidade ambiental defendida pelo DS corresponde ao domínio da diversidade e resiliência ecológica do conceito de FIB. Contudo, considera-se que este vai mais além do que o primeiro, pois considera, tal como identificado no artigo 5º da Constituição, o papel central que o ambiente tem no desenvolvimento humano e identifica a perceção das próprias pessoas sobre desafios ambientais. A experiência da Macaronésia é a que mais se aproxima neste ponto, na medida em que defende a preservação e valorização ecocentradas do ambiente e a coesão territorial.

As restantes dimensões resultantes da experiência de DS da Macaronésia, nomeadamente a valorização da diversidade cultural e promoção do diálogo intercultural e a governança partilhada, participada e integrada encontram paralelo nos domínios do FIB respeitantes à diversidade e resiliência cultural e boa governança, respetivamente.

Podemos então concluir que os conceitos de DS e FIB são capazes de diálogo, através das suas dimensões e domínios, na construção do esboço de um novo conceito que une forças de ambos e transforma as fraquezas de um com o auxílio do outro.

2. Que forças encerra o novo conceito e como pode contribuir para a reestruturação das políticas públicas nacionais e globais que guiam o desenvolvimento?

O novo conceito integra forças que nascem do diálogo entre o DS e o FIB, e tem como objetivo propor o desenvolvimento holístico do indivíduo e da sociedade, a nível global, focando a redução da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar, através da inter relação ativa das suas dimensões. O presente trabalho pretende rever e reformular o caminho do desenvolvimento através de uma perspetiva copulativa promovendo a discussão da complementaridade de dois conceitos existentes, na criação do esboço de um novo conceito, o de Felicidade Sustentável (FS).

Deste modo, apresentam-se as seguintes dimensões do conceito de FS (De salientar que: sendo o conceito de FIB mais complexo e holístico que o de DS, os domínios do primeiro serão

predominantes no esboço do novo conceito; a experiência da Macaronésia, como reformulação das 3 dimensões do DS, é igualmente considerada para o esboço das dimensões que de seguida se apresentam.):

- **Bem-estar subjectivo**, incluindo satisfação geral com a vida e balanço emocional (emoções positivas e negativas);
- **Saúde física e mental** de modo a promover uma vida saudável e digna;
- **Educação e capacidade crítica** na medida em que pretende promover a educação formal, não formal, bem como conhecimento tradicional e competências adquiridas através de um plano de formação holístico envolvendo consciencialização para as doenças mentais, problemas ambientais, parentalidade, etc.;
- **Uso do tempo**, que propõem um estilo de vida equilibrado (vida-trabalho) através da perceção das atividades em que gastamos mais tempo no nosso dia-a-dia: trabalho remunerado, trabalho doméstico, dormir, lazer. Nesta dimensão é igualmente considerada a importância do trabalho não remunerado como apoio da comunidade, ou dos vizinhos, família, etc.;
- **Capital Social**, estimulando as relações cooperativas e relações sociais dentro de uma comunidade construindo sentimentos de confiança, pertença, suporte comunitário;
- **Valorização da diversidade cultural e resiliência**, nomeadamente de competências artesanais, dialetos, eventos tradicionais, entre outros;
- **Valorização da diversidade ecológica e resiliência**, de acordo com o papel central que o ambiente tem no desenvolvimento humano. Deve promover a consciencialização das pessoas sobre os desafios ambientais, bem como da rápida urbanização que se faz sentir atualmente e os impactos que tem no desenvolvimento humano;
- **Nível de vida** refere-se à distribuição igual da riqueza de modo que todos os indivíduos tenham acesso a bens materiais básicos para uma vida confortável como rendimento, segurança financeira e habitação. Do ponto de vista comunitário inclui o combate à exclusão social e discriminação, bem como o reforço da coesão social que não pode ser atingido em espaços de vida pobres e que não atingem os *standards*, pois estes enfraquecem os laços comunitários e contribuem para o aumento das doenças sociais.
- **Ética**, que através de valores e princípios como cooperação, solidariedade, reciprocidade, altruísmo, transparência e democracia promove o desenvolvimento holístico do indivíduo e da sociedade;
- **Boa governança partilhada** entre os vários atores (governo, organizações nacionais e internacionais, setor privado, sociedade civil como ONGD's e indivíduos) de modo a garantir os

direitos fundamentais, confiança no desempenho e suporte das instituições governamentais, participação e liberdade política e entrega de serviços essenciais à condição humana entregues pelo estado.

Uma característica fundamental do novo conceito é a plasticidade, pois este deve ter capacidade suficiente para se adaptar às condições e características locais, de modo a não cair no erro de outros modelos do desenvolvimento que se impunham como desajustados aos diferentes contextos e realidades. Do mesmo modo, o peso das várias dimensões difere consoante a necessidade do local, ao invés do conceito de FIB, no qual os 9 domínios têm o mesmo peso e, assim, a mesma importância, ou do DS que apresenta como dimensão mais forte o crescimento económico (a ordem em que foi colocada a dimensão nível de vida na listagem é propositada, não se encontrando em primeiro lugar como no conceito de DS, nem no último como no conceito de FIB, pois esta é uma dimensão com elevada importância em países pobres que ainda têm um longo caminho a percorrer para o seu desenvolvimento).

3.2. Adequação do Quadro Teórico

O enquadramento teórico elaborado na Parte II estuda os conceitos apropriados ao pensamento que se pretende desenvolver no presente trabalho, nomeadamente a exploração da felicidade como motor do desenvolvimento e a proposta de diálogo entre dois conceitos - o de Desenvolvimento Sustentável e o de FIB - para o esboço de um novo conceito, o de Felicidade Sustentável, no sentido da redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade.

Deste modo, felicidade e desenvolvimento são os conceitos base para o progresso do trabalho. Assim, num primeiro momento, foi estudo o conceito de desenvolvimento desde a sua génese no pós-II Guerra Mundial, suas críticas e inovações, focando posteriormente os conceitos de desenvolvimento alternativo e conceitos alternativos ao desenvolvimento, nomeadamente o conceito de DS e de FIB. Apenas assim foi possível identificar os conceitos mais relevantes ao objetivo do presente trabalho, de modo a posteriormente serem focados. O primeiro orienta, atualmente, as agendas internacionais na prática de medidas que garantem o cumprimento dos seus objetivos (o crescimento económico socialmente inclusivo e ambientalmente sustentável) até ao ano de 2030, enquanto o segundo teve a sua génese no Butão, onde se desenvolveu e é atualmente aplicado através de um índice periódico que pretende avaliar a felicidade e infelicidade dos cidadãos, de modo a fornecer ao governo e cidadãos ferramentas que permitem trabalhar no sentido do desenvolvimento holístico que promove a redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar dos cidadãos. Finalmente, partindo desta base é possível relacionar as dimensões de um conceito e os domínios do outro, no sentido de estabelecer um diálogo enriquecedor entre ambos para o esboço de um novo conceito - a Felicidade Sustentável - que deve ser enquadrado a nível global e orientado de acordo com as condições e características locais, de modo a promover a redução da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar de todos, como experiência individual e coletiva.

3.3. Sugestões de propostas para redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar globais

Nota Introdutória

Atualmente, a estratégia que os governos e nações seguem a nível global para a redução da miséria e aumento do bem-estar gerais baseia-se nos princípios do Desenvolvimento Sustentável, através dos 17 objetivos estabelecidos na Cimeira da ONU em Nova Iorque no ano de 2015. No entanto, apesar do trabalho desenvolvido pela ONU e outras organizações internacionais, bem como governos nacionais, setor privado e sociedade civil (ONGD's, etc.) de todos os países, os princípios em que se baseiam as medidas tomadas devem sofrer mudança. A mudança principal é no foco da ação, que ao invés de ser o crescimento económico deve ser o indivíduo e a sociedade, se o que se pretende é a redução da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar desses. Na sequência deste objetivo maior, e partindo do esboço de um novo conceito proposto no ponto anterior, surgem os fatores que devem ser trabalhados de modo a que seja possível atingir o principal objetivo.

Deste modo, é necessário criar uma base geral que identifique os fatores que interferem na vida e devem ser mais trabalhados, pelo que a melhor solução será a de construir um índice global para medir a felicidade e bem-estar ao longo do tempo (colocado periodicamente) e que tenha a capacidade de se adaptar às características e contextos de cada nação e de cada local. Este índice não se deve basear nos índices existentes no ocidente, como é o caso do GWP, WVS, ESS, EVS, entre outros, desenvolvidos por organizações e governos ocidentais que utilizam os seus parâmetros para medir e avaliar a satisfação geral com a vida a nível global. No entanto, também não se deve basear no IFIB do Butão que se cinge a uma nação não estabelecendo pontes com outros índices e portanto não possibilitando a comparação e enriquecimento de informação a nível global. Assim, deve ser construído um índice global que nasça da discussão e da governança partilhada entre vários atores como organizações internacionais, governos e organizações locais, pessoas e comunidades, que tenha a capacidade de se adaptar às características e contextos de cada nação e, que seja construído de modo a permitir a sua decomposição em diversos grupos (como é o caso do IFIB) permitindo uma avaliação mais abrangente e minuciosa dos fatores que contribuem para a redução da miséria e aumento da felicidade e bem-estar. A recolha de dados deve realizar-se através de inquérito cara-a-cara, conduzido por equipas que se deslocam ao local e colocam e explicam as questões aos respondentes. Posteriormente a informação é carregada num sistema que permite o seu tratamento e análise por uma equipa competente. A análise dos resultados é feita a nível nacional e global, de modo a estabelecer comparação entre as nações e garantir a elaboração de medidas no sentido das dimensões mais fracas. De modo a garantir maior qualidade do processo, todas as suas fases devem ser monitorizadas. Por sua vez, a amostragem deve ser o mais abrangente possível de modo a representar devidamente os cidadãos de cada país.

Num segundo momento, após serem identificados os fatores que contribuem para a felicidade e bem-estar, devem ser trabalhadas estratégias, a nível nacional e global, de modo a diminuir a miséria e aumentar a felicidade e bem-estar, enquanto experiência individual e coletiva.

Jeremy Bentham, filósofo inglês no final do século XVIII início do XIX, defendia que a melhor sociedade era a mais feliz, e que portanto o dever do governo é elaborar medidas que promovam a felicidade e o bem-estar gerais e redução da miséria. Para que tal seja possível, todos temos que acordar que é isso que pretendemos, um bem comum à volta do qual reuniremos os nossos esforços, pois este não é um objetivo que se atinja individualmente, mas através do comprometimento geral para esse fim.

É certo que as soluções aos problemas atuais e futuros nascem da cooperação multidisciplinar, entre atores internacionais, nacionais e da sociedade civil, que se coordenam através de uma boa governança partilhada e democrática que garante que todos assumem as suas funções e responsabilidades visando o objetivo comum. As soluções devem ser criativas, inovadoras e revolucionárias, baseando-se sempre em valores como solidariedade, reciprocidade, altruísmo, cooperação, transparência e democracia, e trabalhando no sentido do desenvolvimento holístico do indivíduo e da sociedade.

Apresenta-se de seguida o esboço de algumas soluções aos problemas atuais mais iminentes, como é o caso da doença mental, educação, desigualdade de género, desigualdade de distribuição de riqueza, problemas ambientais, sistemas e infra estruturas de cidades obsoletos, entre outros.

3.3.1. Doença Mental e Física

Nos países ricos, a maior miséria humana não resulta de fatores económicos, mas de doença mental. De acordo com dados da OMS a depressão e ansiedade são, nas sociedades ricas, a maior causa de infelicidade (Layard, 2011:181). Assim, um bom sistema de saúde é importante para uma boa vida, tal como se pode constatar pelo caso de êxito do Reino Unido, cujo serviço nacional de saúde, em 2008, melhorou o acesso a terapias psicológicas, com uma taxa de sucesso de 50% (Layard, 2011). O custo de tratar a depressão e a ansiedade é bastante baixo. No entanto, como adição a esta medida, devíamos prevenir doenças mentais desde cedo, nas escolas, através de programas de saúde e de consciencialização das crianças para o tema, o que representa igualmente custos muito baixos para o governo. De salientar que o maior preditor da satisfação de vida de um adulto é a sua saúde emocional em criança, que é afetada principalmente pela saúde mental da mãe, e que atualmente, a doença mental não é ainda vista como outras, sendo que muitas vezes as pessoas com problemas mentais não chegam a ser vistas nem acompanhadas por especialistas clínicos devido a sentimento de vergonha (Layard, 2011).

Outros problemas de saúde atualmente identificados nos países ricos, que se devem à abundância, são doenças como a obesidade, desordens alimentares (anorexia e bulimia), diabetes, doenças relacionadas com o tabaco, doenças cardíacas, entre outras. Uma solução interessante seria reduzir a influência da publicidade na mente humana, especialmente nas crianças e jovens, e criar programas de consciencialização nas escolas.

Por sua vez, a realidade nos países pobres é bem diferente, pois os seus problemas não derivam da abundância mas da escassez. Assim, as soluções previstas devem sempre ser financiadas pelos países ricos.

Uma solução de excelência, que visa as melhorias das condições de saúde, de modo a resgatar países e regiões á pobreza extrema é o trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que se deslocam a zonas rurais ou a bairros degradados (no caso das áreas urbanas em desenvolvimento), e promovem cuidados de saúde a pessoas que de outro modo estariam isoladas do sistema de saúde (Amaro). A formação de jovens das aldeias como ACS e o fornecimento de kits de mochilas de primeiros socorros e telemóveis têm um papel muito importante nos países pobres, uma vez que estes países não conseguem pagar a saúde. Assim, estes agentes conseguem chegar a uma grande parte da população necessitada e, através da tecnologia, reduzir a taxa de doenças no local ou conduzi-los a estruturas maiores de saúde, quando a sua condição assim o exige. As Aldeias do Milénio, que resultaram dos ODM, como projeto da ONU que decorreu entre 2002-2006, são um exemplo. Uma equipa multidisciplinar, com peritos na área da saúde, educação, engenharia, economia, agronomia, desenvolvimento comunitário, estabeleceram como área de intervenção a África rural, mais especificamente 10 países, que em 10 anos deveriam estabelecer os caminhos para a realização dos ODM. As despesas calculadas pela equipa multidisciplinar, de 120 dólares por pessoa ao ano, foram injectadas por ONG'Ds e APD (numa relação de 50/50) e foram aplicadas na construção de escolas, centros de saúde, pontos de água, saneamento, infra estruturas. Foi assim demonstrado que com pouco dinheiro, o diagnóstico correto, e uma correta interação de sinergias é possível conseguir um grande impacto positiva (Sachs, 2017).

Doenças como HIV e malária são comuns aos países pobres, nomeadamente os que se localizam na África subsariana e sul da Ásia, pelo que o seu controlo é um dos marcos mais importantes para o progresso. Com este objectivo são alocados dinheiros dos países ricos a fundos rigorosamente monitorizados e avaliados, como o “Fundo Mundial de Luta Contra a SIDA”, “Tuberculose e Malária”, e “Fundos para a Contraceção” (Sachs, 2017).

A taxa de natalidade é outro aspeto que deve ser estabilizado, em especial em países na África subsariana. Para tal, criar estratégias de saúde que aumentem a esperança média de vida à nascença e melhorar a saúde nas faixas etárias seguintes, faz com que os pais tenham menos filhos, porque têm a garantia de que os poucos que têm vão sobreviver. Para estabilizar a taxa de natalidade, para além da contraceção e do aumento da esperança média de vida à nascença e nas faixas etárias seguintes, é igualmente importante trabalhar na educação da mulher enquanto indivíduo independente e digno.

3.3.2. Educação

A educação é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, nas diversas dimensões que constituem a vida.

Nos países ricos, onde a educação já se encontra assegurada pelo governo, esta deve ser revista e reformulada no caminho da maior consciencialização desde cedo, como ferramenta de mudança de paradigma. Um exemplo excepcional são os países da Escandinávia, cujo sistema de ensino vai mais além do sistema convencional e apresenta resultados bastante positivos, pois através das políticas da educação é promovido o respeito mútuo e cooperação, os cidadãos sabem aproveitar o que têm e respeitam-se como são, vivendo melhor, mais serenos e felizes. A formação humana da criança deve

ser considerada como prioritária de modo que se desenvolva como um adulto consciente e responsável. Para tal, as crianças devem ser capazes, desde tenra idade, de aprenderem a controlar a mente, entender e gerir os sentimentos, amar e servir os outros, apreciar a beleza, e gerir causas e curas de doenças incluindo doenças mentais, amar a família e preparar-se para a parentalidade, saber gerir o trabalho e o dinheiro, entender os *media* e preservar os seus valores, entender os outros e saber socializar, participar na política, discorrer ideias filosóficas e religiosas. O exercício físico, música e arte são igualmente capacidades para a vida. Os britânicos desenvolvem um tipo de programas nas escolas que se aproxima deste modelo (*“Pen Resiliency Program”*; Layard, 2011:270), uma vez que incentivam as crianças para atitudes e interesses positivos, de modo a prepará-los para que não tenham maus resultados no futuro e para que desenvolvam níveis de inteligência emocional mais elevados. Do mesmo modo, a promoção de cursos de treino para pais (*“Webster-Stratton Incredible Years Programme”*; Layard, 2011:270), é algo que os britânicos também já desenvolvem. A parentalidade é um dos momentos mais importantes, pelo que se deve ensinar a responsabilidade de criar uma criança.

Na sociedade oriental e budista, as diretivas são idênticas, tal como Dalai Lama (Singer, 2015) refere ao defender a necessidade de trabalhar ao nível da educação desde os primeiros anos da criança, de modo a criar consciência para que o altruísmo e compaixão se tornem parte dos seus hábitos. Sendo estas características inerentes ao ser humano, é possível estimulá-las através do treino da mente e dos comportamentos, com o recurso a técnicas como a meditação e o *mindfulness*, ou de outras que sejam adequadas e que, tal como estas, cientificamente comprovadas. Deste modo, há possibilidade real de mudar a sociedade a nível global.

Nos países pobres a situação é diferente, pois o governo (devido à sua condição) ainda não é capaz de garantir a educação a todos, pelo que, mais uma vez, os países ricos devem entrar com ajuda financeira e técnica, tal como aconteceu com os ACS. Outra forma de gerir a situação é através de projetos inovadores que surgem pela mão de pessoas que acreditam na educação como ferramenta para a mudança. De entre os vários projetos, importa salientar o *“Barefoot College”* (www.barefootcollege.org), pela sua singularidade e impacto que tem tido na Índia rural, mas também a nível mundial. O *“Barefoot College”* é um projeto muito importante para a educação da mulher, enquanto indivíduo independente e digno, pois trabalha como instituição informal e alternativa que se baseia no conhecimento tradicional para resolução de problemas rurais, contextualizados. Foi fundado por Bunker Roy, empreendedor social e professor, que não aceita o modelo político-económico vigente (*top-down*), pois este transporta para as zonas rurais da Índia soluções descontextualizadas que não se concretizam como soluções para aquele contexto. Assim, defende que primeiro se devem desenvolver as capacidades e competências dos locais e só depois, no caso de necessidade, se deve receber o *input* externo como forma de apoio. O projeto apoia maioritariamente mulheres, especialmente em idade de avós (40-55 anos), para evitar a migração para as grandes cidades e de modo que se desenvolvam as aldeias a que pertencem. A diferença entre as mulheres e os homens, é que elas têm filhos e família para cuidar que muito dificilmente abandonam, enquanto os homens facilmente saem para a cidade em busca de um trabalho. A escola desenvolve vários projetos de entre os quais é de salientar os seguintes:

- Escolas noturnas (iluminadas com iluminação solar) - nestas escolas albergam crianças que trabalham de dia e estudam de noite. Para além das aulas 'comuns' são igualmente estimuladas a saber sobre cidadania, democracia e participação, pelo que se fazem eleições e um líder é eleito, tal como no 'mundo real'. Também fazem um parlamento de 3 em 3 anos, onde apenas participam crianças, o primeiro ministro tem 12 anos e é uma mulher, que trabalha de dia e estuda à noite. As crianças tomam decisões que são implementadas (www.barefootcollege.org);
- Treinamento de mulheres de contexto rural, completamente analfabetas, que são treinadas por técnicos que já foram um dia alunos, para se tornarem elas técnicas de painéis solares e que depois voltam para as suas terras e se fixam como técnicas (www.barefootcollege.org).

3.3.3. Alterações Climáticas e Perda de Biodiversidade

O ambiente é a envolvente que nos suporta em todas as necessidades que temos e atividades que realizamos, pelo que o alerta feito em 1987 na 1ª Cimeira da Terra e, posteriormente, através da elaboração dos Limites Planetários, deve ser seriamente considerado e levado a cabo através de todos os planos que se formularam e formulam com o intuito de proteger o ambiente e recuperar o que se perdeu. Um contributo muito importante no campo das alterações climáticas, que se sentem em diversas frentes e afetam todos os países, é dado pelos avanços científicos e tecnológicos.

As alterações climáticas resultantes da ação do Homem, são uma realidade para a qual as cidades devem estar preparadas, assim a resiliência urbana (capacidade de se adaptar, planear e responder positivamente às manifestações das alterações climáticas) é um tema muito importante na atualidade para todos os países. Um bom exemplo destas estratégias é a barreira de "Oosterschelde" na Holanda, que protege a terra da subida do mar usando portas que se fecham durante as tempestades, mas que permanecem abertas noutras alturas (Sachs, 2017:408). A resposta aos problemas está na combinação entre ecologia, engenharia, tecnologia e política pública. No entanto, os países mais afetados são os países pobres que sofrem com inundações, cheias, epidemias, etc., e que não são capazes de construir e implementar estratégias resilientes por falta de capacidade científica/tecnológica e financeira, pelo que os países ricos devem apoiá-los financeira e tecnologicamente.

No entanto, os países ricos, apesar de implementarem estratégias para a proteção e recuperação ambiental, são os que apresentam maiores problemas de emissão de gases de estufa, devido ao passado industrial e ao presente que ainda caminha no sentido da mudança. Para estes países, as estratégias passam por criar cidades mais densas, que permitem deslocações a pé ou equipadas com uma boa rede de transportes públicos, de modo a emitirem muito menos gases do que cidades menos densas, que se espalham para os subúrbios e que se organizam com o apoio de auto-estradas e vias rápidas. Para este tipo de problemas surgem soluções como a rede de infraestruturas inteligentes que facilitam a deslocação de milhões de pessoas todos os dias. O metro de Seul é um exemplo eficiente (Sachs, 2017). Outra solução para as cidades são as redes de bicicletas, como o "Gira" em Lisboa ou a partilha de automóveis elétricos (os carros a combustível já não são a solução, pois a queima de combustíveis fósseis emite dióxido de carbono para a atmosfera, contribuindo para o aquecimento global e destruição do ambiente e da biodiversidade). Também as redes elétricas

inteligentes irão permitir aos utilizadores de edifícios com painéis fotovoltaicos e veículos elétricos vender e comprar energia à rede (Sachs, 2017; Araújo, 2017). Com esta solução iremos diminuir o consumo de combustível fóssil. Posteriormente, a incorporação de tecnologias de informação permitirá aos equipamentos aumentar a sua eficiência, o que será uma grande mais valia. Outra preocupação nas grandes cidades é a gestão dos resíduos urbanos. Os aterros, por questões de saúde pública não são exequíveis, pelo que estão a ser estudadas outras soluções como: a produção de energia, através de lixo orgânico, num biodigestor, onde os elementos orgânicos são decompostos, libertam metano que é, posteriormente, armazenado e usado para produção de eletricidade (Sachs, 2017).

3.3.4. Desigualdade de Distribuição de Riqueza

As políticas públicas podem mais facilmente remover a miséria do que aumentar a felicidade. Assim, sendo as causas da miséria mais óbvias, é moralmente mais correto promover primeiro políticas que contribuam para a diminuição da miséria dos mais pobres, do que para o aumento da felicidade dos mais ricos. Num futuro as propostas deverão ser mais homogêneas a nível global e não tão diferentes consoante a situação do país ou grupo de países, no entanto, na atualidade, temos que considerar países ricos e pobres. Assim, em primeiro lugar deve ser considerada a desigualdade entre estes países e, uma vez que a distribuição de rendimento é feita de modo desigual, os governos e organizações internacionais devem assumir o compromisso da redistribuição. O modo mais prático de redistribuir a riqueza é através de taxas, dos mais ricos para os mais pobres. Assim, é possível reduzir a miséria e aumentar a felicidade e o bem-estar gerais, pois o extra de rendimento que não afeta a felicidade dos mais ricos, se transferida para os mais pobres, aumenta a felicidade destes.

No caso dos países pobres a redução da miséria só é possível com o crescimento económico e inovação tecnológica, de modo que possam superar o fosso que os separa dos países ricos em termos de condições de saúde, educação, habitabilidade, etc. Uma das estratégias mais importantes é a recomendação de que os governos dos países de baixo rendimento (pobres) afetem parte do seu orçamento total a estes temas, que não sendo suficiente, obriga à necessidade de associar outras ajudas designadas de Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) (Sachs, 2017:322,323), em que governos de países ricos afetam parte ínfima do seu orçamento (cerca de 0,1% do PNB) à melhoria da saúde nos países pobres. Estes dinheiros devem ser alocados a fundos rigorosamente monitorizados e avaliados, como o “Fundo Mundial de Luta Contra a SIDA”, “Tuberculose e Malária”, e “Fundos para a Contraceção”, anteriormente referidos.

Outra estratégia para a redistribuição da riqueza surge com a microfinança, solução viável para quem não tem dinheiro e que se encontra preso num ciclo vicioso. É desta necessidade que nasce o “Grameen Bank” (www.grameen.com) no Bangladesh que empresta pequenas quantidades de dinheiro a mulheres de contextos pobres. Estas organizam em grupos apenas de mulheres, que recebem o empréstimo à vez e se apoiam mutuamente para que o pagamento do empréstimo seja efetuado dentro dos requisitos, de modo que nenhuma prejudique as outras. As taxas de juro são razoáveis de modo que seja possível para estas mulheres pagarem no período de tempo acordado.

Estes empréstimos são apenas feitos a mulheres, pois estas têm forte sentido de responsabilidade e comprometimento. São mães e avós de famílias de zonas rurais pobres.

O investimento em oportunidades que incorporam boa governança e responsabilidade social e ambiental é outra estratégia que começa a dar os primeiros passos. A empresa de investimento “*Forma Futura*”, cujo CEO é Antoine Hunziker-Ebnetter, defende que este tipo de investimento é cada vez mais comum por parte dos cidadãos dos países ricos para apoio na resolução de problemas globais (Singer, 2015). Hunziker-Ebnetter explica a pirâmide das necessidades financeiras que se apresenta do seguinte modo: em primeiro lugar surgem as necessidades básicas, como alimentação, abrigo e educação, seguidas das reservas para segurança financeira no caso de doença, desemprego, etc., posteriormente quando ganhamos um rendimento extra podemos gastá-lo em atividades recreativas e de lazer, e numa última instância, temos a oportunidade de tomar responsabilidade de investir e contribuir para uma melhor qualidade de vida geral. É nesta fase que devemos refletir quanto ao rumo das nossas ações. Em 2010 (data da conferência *Caring Economics* que gerou a publicação do livro com o mesmo nome) cerca de 3% dos investimentos na Europa eram feitos de modo sustentável, enquanto nos EUA a percentagem era superior, cerca de 10% (Singer, 2015). Assim, podemos constatar que esta é uma área de investimento em crescimento que dever ser promovida e estimulada.

Nota Conclusiva

O objetivo do governo e de outras organizações nacionais e internacionais, bem como da sociedade civil através de ONGD's, cooperativas e associações, é a redução da miséria e a promoção da felicidade e do bem-estar dos cidadãos. Para tal, numa primeira fase, devem ser identificados os fatores que contribuem para a felicidade e bem-estar do indivíduo e da sociedade, de modo a, posteriormente, trabalhá-los na forma de estratégias para a implementação de medidas práticas que desenvolvam as áreas da vida mais insuficientes. A estratégia “mãe” deve ser elaborada a nível global, de acordo com uma governança partilhada e assente em valores como solidariedade, cooperação, altruísmo, reciprocidade, transparência e democracia; e deve demonstrar plasticidade, na medida em que é capaz de se adaptar às características e condições de cada nação.

Na atualidade as mudanças são visíveis, principalmente nos países ricos que, apesar de já terem atingido um determinado nível de segurança social, ainda não apresentam níveis de felicidade média suficientes. Assim, têm-se verificado inúmeras ações por parte dos governos de vários países ocidentais. Os britânicos, por exemplo, são uma nação que tem feito esforços no sentido do maior bem estar de todos. Num inquérito (Layard, 2011:256) responderam que hoje é mais aceitável falar em problemas emocionais do que era em tempos; e 80% diz que é importante o bem estar geral. O ex-primeiro ministro britânico David Cameron, reconhece a importância do bem estar geral comparado com o PIB e desenvolve esforços neste sentido, que se concretizam em programas nacionais como os anteriormente mencionados. Também o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy segue esta linha do desenvolvimento, criando a “*Stiglitz Commission*” que prevê rever as medições apropriadas ao progresso da sociedade. Joseph Stiglitz (Layard, 2011:257), economista norte americano, defende que os governos devem focar-se na monitorização da distribuição da felicidade e

da miséria, focando-se principalmente nos mais miseráveis. As sociedades mais iguais são as que apresentam maiores níveis de felicidade e bem estar, onde rendimento e níveis de confiança e igualdade são elevados, como é o caso dos países escandinavos. Do mesmo modo, e como apresentado ao longo do presente trabalho, organizações internacionais como a OECD, ONU, BM e outras elaboram estudos e promovem conferências sobre o tema.

Concluimos facilmente que urge uma maior cooperação entre todos. Cooperação em vez de competição é uma estratégia mais justa e consciente para o desenvolvimento global.

3.4. Sugestões de outras teses ou trabalhos para futuras investigações

Uma vez que o presente trabalho se desenvolve dentro de determinados limites e não consegue abranger e aprofundar todos os conceitos e propostas que podem ser úteis ao seu objetivo, são neste ponto sugeridos como trabalho futuro o próprio aprofundamento do conceito proposto (em forma de esboço); e, no seguimento do que foi identificado como limitação na primeira parte do presente trabalho, a aplicação de um novo índice, proveniente do novo conceito, para aplicação global no sentido de avaliar o estado da felicidade e bem-estar gerais e definir prioridades para os governos e organizações internacionais na estruturação de políticas que promovam a redução da miséria e o aumento da felicidade e bem-estar.

São, igualmente, sugeridas outras teses ou trabalhos que podem ser proveitosos a futuras investigações sobre o tema e que se organizam no âmbito dos conceitos de desenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável e de Felicidade Interna Bruta, mas também alguns que apresentam novas abordagens, criativas e inovadoras, ao desenvolvimento:

- “E depois do desenvolvimento? reflexão teórica sobre a pertinência de novos conceitos”, Cátia Caldeira, 2014;
- “O desenvolvimento local e o buen vivir como alternativas para “outro” desenvolvimento”, Andreia Marcelino, 2016;
- “Medir o desenvolvimento: gross national happiness index: uma abordagem ignorada”, Joana Curado, 2014;
- “Dos objetivos de desenvolvimento do milénio aos objetivos do desenvolvimento sustentável: trajetórias, percepções e desafios nas ONGD portuguesas”, Beatriz Camacho, 2017.

Referências bibliográficas

- Amaro, Rogério Roque (2016), “A Sustentabilidade das organizações de Economia Solidária - proposta de conceptualização e de avaliação”, *Revista de Economia Solidária*, 10, pp.98-123
- Amaro, Rogério Roque (2018), “Desenvolvimento ou Pós-Desenvolvimento? Desenvolvimento e... Noflay!”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 34, pp.75-111
- Amaro, Rogério Roque (2004), “Desenvolvimento - um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria”, *Caderno de Estudos Africanos*, pp.34-70
- Araújo, José Diogo Verol (2017), “Avaliação da viabilidade económica da renovação de parques de energia renovarem com recurso a sistemas de armazenamento: caso de estudo do parque eólico do Paúl da Serra”, Dissertação de Mestrado em Engenharia da Energia e do Ambiente, Lisboa, FCUL
- Brown, Clair (2017), *Buddhist Economics, An Enlightened Approach to the Dismal Science*, Nova Iorque, Bloomsbury Press
- Caldeira, Cátia (2014), *E depois do desenvolvimento? Reflexão teórica sobre a pertinência de novos conceitos*, Dissertação de Mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Lisboa, ISCTE
- CBS, (2016), *A compass towards a just and harmonious society - 2015 GNH Survey Report*, Thimphu, Centre of Bhutan Studies and GNH Research
- Curado, Joana (2014), *Medir o Desenvolvimento: Gross National Happiness Index, Uma abordagem ignorada*, Dissertação de Mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Lisboa, ISCTE
- Cutler, Howard C. e Sua Santidade, o Dalai Lama (2000), *A Arte da Felicidade, Um Manual para a Vida*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Ferreira, Bárbara e Rita Raposo (2018), “Evolução do(s) Conceito(s) de Desenvolvimento. Um Roteiro Crítico”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 34, pp.113-144
- Frey, Bruno (2009), *Felicidade, Uma Revolução da Economia*, Lisboa, Gradiva Publicações
- Gonçalves, Telma, António Fonseca, Catarina Abreu e Tatiana Gomes (2014), “Gross National Happiness, Um Novo Contributo ao Conceito de Desenvolvimento”, *Revista de Economia Solidária*, 6, pp.180-226
- Helliwell, John, Richard Layard e Jeffrey Sachs (2012), *World Happiness Report 2015*, Nova Iorque, Sustainable Development Solutions Network
- Henriques, José Manuel (2006), *Global restructuring and local anti-poverty action: learning from European experimental programs*, Dissertação de Doutoramento em Economia, Lisboa, ISCTE
- Hespanha, Pedro, L.I. Gaiger, J.L. Lavile e A.D. Cattani (2009), *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra, Edições Almedina S.A.
- Keyes, Corey e Jonathan Haidt (2002), “Flourishing, Positive Psychology and the Life Well-lived”, *American Psychology Association*, (Online)
- Disponível em <https://www.apa.org>
- Layard, Richard (2011), *Happiness: Lessons from a new science*, Londres, Penguin Books Ltd.
- Layard, Richard (2017), “Origins of happiness”, *CenterPiece*
- Marcelino, Andreia (2016), *O desenvolvimento local e o buen vivir como alternativa para um outro desenvolvimento*, Dissertação de Mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Lisboa, ISCTE
- Payutto, Ven P.A. (1994), *Buddhist Economics, A Middle Way for the Market Place, s.l., s.n.*

- Payutto, Ven P.A., (2000/1994?), *Buddhist Solution for the Twenty-First Century*, Bangucoque, Buddhaddhamma Foundation
- Quivy, Raymond e LucVan Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva
- Rist, Gilbert (2008), *History of Development, From Western Origins to Global Faith*, Londres e Nova Iorque, Zed Books Ltd.
- Rockstrom, Johan (2009), “Planetary boundaries: exploring the safe operating space for humanity”, (Online)
Disponível em <http://www.stockholmresilience.org/download/18.8615c78125078c8d3380002197/ES-2009-3180.pdf>
- Sachs, Jeffrey (2017), *A Era do Desenvolvimento Sustentável*, Lisboa, Actual Editora
- Sachs, Wolfgang (2010), *The Development Dictionary, a guide to knowledge as power*, Londres e Nova Iorque, Zed Books Ltd.
- Singer, Tania e Matthieu Ricard (2015), *Caring Economics, Conversations on altruism and compassion, between scientists, economists, and the Dalai Lama*, Nova Iorque, Picador USA
- Schumacher, E.F. (2011), *Small is Beautiful, A Study of Economics as if People Mattered*, Londres, Vintage
- Tortosa, José María (2009), “Sumak Kawsay, Suma Qamaña, Buen Vivir”, comunicação apresentada no âmbito da *Universidade de Alicante - Instituto Universitario de Desarrollo Social y Paz, s.a.*, Alicante

Anexos

Anexo A

The third Gross National Happiness Survey Questionnaire - December 2014

Fonte: CBS, 2016:296.

དཔལ་འབྲུག་ཞིབ་འཇུག་ལྟེ་བ།

**Centre for Bhutan Studies and GNH Research
Royal Government of Bhutan**



Confidential

**The Third Gross National Happiness Survey Questionnaire
December 2014**

| | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|----------------------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------------|--------------|------------|-----------|----------------|-------------|----------------------|
| int | Interviewer | <input type="text"/> | <input type="text"/> | <input type="text"/> | ◀Enter Name & Code | | | | | | |
| stime | Start time | <input type="text"/> | : | <input type="text"/> | ◀Enter time (hh:mm) | | | | | | |
| intdate | Interview date | <input type="text"/> | / | <input type="text"/> | ◀Enter date (dd/mm/yy) | | | | | | |
| intday | Interview day | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter Day & Code | | | | | | |
| dzcode | Dzongkhag | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter Dzongkhag & Code | | | | | | |
| gcode | Gewog/Town | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter Gewog/Town & Code | | | | | | |
| ccode | Chiwog/Block | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter Chiwog/Block & Code | | | | | | |
| vcode | Village | <input type="text"/> | | | ◀Enter Village | | | | | | |
| eacode | Enumeration area | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter EA name & Code | | | | | | |
| ilang | Interview language | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter language & Code | | | | | | |
| outcome | Interview Outcome | (Enter code from below) <input type="text"/> | | | ◀Enter code | | | | | | |
| <table border="0"> <tr> <td>1 = Complete</td> <td>3 = Absent</td> <td>5 = Moved</td> </tr> <tr> <td>2 = Incomplete</td> <td>4 = Refused</td> <td>6 = Could not locate</td> </tr> </table> | | | | | | 1 = Complete | 3 = Absent | 5 = Moved | 2 = Incomplete | 4 = Refused | 6 = Could not locate |
| 1 = Complete | 3 = Absent | 5 = Moved | | | | | | | | | |
| 2 = Incomplete | 4 = Refused | 6 = Could not locate | | | | | | | | | |
| rrefuse | Reason of refusal | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter reasons & Code | | | | | | |
| To be filled in by supervisor upon receiving the form from enumerators | | | | | | | | | | | |
| superv | Supervisor | <input type="text"/> | | <input type="text"/> | ◀Enter Name & Code | | | | | | |
| | Signature | <input type="text"/> | | | ◀Signature | | | | | | |

1.0 – DEMOGRAPHICS

Q1. Note sex of the respondent. *[Please circle appropriate number below]*

| | | | |
|-----|-------------|---------------|--------------|
| Sex | Male | Female | Other |
| | 1 | 2 | 3 |

Q2. What is your age?

| | | |
|-----|----------------------|----------------------------------------|
| Age | <input type="text"/> | ◀ Please record age in completed years |
|-----|----------------------|----------------------------------------|

Q3. What is your current marital status? *[Please circle appropriate number below]*

| | | | | | |
|----------------------------|----------------------|----------------|-----------------|------------------|----------------|
| Marital | Never married | Married | Divorced | Separated | Widowed |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| If not 'Married', Go to Q5 | | | | | |

Q4. If married, is this your...? *[Please circle appropriate number below]*

| | | | | |
|----------|-----------------------|------------------------|-----------------------|---------------------------------|
| Marital1 | First marriage | Second marriage | Third marriage | More than third marriage |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |

Q5. How many years of formal schooling, if any, have you completed?

| | | |
|-------------------|----------------------|----------------------------------------------------------|
| PostSec | <input type="text"/> | ◀ Record number of years [enter "99" for not applicable] |
| If '99', Go to Q7 | | |

Q6. Are you still attending school?

| | | |
|-------|------------|-----------|
| Ednow | Yes | No |
| | 1 | 2 |

Q7. Have you had any non-formal education? If so, how many years?

| | | |
|-------------------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| NFE | <input type="text"/> | ◀ Record number of years [enter "0" if less than a year and "99" for not applicable] |
| If '99', Go to Q9 | | |

Q8. Are you still attending NFE?

| | | |
|--------|------------|-----------|
| nfenow | Yes | No |
| | 1 | 2 |

Q9. Have you had monastic education? If so, how many years?

| | | |
|--------------------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| MonEd | <input type="text"/> | ◀ Record number of years [enter "0" if less than a year and "99" for not applicable] |
| If '99', Go to Q11 | | |

Q10. Are you still attending Monastic education?

| | | |
|--------|------------|-----------|
| nfenow | Yes | No |
| | 1 | 2 |

Q11. Which of the following languages can you read and write?

| | | Read | | Write | |
|------|-----------------------|------|----|-------|----|
| | | Yes | No | Yes | No |
| Lit1 | Dzongkha | 1 | 2 | 1 | 2 |
| Lit2 | Nepali | 1 | 2 | 1 | 2 |
| Lit3 | English | 1 | 2 | 1 | 2 |
| Lit4 | Others (specify.....) | 1 | 2 | 1 | 2 |

Q12. What is your religion?

| | | | | | |
|-------------------------|-----------------|-----------------|---------------------|---------------|-------------|
| Religion | Buddhism | Hinduism | Christianity | Others | None |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 9 |
| Others (specify:) | | | | | |

Q13. What is your current occupational status? *[Enter appropriate code from below]*

| <i>Occap</i> | <i>◀ Record appropriate code from below</i> |
|-------------------------------------------------|---------------------------------------------|
| 1 = Unemployed | 9 = <i>Gomchen</i> |
| 2 = Farmer | 10 = Corporate employee |
| 3 = Trader/shopkeeper/businessman | 11 = Private employee |
| 4 = School student/trainees/university students | 12 = Housewife/husband (Homemaker) |
| 5 = Civil servants | 13 = No need to work |
| 6 = GYT/DYT member (LG officials) | 14 = Given up looking for job |
| 7 = RBA/RBP/RBG | 15 = Others (<i>specify.....</i>) |
| 8 = Monk/ <i>Anim</i> | |

1.1 – PSYCHOLOGICAL WELLBEING

Sense of happiness and satisfaction

Q14. Taking all things together, how happy would you say you are?

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|-------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|-------------------|
| Hap | Not at all | | | | | | | | | | | Very happy |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |

Q15. Please think deeply and tell me, what are the most important things (sources) that will make you lead a truly happy life?

| | Record Answer Below | Code |
|--------|---------------------|------|
| HapSc1 | | |
| HapSc2 | | |
| HapSc3 | | |
| HapSc4 | | |
| HapSc5 | | |

Q16. How happy did you feel yesterday?

| | | | | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|-------------------|
| yhap | Not at all | | | | | | | | | | | Very happy |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |

Q17. What is your desired happiness condition?

| | | | | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|-------------------|
| dhap | Not at all | | | | | | | | | | | Very happy |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |

Q18. Taking all things together, how happy would you say you will be in the future, say within five years from now?

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|------|------------------------------|----|----|----|----|--------------------------|--|--|--|--|------------------------------|---|---|---|---|
| fhap | Less happier than now | | | | | Same happy as now | | | | | More happier than now | | | | |
| | -5 | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Q19. This is a question about your family members' current happiness. How happy do you think your family members are at the moment? [Circle 88 for Don't Know and 99 for Not Applicable (do not have family members living together)].

| | Not at all | | | | | | | | | | | Very happy | Don't know | Not applicable |
|------|------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|------------|------------|----------------|
| Fm1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm2 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm3 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm4 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm5 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm6 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm7 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm8 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm9 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm10 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm11 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm12 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm13 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm14 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |
| Fm15 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 88 | 99 | |

Q20. All things considered, how satisfied are you with your life as a whole these days? Please mark 10 if you are "very satisfied" and 0 "not at all".

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|-------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|-----------------------|
| sat | Not at all | | | | | | | | | | | Very satisfied |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |

Q21. How satisfied are you with the following aspects of your life?

| | | Very satisfied | Satisfied | Neither satisfied nor dissatisfied | Dissatisfied | Very dissatisfied | Don't know |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|-----------|------------------------------------|--------------|-------------------|------------|
| Sat1 | Your health | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Sat2 | Your standard of living (livelihood) | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Sat3 | The major occupations in your daily life (could be your job if formally employed, farm work, housework, schoolwork) | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Sat4 | The relationship you have with your immediate family members. | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Sat7 | Work-life balance | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Social support

Q22. How many people are very close to you that you can count on them if you....[Enter "888" for Don't know]

| | | Record number of people |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| SS1 | Are sick | |
| SS2 | Have financial problems | |
| SS3 | Have emotional problems | |
| SS4 | Have to attend to important personal events (childbirth, funeral, wedding, etc.) | |

Mental wellbeing

Please consider the last four weeks and circle one of the four response options for the following 12 questions.

Q23. Been able to concentrate on what you're doing

| GHQ1 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
|------|-----------------|---------------|-----------------|----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q24. Lost much sleep over worry

| GHQ2 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
|------|------------|--------------------|------------------------|----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q25. Felt you were playing a useful part in things

| GHQ3 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
|------|-----------------|---------------|-----------------|----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q26. Felt capable of making decisions about things

| GHQ4 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
|------|-----------------|---------------|-----------------|----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q27. Felt constantly under strain

| GHQ5 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
|------|------------|--------------------|------------------------|----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q28. Felt you couldn't overcome your difficulties

| | | | | | |
|------|-------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ6 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q29. Been able to enjoy your normal day-to-day activities

| | | | | | |
|------|------------------------|----------------------|------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ7 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q30. Been able to face up to your problems

| | | | | | |
|------|------------------------|----------------------|------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ8 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q31. Been feeling unhappy and depressed

| | | | | | |
|------|-------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ9 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q32. Been losing confidence in yourself

| | | | | | |
|-------|-------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ10 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q33. Been thinking of yourself as a worthless person

| | | | | | |
|-------|-------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ11 | Not at all | No more than usual | Rather more than usual | Much more than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Q34. Been feeling reasonably happy, all things considered

| | | | | | |
|-------|------------------------|----------------------|------------------------|-----------------------------|-------------------|
| GHQ12 | More than usual | Same as usual | Less than usual | Much less than usual | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Spirituality

Q35. How spiritual do you consider yourself to be?

| | | | | |
|---------|-------------|-------------------|-----------------|-------------------|
| Spirit1 | Very | Moderately | Somewhat | Not at all |
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q36. How often do you recite prayers?

| | | | | | |
|---------|----------------------------|-------------------|---------------------------|----------------------------------|--------------|
| Spirit4 | Several times a day | Once a day | A few times a week | Only on certain occasions | Never |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Q37. How often do you practice meditation?

| | | | | | |
|---------|----------------------------|-------------------|---------------------------|----------------------------------|--------------|
| Spirit5 | Several times a day | Once a day | A few times a week | Only on certain occasions | Never |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Q38. How often do you visit local temples and other places of spiritual significance within your community?

| | | | | | |
|---------|----------------------------|-------------------|---------------------------|----------------------------------|--------------|
| Spirit6 | Several times a day | Once a day | A few times a week | Only on certain occasions | Never |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Q39. Do you consider Karma in the course of your daily life?

| | | | | |
|-----------------|------------------|---------------------|---------------|-------------------|
| <i>Spirit11</i> | Regularly | Occasionally | Rarely | Not at all |
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q40. In the past one year, how many days did you attend/receive religious teaching?

| | |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>rdays</i> | ◀ Record number of days [enter "0" if less than a day and "999" for not at all/Not applicable] |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|

Emotional Experience

Q41. During the past four weeks, how often have you felt the following moods/emotions?

| | | Few times a day | Once a day | Few times a week | Once a week | Once or twice in the last month | Not in the last month | Never |
|---------------|-------------|------------------------|-------------------|-------------------------|--------------------|----------------------------------------|------------------------------|--------------|
| <i>Emot1</i> | Anger | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot5</i> | Selfishness | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot6</i> | Jealousy | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot16</i> | Fear | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot17</i> | Worry | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot14</i> | Sadness | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot8</i> | Calmness | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot9</i> | Compassion | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot10</i> | Forgiveness | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot11</i> | Contentment | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| <i>Emot12</i> | Generosity | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

Q42. How anxious are you for the following issues?

| | | Always anxious | Sometime anxious | Neither anxious nor unconcerned | Normally do not feel anxious | Do not feel anxious at all | Not applicable |
|-------------|------------------------------------------------------|-----------------------|-------------------------|----------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| <i>Anx2</i> | Old age abandonment | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 9 |
| <i>Anx3</i> | Unemployment | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 9 |
| <i>Anx4</i> | Food security | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 9 |
| <i>Anx5</i> | Children's future | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 9 |
| <i>Anx8</i> | Living expenses for later in life (after retirement) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 9 |

1.2 – HEALTH

Q43. In general, would you say your health is:

| | | | | | |
|----------------|------------------|------------------|-------------|-------------|-------------|
| <i>HStatus</i> | Excellent | Very good | Good | Fair | Poor |
| | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Disability & Activity Limitations

Q44. Do you have any of the following serious conditions, impairments or disabilities? Circle all that apply.

| | Condition | Yes | No | Don't know |
|----------------|---------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>Disab1</i> | Visual (e.g., blind or almost blind) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab2</i> | Hearing (e.g., deaf or almost deaf) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab3</i> | Speech (muteness or important speech problems) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab4</i> | No use of arm(s) or leg(s) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab5</i> | Difficulty using arms or legs (partial) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab6</i> | Missing body part (e.g., arm, leg) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab7</i> | Cardiovascular (e.g., heart condition) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab8</i> | Respiratory (e.g., severe breathing problems, asthma) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab9</i> | Mental/psycho-social (e.g., schizophrenia, severe depression) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Disab10</i> | Other (specify _____) | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know' to all, Go to Q47

Q45. How long has the most severe condition lasted?

| | |
|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>DisMos</i> | ◀ Record number of months. [Enter "0" if less than a month and '8888' if don't know] |
|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------|

Q46. Does this or any long-term disability restrict your activities significantly?

| | | | | |
|-----------------|---------------------|------------------|---------------|--------------|
| <i>RestHome</i> | All the time | Sometimes | Rarely | Never |
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q47. Do you have any difficulties in performing the following activities because of a health problem? By 'health problem' we mean any long-term physical, mental or emotional problem of illness [not including pregnancy].

| | | No difficulty | Some difficulty | Much difficulty | Unable to do | Don't know |
|--------------|---------------------------------------------------------------------|---------------|-----------------|-----------------|--------------|------------|
| <i>Acti1</i> | Dressing, including tying shoes, working zippers, and doing buttons | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti3</i> | Walking about half a kilometre | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti4</i> | Bathing or showering | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti5</i> | Eating, like holding a spoon, cutting food or drinking from a glass | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti6</i> | Using your fingers to grasp or handle small objects | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti7</i> | Getting in or out of bed | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |
| <i>Acti8</i> | Using toilet, including up or down | 1 | 2 | 3 | 4 | 8 |

Healthy days & short-term activity limitation

Now, we need information about your health over the **past 30 days**.

Q48. Thinking about your physical health, which includes physical illness and injury, how many days during the past 30 days was your **physical health not good**?

| | |
|-----------------|--------------------------------------------|
| <i>SickDays</i> | ◀ Record number of days [Not more than 30] |
|-----------------|--------------------------------------------|

Q49. Now thinking about your mental health, which includes stress, depression, and problems with emotions, how many days during the past 30 days was your **mental health not good**?

| | |
|---------------|--------------------------------------------|
| <i>MHDays</i> | ◀ Record number of days [Not more than 30] |
|---------------|--------------------------------------------|

If '0' days for both Q48 and Q49, Go to Q51.

- Q50. During the past 30 days, about how many days did poor physical or mental health keep you from doing your usual activities, such as self-care, work or recreation?

| | | |
|---------|--|--------------------------------------------|
| ResDays | | ◀ Record number of days [Not more than 30] |
|---------|--|--------------------------------------------|

Suicidal thoughts and attempts

- Q51. Have you ever seriously thought of committing suicide?

| | | |
|--------------------|------------|-----------|
| Suic1 | Yes | No |
| | 1 | 2 |
| If 'No', Go to Q58 | | |

- Q52. If yes, has it happened in the past 12 months?

| | | |
|--------------------|------------|-----------|
| Suic2 | Yes | No |
| | 1 | 2 |
| If 'No', Go to Q54 | | |

- Q53. If yes, how many times did you think about committing suicide in the past 12 months?

| | | |
|-------|--|---------------------------------------------------------------------------|
| Suic5 | | ◀ Record number of times suicidal thought occurred in the past 12 months] |
|-------|--|---------------------------------------------------------------------------|

- Q54. Have you ever attempted to commit suicide?

| | | |
|--------------------|------------|-----------|
| Suic3 | Yes | No |
| | 1 | 2 |
| If 'No', Go to Q58 | | |

- Q55. If yes, has this happened in the past 12 months?

| | | |
|--------------------|------------|-----------|
| Suic4 | Yes | No |
| | 1 | 2 |
| If 'No', Go to Q57 | | |

- Q56. If yes, how many times did you attempt to commit suicide in the past 12 months?

| | | |
|-------|--|-----------------------------------------------------------------------------|
| Suic6 | | ◀ Record number of times attempted to commit suicide in the past 12 months] |
|-------|--|-----------------------------------------------------------------------------|

- Q57. Please tell us the reasons why you have attempted to commit suicide?

| | Record Answer Below | Code |
|-------|---------------------|------|
| sres1 | | |
| sres2 | | |
| sres3 | | |
| sres4 | | |
| sres5 | | |

Barriers

- Q58. On the last occasion you or your family visited a health care centre within the past 12 months, how long did you have to wait before receiving the health care service?

| | | |
|----------|--|---------------------------------------------------------------------------|
| Barrier7 | | ◀ Record approximate number of minutes. [Enter "9999" for not applicable] |
|----------|--|---------------------------------------------------------------------------|

- Q59. How long would it usually take you to walk to the nearest health care centre?

| | | |
|----------|--|----------------------------------------|
| Barrier6 | | ◀ Record approximate number of minutes |
|----------|--|----------------------------------------|

1.3 – TIME USE AND BALANCE

Q60. We would like to know how you spent your time yesterday. Starting at 4:00 am yesterday, can you please recount various activities you performed and how long they took?

| | | What were you doing? (Enter one main activity on each line) | Code (for official use only) | What else were you doing? (Record the most important secondary activity if more than one secondary activities were performed) | Code (for official use only) |
|-------------------------|------------|----------------------------------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| | 04:00 a.m. | | | | |
| 04:00 a.m. - 05:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 05:00 | | | | |
| 05:00 a.m. - 06:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 06:00 | | | | |
| 06:00 a.m. - 07:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 07:00 | | | | |
| 07:00 a.m. - 08:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 08:00 | | | | |
| 08:00 a.m. - 09:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 09:00 | | | | |
| 09:00 a.m. - 10:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |
| | :50 | | | | |
| | 10:00 | | | | |
| 10:00 a.m. - 11:00 a.m. | :10 | | | | |
| | :20 | | | | |
| | :30 | | | | |
| | :40 | | | | |

| | What were you doing? (Enter one main activity on each line) | Code (for official use only) | What else were you doing? (Record the most important secondary activity if more than one secondary activities were performed) | Code (for official use only) |
|-------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| 02:00 a.m. - 03:00 a.m. | :30 | | | |
| | :40 | | | |
| | :50 | | | |
| | 02:00 | | | |
| | :10 | | | |
| | :20 | | | |
| | :30 | | | |
| | :40 | | | |
| | :50 | | | |
| | 03:00 | | | |
| 03:00 a.m. - 04:00 a.m. | :10 | | | |
| | :20 | | | |
| | :30 | | | |
| | :40 | | | |
| | :50 | | | |
| | 04:00 | | | |

Q61. What type of day was yesterday?

| | Tus2 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| A usual day | 1 |
| It was a holiday (e.g., public holiday, weekend, day off) | 2 |
| I was sick or injured | 3 |
| I was on leave from work | 4 |
| I took time off from normal activities: | |
| to do extra work paid/unpaid | 5 |
| to arrange personal/family matters | 6 |
| to look after a sick/injured person | 7 |
| for a special leisure/educational/ religious/community/family activity (e.g. sports event, course, conference, festival, wedding, etc.) | 8 |
| Cared for children during school holiday (not weekend) | 9 |
| Other (specify) | 10 |

Q62. Last night did you sleep

| TUact7 | More hours than usual | About the same as usual | Less hours than usual |
|--------|-----------------------|-------------------------|-----------------------|
| | 1 | 2 | 3 |

1.4 – EDUCATION

Historical literacy

Q63. How would you rate your knowledge and understanding of the following?

| | | Very good | Good | Average | Poor | Very poor |
|---------|------------------------------------------|-----------|------|---------|------|-----------|
| Legend1 | Local legends and folktales | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Legend2 | Historical events of our kings | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Legend3 | National Day (<i>Gyalong Duechhen</i>) | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Legend9 | Names of the five Kings of Bhutan | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q64. How aware are you about Gross National Happiness (*Gyalong Gakid Palzom*)?

| gnh1 | Yes, I have heard of it and have a good understanding of what it is | Yes, I have heard of it and have some understanding about what it is | Yes, I have heard of it but I'm unsure what it is | Not at all |
|------|---------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Cultural literacy

Q65. How would you rate your knowledge and understanding of the following?

| | | Very good | Good | Average | Poor | Very poor |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|------|---------|------|-----------|
| Fest1 | Local <i>tshechu</i> /festivals conducted every year (e.g., <i>lomba</i> , <i>kharam</i> , <i>lha</i> , <i>roop</i> , <i>kharphe</i> , <i>chodpa</i> , etc.) | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Fest3 | Traditional Bhutanese songs (<i>zhungdra</i> and <i>boedra</i>). (Do you know the lyrics to some of the traditional songs?) | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Civic literacy

Q66. Do you know the minimum age to be eligible to vote in elections?

| PtNm | ◀ Record age in years. [Enter "888" for Don't know] |
|------|-----------------------------------------------------|
| | |

Q67. Do you know the names of the four political parties who contested in the primary round in 2013?

| PdNm1 | None | One party | Two parties | Three parties | Four parties |
|-------|------|-----------|-------------|---------------|--------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |

Q68. How would you rate your knowledge and understanding of the constitution?

| Const1 | Very good | Good | Average | Poor | Very poor |
|--------|-----------|------|---------|------|-----------|
| | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Ecological literacy

Q69. What is your knowledge of names of plants and wild animals in your area?

| | | Very good | Good | Average | Poor | Very poor |
|---------|--------------|-----------|------|---------|------|-----------|
| TspNm1 | Plants | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| TspNm11 | Wild animals | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Health literacy

Q70. Do you know how HIV/AIDS is transmitted?

| Aids1 | Yes, I have heard of it and have a clear understanding of how it is transmitted | Yes, I have heard of it and have some understanding of how it is transmitted | Yes, I have heard of it but I am not sure of how it is transmitted | Not at all |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q71. How long should a child be breastfed exclusively?

| Exbreast | ◀ Record number of months. [Enter "0" for less than a month and "888" for Don't know] |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| | |

Indigenous knowledge literacy

Q72. Do you have the following skills?

| | | Yes, very well | Yes, a little | No |
|--------|-----------------------------------------------------------|----------------|---------------|----|
| Arts1 | Weaving (<i>Thag-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts2 | Embroidery (<i>Tshem-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts3 | Painting (<i>Lha-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts4 | Carpentry (<i>Shing-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts5 | Carving (<i>Par-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts6 | Sculpture (<i>Jin-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts7 | Casting (<i>Lug-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts8 | Black-smithing (<i>Gar-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts9 | Bamboo works (<i>Tszha-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts10 | Gold/silversmithing (<i>Ser-zo</i> and <i>Nguel-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts11 | Masonry (<i>Do-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts12 | Leather works (<i>Ko-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |
| Arts13 | Papermaking (<i>De-zo</i>) | 3 | 2 | 1 |

1.5 – CULTURAL DIVERSITY & RESILIENCE

Language

Q73. What is your mother tongue?

| | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------------|--|
| PrimLa1 | ◀Please record appropriate code from below | |
| 1 = Dzongkha | 12 = Brokpa | |
| 2 = Cho-cha nga-chakha (Kurmedkha) | 13 = Brokkat | |
| 3 = Tshangla (Sharchop) | 14 = Lakha | |
| 4 = Bumthangkha | 15 = B'okha (Tibetan) | |
| 5 = Khengkha | 16 = Nepali (Lhotshamkha) | |
| 6 = Kurtop (variant of Bumthangkha) | 17 = Lhokpu | |
| 7 = Nyenkha (Henkha or Mangdebikha) | 18 = Gongduk | |
| 8 = Dzala | 19 = Lepcha | |
| 9 = Dakpa | 20 = Layap | |
| 10 = Chali kha | 21 = English | |
| 11 = Monpakha | 22 = Others (Specify:) | |

Q74. How well can you speak your mother tongue now?

| | | | | |
|---------|------------------|-------------------|----------------------|-------------------|
| PrimLa3 | Very well | Quite well | Only a little | Not at all |
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q75. What are the two most commonly spoken languages in your home? [Please record them in the order of frequency of usage]

| | |
|----------|-----------------------|
| Ispoken | ◀Insert code from Q73 |
| Ispoken1 | ◀Insert code from Q73 |

Core Values

Q76. Please tell me, whether you think each of the following statements can be justified:

| | | Can always be justified | Can sometimes be justified | Can never be justified | Don't know |
|----------|----------------------------------------|-------------------------|----------------------------|------------------------|------------|
| CValue21 | Killing | 1 | 2 | 3 | 8 |
| CValue25 | Stealing | 1 | 2 | 3 | 8 |
| CValue26 | Lying | 1 | 2 | 3 | 8 |
| CValue27 | Creating disharmony in human relations | 1 | 2 | 3 | 8 |
| CValue60 | Sexual misconduct | 1 | 2 | 3 | 8 |

Participation in Community Events

Q77. On an average, how many days did you spend in the past 12 months attending social and cultural activities, such as community festivals or *choku* of neighbours?

| | |
|---------|-----------------------------------------------------|
| Local29 | ◀Record number of days [Enter "888" for Don't Know] |
|---------|-----------------------------------------------------|

Traditional Bhutanese Values, Etiquette and Conduct

Q78. How important is Bhutanese code of etiquette and conduct (*Driglam Namzha*)?

| | | | | |
|---------|----------------------|------------------|-----------------------|-------------------|
| Namzha1 | Not important | Important | Very important | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 8 |

Q79. How do you perceive the change in practice of Bhutanese code of etiquette and conduct (*Driglam Namzha*) during the last few years?

| | | | | |
|---------|-----------------------|------------------------|-------------------------|-------------------|
| Namzha2 | Getting weaker | Stayed the same | Getting stronger | Don't know |
| | 1 | 2 | 3 | 8 |

1.6 – GOOD GOVERNANCE

Participation in zomdue

Q80. In the past 12 months, have you attended a zomdue?

| | | | |
|----------------------------------------|-----|----|----------------|
| Zom1 | Yes | No | Not applicable |
| | 2 | 1 | 9 |
| If 'No' or 'Not applicable', Go To Q84 | | | |

Q81. How many times, in the past 12 months, have you attended zomdue at...

| | | | |
|------|----------------------|--|------------------------------------------------------|
| Zom2 | Village/chiwog level | | ◀Record number of times (If not applicable enter 99) |
| Zom3 | Gewog level | | ◀Record number of times (If not applicable enter 99) |
| Zom6 | Thromdey level | | ◀Record number of times (If not applicable enter 99) |

Q82. Did you speak at the zomdue?

| | | |
|--------------------|-----|----|
| Zom4 | Yes | No |
| | 2 | 1 |
| If 'No', Go to Q84 | | |

Q83. How often did you speak?

| | | | |
|------|------------|-------------------|-----------|
| Zom5 | Every time | Most of the times | Sometimes |
| | 3 | 2 | 1 |

Performances of government

Q84. For each of the following, please rate the performances of the government in the past 12 months.

| | | Very good | Good | Average | Poor | Very poor | Don't know |
|----------|-------------------------------------------|-----------|------|---------|------|-----------|------------|
| Centra1 | Creating jobs | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra2 | Reducing gap between rich & poor | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra3 | Providing educational facilities/services | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra4 | Providing health facilities/services | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra6 | Fighting corruption | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra8 | Protecting natural environment | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |
| Centra11 | Preserving culture and traditions | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Perception of electoral process

Q85. Did you vote for Gup/Mangaap/Tshogpa, MP or Thromdey representative in the last election?

| | | | | |
|--------|-------------|-----|----|----------------|
| | | Yes | No | Not applicable |
| Elect1 | NA | 1 | 2 | 9 |
| Elect2 | NC | 1 | 2 | 9 |
| Elect3 | LG/Thromday | 1 | 2 | 9 |

Q86. Will you participate in the next general election (through voting)?

| | | | | |
|--------------------------------------------------------|-----|----|------------|--------------|
| Elect5 | Yes | No | Don't know | I can't vote |
| | 1 | 2 | 8 | 9 |
| If 'Yes' or 'Don't know', or 'I can't vote', Go to Q88 | | | | |

Q87. If no, why won't you vote in the next election:

| | | | | | | |
|---------------------------|-------------------------------|---------------------------|---------------------------------|-------------------------|------------------------------|--------|
| Elect 8 | I don't think my vote matters | I don't trust politicians | I am not interested in politics | I am fed up with voting | Polling stations are too far | Others |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| If Others (specify _____) | | | | | | |

Respect for fundamental rights

Q88. Do you feel that if you wanted, you:

| | | Yes, definitely | Yes, maybe | No | Don't know |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------|----------------------------|-----------------------|-----------|-----------------------|
| <i>Rights2</i> | Would have right to freedom of speech and opinion | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights3</i> | Would have right who to vote | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights4</i> | Would have right to join political party of your choice | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights6</i> | Would have right to form <i>tshogpa</i> or be a member of <i>tshogpa</i> | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights7</i> | Would have right to equal access and opportunity to join public service | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights8</i> | Would have right to equal pay for work of equal value | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights10</i> | Are free from discrimination based on gender | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights11</i> | Are free from discrimination based on religion | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights12</i> | Are free from discrimination based on language | 3 | 2 | 1 | 8 |
| <i>Rights13</i> | Are free from discrimination based on political affiliation | 3 | 2 | 1 | 8 |

1.7 – COMMUNITY VITALITY

Length of stay

Q89. How long have you lived in this village/town?

| | |
|---------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Mobil1 | ◀ Record number of years [Enter 0 if less than a year] |
| If 'Mobil1' equals the age of the respondent, Go to Q91 | |

Q90. Where did you live before moving to this village/town?

| | | | Code |
|--------|--|--------------------------------------------|------|
| Mobil2 | | ◀ Record name of Dzongkhag | |
| Mobil3 | | ◀ Record name of Gewog/Town | |
| Mobil4 | | ◀ Record name of Country if outside Bhutan | |

Volunteering

Q91. During the past 12 months, how many days did you volunteer for the following? [Enter "0" if less than a day, enter "999" if none and enter '888' if Don't Know]

| Volunteerism | | Record number of days |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| Vol2 | Labour contribution towards construction/renovation of religious establishments (e.g., goendey, shedra, lhakhang and chorten) | |
| Ritual | Labour during rituals | |
| Refig | Labour contribution for religious figures | |
| Vol3 | Labour for house construction/repair | |
| Vol9 | Labour contribution during times of death in a community | |
| Vol14 | Clean-up campaign | |
| Vol15 | Fund-raising | |
| Vol18 | Others | |
| Vol19 | If "Others" please specify _____. | |

Donations

Q92. In the past 12 months, how much did you donate in cash/kind to the following? [Enter "0" if none, enter "9" if Not Applicable and enter '8' if Don't Know]

| Activities | | Cash Amount (Nu) | Kind Amount (Approx. cash value in Nu) |
|------------|-------------------------------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------|
| Don1 | Religious establishments | | |
| Don | Religious figures | | |
| Don2 | Religious rituals | | |
| Don3 | To other families (e.g., during times of death, etc.) | | |
| Don4 | Individuals (other than your relatives) | | |
| Don7 | Others | | |
| Don8 | If "Others" please specify _____. | | |

Woola

Q93. In the past 12 months, how many days did you contribute towards the following as a "woola"?
 [Enter "0" if less than a day, enter "999" if none and enter "888" if Don't Know]

| Woola | | Record number of days | Are you compensated | | If Yes, record amount (Nu) |
|-------|--------------------------------------------|-----------------------|---------------------|----|----------------------------|
| | | | Yes | No | |
| Woo1 | Thungchhu | | 1 | 2 | |
| Woo2 | Farm road | | 1 | 2 | |
| Woo3 | Lhakang construction/repair/renovation | | 1 | 2 | |
| Woo4 | Mule track or footpath construction/repair | | 1 | 2 | |
| Woo5 | Schools | | 1 | 2 | |
| Woo6 | BHUs/health centre | | 1 | 2 | |
| Woo7 | Irrigation channels | | 1 | 2 | |
| Woo8 | Gup office maintenance | | 1 | 2 | |
| Woo9 | Bridge constructions | | 1 | 2 | |
| Woo10 | Animal husbandry centres | | 1 | 2 | |
| Woo11 | Agriculture centres | | 1 | 2 | |
| Woo12 | Carrying baggage for officials | | 1 | 2 | |
| Woo13 | Carrying messages between villages | | 1 | 2 | |
| Woo14 | Chadri preparations for official visits | | 1 | 2 | |
| Woo15 | If Others (specify _____) | | 1 | 2 | |

Sense of Belonging

Q94. How would you describe your sense of belonging to your local community?

| Belong1 | Very strong | Somewhat strong | Weak | Don't know |
|---------|-------------|-----------------|------|------------|
| | 3 | 2 | 1 | 8 |

Q95. Would you say this is a neighbourhood where neighbours help one another?

| Comm7 | Always | Sometimes | Rarely | Never | Don't know |
|-------|--------|-----------|--------|-------|------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Q96. In the last month, how often did you socialise with your neighbours?

| Tusoc2 | Few times per week | Few times a month | Once a month | Not in the last month | Don't know |
|--------|--------------------|-------------------|--------------|-----------------------|------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Sense of Trust

Q97. How much do you trust your neighbours?

| Trust4 | Trust most of them | Trust some of them | Trust a few of them | Trust none of them | Not applicable |
|--------|--------------------|--------------------|---------------------|--------------------|----------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 | 9 |

Q98. How much do you trust Bhutanese people in general?

| Tgene | Trust most of them | Trust some of them | Trust a few of them | Trust none of them | Don't know |
|-------|--------------------|--------------------|---------------------|--------------------|------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Family Relationships

Q99. Do you agree with the following statements? *[Ask this question in absence of other family members]*

| | | Disagree | Neutral | Agree | Not applicable |
|-------|---------------------------------------------------------|----------|---------|-------|----------------|
| Fam1 | The members of your family really care about each other | 1 | 2 | 3 | 9 |
| Fam3 | You wish you were not part of your family | 3 | 2 | 1 | 9 |
| Fam4 | Members of your family argue too much | 3 | 2 | 1 | 9 |
| Fam6 | You feel like a stranger in your family | 3 | 2 | 1 | 9 |
| Fam7 | You have enough time to spend with your family | 1 | 2 | 3 | 9 |
| Fam8 | There is a lot of understanding in your family | 1 | 2 | 3 | 9 |
| Fam10 | Your family is a real source of comfort to you | 1 | 2 | 3 | 9 |

Crime and Safety

Q100. Have you been a victim of the following crimes in the last 12 months? *[Ask this question in absence of other family members or other people]*

| | Nature of crime | Record number of incidences <i>[Enter "0" for none]</i> | Who was the perpetrator/suspected perpetrator of the crime? <i>[Enter codes from below]</i> |
|--------------------------------------------------------|------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Theft1 | Theft | | |
| Robbery1 | Robbery | | |
| Crime7 | Fraud | | |
| Crime3 | Vandalism | | |
| Crime8 | Physical Assault | | |
| Crime5 | Sexual Assault | | |
| Crime10 | Cyber bullying | | |
| Crime4 | Family Violence | | |
| Crime11 | Others (specify _____) | | |
| <i>If 'none' to all, need not fill the last column</i> | | | |
| 1 = Spouse/intimate partner | | 5 = Community member/neighbour | 8 = An ex-convict |
| 2 = Other family members | | 6 = Your supervisor | 9 = Unknown person |
| 3 = Close relative | | 7 = Acquaintance | 10 = Others (specify.....) |
| 4 = Friend/colleague | | | |

Q101. How safe do you feel when walking alone in your neighbourhood or village **after dark** from....?

| | | Completely safe | Safe | Neither safe nor unsafe | Unsafe | Completely unsafe |
|---------|---------------|-----------------|------|-------------------------|--------|-------------------|
| Safety1 | Human harm | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Safety2 | Wild animals | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Safety3 | Ghost/Spirits | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q102. How safe do you feel when walking alone in your neighbourhood or village **during daytime** from....?

| | | Completely safe | Safe | Neither safe nor unsafe | Unsafe | Completely unsafe |
|-------|--------------|-----------------|------|-------------------------|--------|-------------------|
| hharm | Human harm | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| wharm | Wild animals | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |

Q103. Did enmity arise between you and any other person in the community during the last 12 months?

| <i>Enmity1</i> | Yes | No | Don't know |
|--------------------------|------------|-----------|-------------------|
| | 1 | 2 | 8 |
| <i>If No, Go To Q105</i> | | | |

Q104. If yes, state the reason/reasons.

| | Reasons | Yes | No |
|-----------------|-------------------------------------------|------------|-----------|
| <i>Enmity2</i> | Land disputes | 1 | 2 |
| <i>Enmity3</i> | Disputes over irrigation water | 1 | 2 |
| <i>Enmity4</i> | Damage to crops by domestic animals | 1 | 2 |
| <i>Enmity5</i> | Parents quarrelling over children's fight | 1 | 2 |
| <i>Enmity6</i> | Illicit affairs | 1 | 2 |
| <i>Enmity7</i> | Theft | 1 | 2 |
| <i>Enmity8</i> | Alcohol | 1 | 2 |
| <i>Enmity9</i> | Drugs | 1 | 2 |
| <i>Enmity10</i> | Sexual assault | 1 | 2 |
| <i>Enmity11</i> | Family violence | 1 | 2 |
| <i>Enmity12</i> | Other (specify _____) | 1 | 2 |

1.8 – ECOLOGICAL DIVERSITY AND RESILIENCE

Connection to nature

Q105. Do you agree with the statement: "Nature is the domain of spirits and deities"?

| <i>EcolVal1</i> | Strongly agree | Agree | Neither agree nor disagree | Disagree | Strongly disagree | Don't know |
|-----------------|----------------|-------|----------------------------|----------|-------------------|------------|
| | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Q106. Do you feel responsible for conserving the natural environment?

| <i>Enres1</i> | Highly responsible | Somewhat responsible | A little responsible | Not at all responsible |
|---------------|--------------------|----------------------|----------------------|------------------------|
| | 4 | 3 | 2 | 1 |

Environmental issues

Q107. Please tell us how contented or discontented you are with the following in your living environment?

| | | Very discontented | Discontented | Neither discontented nor contented | Do not have a complaint | No complain at all |
|-------------|----------------------------|-------------------|--------------|------------------------------------|-------------------------|--------------------|
| <i>Env1</i> | Noise | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env2</i> | Air pollution | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env3</i> | River and stream pollution | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env4</i> | Crime and violence | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env5</i> | Litter | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env6</i> | Pedestrian footpaths | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Env7</i> | Street lights | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Q108. Did **forest fire** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| <i>Fire0</i> | Yes | No | Don't know |
|--------------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q110

Q109. How did **forest fire** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>Fire1</i> | Loss of life in my village | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire2</i> | Damaged my house | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire3</i> | Loss of my livestock | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire4</i> | Damaged my crops | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire5</i> | Severe service disruption – to water supply line, mobile networks, electricity supply, etc. | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire6</i> | I or my family was injured | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire7</i> | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| <i>Fire9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q110. Did **river pollution** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| <i>RiverP0</i> | Yes | No | Don't know |
|----------------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q112

Q111. How did **river pollution** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|----------------|------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>RiverP1</i> | Affected my crop | 1 | 2 | 8 |
| <i>RiverP2</i> | Affected my livestock | 1 | 2 | 8 |
| <i>RiverP3</i> | Water became unfit for consumption | 1 | 2 | 8 |
| <i>RiverP9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q112. Did **soil erosion or landslide** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| SoilE0 | Yes | No | Don't know |
|--------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q114

Q113. How did **soil erosion or landslide** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|--------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| SoilE1 | Damaged my house | 1 | 2 | 8 |
| SoilE2 | Loss of my livestock | 1 | 2 | 8 |
| SoilE3 | Damaged my crops | 1 | 2 | 8 |
| SoilE4 | Severe service disruption – to water supply line, mobile networks, electricity supply, etc. | 1 | 2 | 8 |
| SoilE5 | I or my family was injured | 1 | 2 | 8 |
| SoilE6 | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| SoilE9 | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q114. Did **flood** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| Flood0 | Yes | No | Don't know |
|--------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q116

Q115. How did **flood** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|--------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| Flood1 | Damaged my house | 1 | 2 | 8 |
| Flood2 | Loss of my livestock | 1 | 2 | 8 |
| Flood3 | Damaged my crops | 1 | 2 | 8 |
| Flood4 | Severe service disruption – to water supply line, mobile networks, electricity supply, etc. | 1 | 2 | 8 |
| Flood5 | I or my family was injured | 1 | 2 | 8 |
| Flood6 | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| Flood9 | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q116. Did **inadequate waste disposal sites or littering** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| Disp0 | Yes | No | Don't know |
|-------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q118

Q117. How did the **inadequate waste disposal sites or littering** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| Disp1 | It is unpleasant – because of the eyesore and smell | 1 | 2 | 8 |
| Disp2 | My or my family's health has been affected by a hazard I think is related to waste disposal. | 1 | 2 | 8 |
| Disp3 | Issues of waste disposal have caused significant quarrels among my community members | 1 | 2 | 8 |
| Disp9 | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q118. Did **inadequate pedestrian paths and facilities** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| Pedest0 | Yes | No | Don't know |
|---------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q120

Q119. How did the **inadequate pedestrian paths and facilities** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>Pedest1</i> | I or someone in my family has been hit by a vehicle | 1 | 2 | 8 |
| <i>Pedest2</i> | I do not walk because I am afraid or uncomfortable walking in the street/along motor roads | 1 | 2 | 8 |
| <i>Pedest3</i> | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| <i>Pedest9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q120. Did **air pollution** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| <i>Air0</i> | Yes | No | Don't know |
|-------------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q122

Q121. How did **air pollution** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>Air1</i> | I or someone in my family has a health condition due to air pollution (cough, asthma) | 1 | 2 | 8 |
| <i>Air2</i> | I feel that the air is not clear and fresh; that it is very polluted | 1 | 2 | 8 |
| <i>Air9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q122. Did **wild animals** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| <i>WildL0</i> | Yes | No | Don't know |
|---------------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q124

Q123. How did wild animals affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|---------------|-----------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>WildL1</i> | Loss of my livestock | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL2</i> | Damaged my crops | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL3</i> | I have to spend time guarding the crops | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL4</i> | Damaged my house | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL5</i> | I or my family was injured | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL6</i> | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| <i>WildL9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Q124. Did an **earthquake** significantly affect you or your family or property in the past 12 months?

| <i>Earth0</i> | Yes | No | Don't know |
|---------------|-----|----|------------|
| | 1 | 2 | 8 |

If 'No' or 'Don't know', Go to Q126

Q125. How did **earthquake** affect your life?

| | | Yes | No | Don't know |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|----|------------|
| <i>Earth1</i> | Damaged my house | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth2</i> | Loss of my livestock | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth3</i> | Damaged my crops | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth4</i> | Severe service disruption – to water supply line, mobile networks, electricity supply, etc. | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth5</i> | I or my family was injured | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth6</i> | Loss of life in my family | 1 | 2 | 8 |
| <i>Earth9</i> | Others (specify.....) | 1 | 2 | 8 |

Energy

Q126. What fuel do you use most often for cooking your food?

| | | |
|---------------------------|--|---------------------------------------------|
| Energy1 | | ◀ Please record appropriate code from below |
| 0 = Don't cook | | 5 = Dung |
| 1 = Others (specify.....) | | 6 = Charcoal |
| 2 = Solar | | 7 = Wood |
| 3 = Kerosene | | 8 = LPG |
| 4 = Straw | | 9 = Electricity |

Q127. How do you usually heat your dwelling?

| | | |
|---------------------------|--|---------------------------------------------|
| Energy7 | | ◀ Please record appropriate code from below |
| 0 = Don't heat | | 5 = Dung |
| 1 = Others (specify.....) | | 6 = Charcoal |
| 2 = Solar | | 7 = Wood |
| 3 = Kerosene | | 8 = Electricity |
| 4 = Straw | | |

Household Waste

Q128. How do you mostly dispose your household waste?

| Waste4 | Composting | Burning | Municipal garbage pick-up | Dump in rivers/ streams | Dump in forest | Dump on open land | Others |
|--------|---------------------------|---------|---------------------------|-------------------------|----------------|-------------------|--------|
| | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| | If Others (specify _____) | | | | | | |

Human-wildlife conflict [Mark not applicable for non-farming respondents]

Q129. Do you have any land that is not cultivated **specifically because of the wildlife threats** in the past one year?

| | | | |
|------------|----------------------------------------------------|-----------|-----------------------|
| HumanWild2 | Yes | No | Not applicable |
| | 1 | 2 | 9 |
| HumanWild4 | If yes, please record acreage (in decimals) _____. | | |

Q130. How many livestock do you own? In the past one year, have you lost any of these livestock to predators, and if so how many?

| | Animals | Record number of animals owned | Record number of animals lost to wildlife depredation |
|----------|------------------------|--------------------------------|-------------------------------------------------------|
| Livest1 | Yak/Zow/Zom | | Llost1 |
| Livest2 | Cow | | Llost2 |
| Livest3 | Bull | | Llost3 |
| Livest4 | Goat | | Llost4 |
| Livest5 | Sheep | | Llost5 |
| Livest6 | Horse | | Llost6 |
| Livest7 | Donkey | | Llost7 |
| Livest8 | Mule | | Llost8 |
| Livest9 | Chicken | | Llost9 |
| Livest10 | Pig | | Llost10 |
| Livest11 | Buffalo | | Llost11 |
| Livest12 | Others (specify _____) | | Llost12 |

1.9 – LIVING STANDARDS

Q131. How much income did your household earn/receive during the past 12 months from each of the following sources? [If no income is received from a source, enter 0. Leave blank only if the respondent refuses to answer.]

| Sources of Income | | What is the amount earned in cash during the past 12 months? (Nu) | What is the amount earned in kind during the past 12 months? [Estimated cash value in Nu] | |
|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| Cinc1 | Gross Salary/Wages (including religious fees) | | Kinc1 | |
| From sale of agricultural/livestock/forestry products | | | | |
| Cinc2 | Rice | | Kinc2 | |
| Cinc3 | Processed rice (<i>zaw, sip, mekhu</i> , etc.) | | Kinc3 | |
| Cinc4 | Maize/ <i>kharang</i> | | Kinc4 | |
| Cinc5 | Processed maize (<i>Tengma</i> , popcorn) | | Kinc5 | |
| Cinc6 | Wheat | | Kinc6 | |
| Cinc7 | Buckwheat | | Kinc7 | |
| Cinc8 | Other cereals | | Kinc8 | |
| Cinc9 | <i>Khabzey</i> (biscuits) | | Kinc9 | |
| Cinc10 | Potato | | Kinc10 | |
| Cinc11 | Chilli | | Kinc11 | |
| Cinc12 | Other vegetables | | Kinc12 | |
| Cinc13 | Apple | | Kinc13 | |
| Cinc14 | Orange | | Kinc14 | |
| Cinc15 | <i>Doma</i> (areca nut) | | Kinc25 | |
| Cinc16 | Other fruits | | Kinc16 | |
| Cinc17 | Meat (beef, yak meat, pork, mutton, chicken, fish, etc.) | | Kinc17 | |
| Cinc18 | Milk | | Kinc18 | |
| Cinc19 | Milk products (cheese, butter, yogurt, <i>daw, chugo</i>) | | Kinc19 | |
| Cinc20 | Egg | | Kinc20 | |
| Cinc21 | Sale of animals (<i>Jatsha, Jatsham, Mules</i> , etc.) | | Kinc21 | |
| Cinc22 | Hiring of animals (<i>Mules, Oxen</i> , etc.) | | Kinc22 | |
| Cinc23 | Cooking oil | | Kinc23 | |
| Cinc24 | Locally brewed alcoholic drinks (<i>ara, singchang, bangchang, tongpa</i>) | | Kinc24 | |
| Cinc25 | Mushroom | | Kinc25 | |
| Cinc26 | <i>Yartsa Goenbub</i> (<i>cordyceps sinensis</i>) | | Kinc26 | |
| Cinc27 | Forest wood products including bamboo and cane products (<i>Dapa, Phob, Bangchung</i> , etc.) | | Kinc27 | |
| Cinc28 | Forest non-wood products (<i>Damburu, ferns</i> , etc.) | | Kinc28 | |

| Sources of Income | | What is the amount earned in cash during the past 12 months? (Nu) | What is the amount earned in kind during the past 12 months? [Estimated cash value in Nu] |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| From non-agricultural activities | | | |
| Cinc29 | Net income from business | | Kinc29 |
| Cinc30 | Weaving | | Kinc30 |
| Cinc31 | Other crafts | | Kinc31 |
| Cinc32 | Remittances received | | Kinc32 |
| Cinc33 | Pension | | Kinc33 |
| Cinc34 | Rental of house | | Kinc34 |
| Cinc35 | Lease of land | | Kinc35 |
| Cinc36 | Rental of vehicles | | Kinc36 |
| Cinc37 | Rental of other machinery | | Kinc37 |
| Cinc38 | Profits from real estate deals including commissions | | Kinc38 |
| Cinc39 | Inheritance | | Kinc39 |
| Cinc40 | Profit from sale of land | | Kinc40 |
| Cinc41 | Profit from sale of shares | | Kinc41 |
| Cinc42 | Profit from sale of other assets | | Kinc42 |
| Cinc43 | Donations received | | Kinc43 |
| Cinc44 | Scholarships | | Kinc44 |
| Cinc45 | Income received as interests on savings, dividends from shares, etc. | | Kinc45 |
| Cinc46 | Others (Specify.....) | | Kinc46 |
| Cinc47 | Others (Specify.....) | | Kinc47 |
| Cinc48 | Others (Specify.....) | | Kinc48 |
| Cinc49 | Others (Specify.....) | | Kinc49 |
| Cinc50 | Others (Specify.....) | | Kinc50 |

Q132. During the past 12 months, did you receive any free labour contributions from people outside your household?

| | | |
|---------------------|------------|-----------|
| Inkind5 | Yes | No |
| | 1 | 2 |
| If 'No', Go to Q134 | | |

Q133. If yes, what was the approximate value of these contributions?

| | |
|---------|---------------------------------------------|
| Inkind6 | ◀ Please enter approximate cash value in Nu |
|---------|---------------------------------------------|

Financial security

Q134. With your current total household income, how difficult or easy is it for you to manage your daily necessary expenses such as for food, shelter and clothing?

| | | | | | |
|--------|-----------------------|------------------|-------------------|-------------|------------------|
| Finsec | Very difficult | Difficult | No problem | Easy | Very easy |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Household debt

Q135. What is your current household **outstanding** debt? [If there is no debt from a source, enter 0. Leave blank only if the respondent refuses to answer.]

| Sources of Debt | | Amount in Nu (Outstanding loan balance) | | When did you avail the loan? [Enter month and year – mm/yyyy] | | From whom did you borrow? [Enter code from below] |
|-----------------|---------------------------------|--------------------------------------------|--|---------------------------------------------------------------|--|---------------------------------------------------|
| Debt1 | Housing loan | | | Ldate1 | | Lsou1 |
| Debt2 | Vehicles loan | | | Ldate2 | | Lsou2 |
| Debt4 | Agricultural loan | | | Ldate4 | | Lsou4 |
| Debt5 | Business/commercial loan | | | Ldate5 | | Lsou5 |
| Debt6 | Educational loan | | | Ldate6 | | Lsou6 |
| Debt7 | Personal/consumer/employee loan | | | Ldate7 | | Lsou7 |
| Debt8 | Other loan | | | Ldate8 | | Lsou8 |
| Debt9 | Total | | | | | Lsou9 |

| | | | |
|--------------|----------|----------------------------------------|-----------------------------|
| 1 = BNB | 5 = BDBL | 9 = BOiC | 12 = Cooperatives |
| 2 = BoB | 6 = NPPF | 10 = Relatives (other than HH members) | 13 = Informal money lenders |
| 3 = T-Bank | 7 = RICB | 11 = Friends | 14 = Others (Specify.....) |
| 4 = Druk PNB | 8 = BIL | | |

Housing

Q136. Is the dwelling in which you live rented or owned?

| HTenure | Rented | Rent-free | Owned |
|---------|--------|-----------|-------|
| | 1 | 2 | 3 |

If 'Rent-free' or 'Owned', Go to Q138

Q137. If rented, what is the current monthly rent? [if payment is made in kind, assess the cash value].

| | |
|-------|----------------------|
| HRent | ◀Record amount in Nu |
|-------|----------------------|

Q138. If the dwelling is rent-free or owned, how much do you think you would pay if you had to rent this dwelling?

| | |
|-------|----------------------|
| ORent | ◀Record amount in Nu |
|-------|----------------------|

Q139. Do you have electricity in your household?

| Elec | Yes, from the grid | Yes, from solar panel | No |
|------|---------------------------------|-----------------------|----|
| | 3 | 2 | 1 |
| | If other source (specify _____) | | |

Q140. What type of roof-material is mainly used for your dwelling? [The enumerator can fill this space from observation after confirming with the respondent]

| Roof | Concrete/brick/tiles | CGI sheet/Metal | Mud | Wood | Straw/Leaves | Bamboo | Slate | Others |
|------|--------------------------|-----------------|-----|------|--------------|--------|-------|--------|
| | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| | If other (specify _____) | | | | | | | |

Q141. How many rooms are there in the dwelling? (Exclude bathrooms and toilets, also exclude kitchen if it cannot be used for sleeping)

| | |
|--------|-------------------------|
| HRooms | ◀Record number of rooms |
|--------|-------------------------|

Q142. Do you have **adequate** drinking water supply?

| | | |
|-------|------------|-----------|
| Water | Yes | No |
| | 1 | 2 |

Q143. What is the main source of water for your household for drinking?

| Floor | Piped-in dwelling | Piped water outside house | Piped to neighbour | Public outdoor tap | Protected well | Unprotected well | Protected spring | Unprotected spring | Rainwater | Other source |
|---------------------------------|-------------------|---------------------------|--------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|--------------------|-----------|--------------|
| | 9 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 0 |
| If other source (specify _____) | | | | | | | | | | |
| If '9', Go to Q145 | | | | | | | | | | |

Q144. If not piped into dwelling, how long does it take to get to the water source, get water and come back?

| | |
|-------|------------------------------------------------------|
| Fetch | ◀Record number of minutes [Enter 999 for Don't know] |
|-------|------------------------------------------------------|

Q145. How would you rate the quality of your drinking water (discolouration, odour, sediment, taste etc.)?

| | Very good | Good | Neither good nor poor | Poor | Very poor | Don't know |
|---------|-----------|------|-----------------------|------|-----------|------------|
| WatQua1 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | 8 |

Q146. What kind of toilet facility does your household use?

| Toilet | Flush toilet | Ventilated improved pit latrine | Pit latrine (with slab) | A composting toilet | Flush to somewhere else | Pit latrine (without slab) | No toilet facility (use open spaces) | Others |
|---------------------------|--------------|---------------------------------|-------------------------|---------------------|-------------------------|----------------------------|--------------------------------------|--------|
| | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| If others (specify _____) | | | | | | | | |

Asset Ownership

Q147. How many acres of land does your household own? [Record acreage in decimal. If don't know, enter '8888'. Don't leave it blank].

| | Type of land | Acreage (in decimal) |
|-------|--------------------------|----------------------|
| Land1 | Kamzhing | |
| Land4 | Chhuzhing | |
| Land5 | Ngueltho dumra (Orchard) | |
| Land6 | Tshoesa | |
| Land7 | Khimsa | |

Q148. Which of the following equipment does your household own? Could you kindly give the total number? [Enter 0 for none and '888' for 'don't know'. Don't leave it blank]

| | Equipment | Number |
|---------|--------------------------------------------|---------------|
| Equip1 | Tractor | |
| Equip2 | Power tiller | |
| Equip3 | Power thresher | |
| Equip4 | Paddle thresher | |
| Equip6 | Rice/maize mill set | |
| Equip7 | Oil mill set | |
| Equip8 | Power reaper | |
| Equip9 | Mobile telephone | |
| Equip10 | Fixed line telephone | |
| Equip11 | Personal computer/Laptop | |
| Equip12 | iPad | |
| Equip13 | Camera | |
| Equip14 | Sewing machine | |
| Equip15 | Refrigerator | |
| Equip16 | Washing machine | |
| Equip17 | Radio or transistor | |
| Equip18 | Television | |
| Equip19 | VCR/VCD/DVD | |
| Equip20 | Family car | |
| Equip21 | Other vehicles (trucks, buses, DCMs, etc.) | |
| Equip22 | Two-wheel vehicles | |
| Equip23 | Compound bow | |
| Equip24 | Power chain saw | |
| Equip25 | Choesham | |
| Equip26 | Sofa set | |
| Equip27 | Others (Specify _____) | |

Anexo B

Quadro. 1.1. - Peso dos diferentes indicadores do IFIB.

Fonte: CBS, 2016:57.

| Domínios e Indicadores do IFIB | |
|---------------------------------------|----------------------------------------|
| Domínio | Indicador |
| Bem-estar psicológico | Satisfação com a vida |
| | Emoções positivas |
| | Emoções negativas |
| | Espiritualidade |
| Saúde | Estado de saúde repostado pelo próprio |
| | Número de dias saudáveis |
| | Deficiência |
| | Saúde mental |
| Uso do tempo | Trabalho |
| | Sono |
| Educação | Literacia |
| | Escolaridade |
| | Conhecimento |
| | Valores |
| Diversidade e resiliência cultural | Competências artesanais |
| | Participação cultural |
| | Falar a língua mãe |
| | Código de conduta |
| Boa governança | Participação política |
| | Serviços |
| | Desempenho da governação |
| | Direitos fundamentais |
| Vitalidade da comunidade | Doação (tempo e dinheiro) |
| | Segurança |
| | Relações na comunidade |
| | Família |

| | |
|-------------------------------------|-----------------------------------------|
| Diversidade e resiliência ecológica | Estragos causados pela vida selvagem |
| | Assuntos urbanos |
| | Responsabilidade em relação ao ambiente |
| | Assuntos ecológicos |
| Nível de vida | Rendimento |
| | Bens |
| | Habitação |

Anexo C

Quadro. 1.2. - Peso dos diferentes indicadores do IFIB.

Fonte: CBS, 2016:57.

| Peso dos diferentes Indicadores do IFIB | | |
|------------------------------------------------|----------------------------------------|--------------------------|
| Domínio | Indicador | Peso do indicador |
| Bem-estar psicológico | Satisfação com a vida | 1/3 |
| | Emoções positivas | 1/6 |
| | Emoções negativas | 1/6 |
| | Espiritualidade | 1/3 |
| Saúde | Estado de saúde repostado pelo próprio | 1/10 |
| | Número de dias saudáveis | 3/10 |
| | Deficiência | 3/10 |
| | Saúde mental | 3/10 |
| Uso do tempo | Trabalho | 1/2 |
| | Sono | 1/2 |
| Educação | Literacia | 3/10 |
| | Escolaridade | 3/10 |
| | Conhecimento | 1/5 |
| | Valores | 1/5 |
| Diversidade e resiliência cultural | Competências artesanais | 3/10 |
| | Participação cultural | 3/10 |
| | Falar a língua mãe | 1/5 |
| | Código de conduta | 1/5 |
| Boa governança | Participação política | 2/5 |
| | Serviços | 2/5 |
| | Desempenho da governação | 1/10 |
| | Direitos fundamentais | 1/10 |
| Vitalidade da comunidade | Doação (tempo e dinheiro) | 3/10 |
| | Segurança | 3/10 |

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------------|------|
| | Relações na comunidade | 1/5 |
| | Família | 1/5 |
| Diversidade e resiliência ecológica | Estragos causados pela vida selvagem | 2/5 |
| | Assuntos urbanos | 2/5 |
| | Responsabilidade em relação ao ambiente | 1/10 |
| | Assuntos ecológicos | 1/10 |
| Nível de vida | Rendimento | 1/3 |
| | Bens | 1/3 |
| | Habitação | 1/3 |